A high-contrast, black and white portrait of a man with dark hair, wearing a light-colored suit jacket, a white shirt, and a dark tie. He is looking directly at the camera with a slight smile. The background is dark and out of focus.

Conselho Federal de Administração  
Wellington Penalva

**BELMIRO**  
AMOR E ADMINISTRAÇÃO





**CFA**

Conselho Federal de  
Administração

# **BELMIRO**

## AMOR E ADMINISTRAÇÃO

WELLINGTON PENALVA

CONSELHO FEDERAL DE ADMINISTRAÇÃO

**2018** Editora Conselho Federal de Administração

Todos os direitos reservados ao Conselho Federal de Administração. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriado ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização do CFA.

Coordenação Editorial: Renata Costa

Autor/Escritor: Wellington Penalva

Pesquisadores: Julia Alves Tito e Vitor Camargo

Colaboração: Leonardo Ribeiro Fuerth

Revisão ortográfica: Maggiore Idiomas

Projeto gráfico e diagramação: Radiola Design e Publicidade

Fotos: acervo da família; CFA; CRA-RJ e internet.

1ª edição, 2018

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo autor

Penalva, Wellington

Belmiro: amor e administração / Wellington Penalva,  
Vitor Camargo. Brasília, 2018.

140 f.

1. Belmiro Siqueira. 2. Conselho Federal de  
Administração. I. Título: Belmiro, amor e administração.

ISBN 978-85-907206-1-4

# SUMÁRIO

**07**

**Prefácio**

**11**

**Prelúdio**

**17**

**Introdução**

**25**

**Parte I**

As origens  
de Siqueira

**47**

**Parte II**

De Ubá para  
o Brasil

**107**

**Parte III**

Do fim ao  
depois



# PREFÁCIO

O otimismo contumaz é uma qualidade cuja manutenção ininterrupta ao longo da vida se mostra quase impossível. Em verdade, toda história é feita de altos e baixos. A dinâmica de uma biografia pede – por vezes, exige – que ora acreditemos mais no êxito, ora menos. Portanto, quem transgride tal efeito cíclico é livre para assumir um ponto de vista imune à irrevogável oscilação. Belmiro Siqueira era um transgressor.

Este livro tem como objetivo biografar o Patrono dos profissionais de Administração no Brasil, e o faz muito bem. Aqui está a sua vida desde o nascimento em Ubá, Minas Gerais, até o infarto derradeiro que o levou à morte em Porto Velho, Rondônia. Porém, conteúdo equivalente em relevância está no percurso desenhado na exposição desta obra. Tão importante quanto quem era e o que fez Belmiro Siqueira é compreender aquilo que o fez.

Levou um tempo para eu conseguir distinta compreensão, e ainda acho que não o fiz em sua totalidade. Estou falando do meu pai. Ele gostava de me chamar de “meu adorável inimigo”, porque conservamos grande diferença no jeito de ser: éramos opostos. A bondade dele, por exemplo, era algo que me irritava. “Como pode alguém perdoar e ajudar a quem lhe faz mal?”, eu questionava do alto da minha razão. Fui encontrando essas respostas ao longo dos anos, aprendendo com as atitudes do velho bem depois da sua morte.

Sendo filho e atuando profissionalmente na mesma área, conheci bem Belmiro. Papai foi um homem inexplicável pelo recurso da lógica, tal qual a entendemos. A dialética

presente neste livro, no entanto, consegue transmitir com clareza e beleza essa figura icônica. Fugindo da formalidade e burocracia que envolve retratar um personagem relevante na história da gestão pública brasileira – ocupando, inclusive, a cadeira de ministro de Estado –, o jornalista e escritor estreado Wellington Penalva concebe um texto humanizado e cativante, exato em seu intento.

Para mim, a leitura foi emocionante. Ainda que filho do biografado, fui surpreendido pelo ineditismo de algumas passagens. Lia com os olhos rasos d'água, redescobrinho aquele homem página a página, reaprendendo um tanto mais do seu jeito manso, amoroso e sábio de lidar com a vida. Pela primeira vez, tive a oportunidade de ver o papai pela lente literária, numa perspectiva *sui generis*. O livro certamente é uma boa fonte de informação, todavia desperta empatia magnética oriunda do casamento entre conteúdo e plataforma expositora.

“Belmiro: Amor e Administração” tem relevo especial aos administradores do país por fomentar memória à classe: é uma publicação literária inédita do Conselho Federal de Administração, em registro à parcela de sua própria história. Por outro lado, a narrativa romanceada com a qual se desdobra a biografia infere universalidade à obra. Assim como papai, este livro ultrapassa o limite do formal e encontra o íntimo de quem embarca em sua história.

Sabendo que tem em mãos mais do que o registro formal e burocrático de um ícone da Administração no Brasil, a despeito da área em que atue ou deseje atuar, não se acanhe em ir adiante. A forma como Belmiro se doou ao mundo nunca fez distinção.

**Adm. Wagner Siqueira**

**Presidente do Conselho Federal de Administração**





# PRELÚDIO

*“Nasci sem pedir, vou morrer sem querer. Mas enquanto viver, vou viver gostosamente”*

O medo da morte é um sentimento inerente ao ser humano. Na iminência de perder a vida, uma pessoa é capaz de tudo para reverter o quadro. Independente da forma, o importante é continuar vivo. Talvez seja o instinto de sobrevivência, puramente animal. Acontece que raras exceções desconhecem esse limite. É o caso dos idealistas, dos românticos, indivíduos atemporais que, seja por uma visão espiritualizada de mundo ou pela certeza material de que seu legado não perece tal qual a carne, impõem sua imortalidade pela forma como vivem: deixando um pouco de si por onde passam, contaminando as atmosferas que transitam, semeando a si nos que os cercam. São pessoas com sede de vida, acreditam na experiência, no contato, na ação. Enxergam a vida como um curso d'água – só tem sentido se estiver em movimento. Belmiro Siqueira pertencia a esse grupo e fez uma escolha importante ainda nos primeiros meses de 1986.

*Aos 65 anos, Belmiro tocava sua agenda como um garoto. Sempre dava jeito de encaixar mais uma palestra, uma aula, um encontro. Era aficionado pelo que fazia; portanto, quanto mais pudesse fazer, melhor.*

A energia e o fôlego já não eram os mesmos diante da habitual rotina alucinante que nutria desde os tempos da pensão no Catete, ainda nos primeiros anos no Rio de Janeiro. Mesmo assim, aos 65 anos, Belmiro tocava sua agenda como um garoto. Sempre dava jeito de encaixar mais uma palestra, uma aula, um encontro. Era aficionado pelo que fazia; portanto, quanto mais pudesse fazer, melhor. Amante dos relacionamentos interpessoais, da troca constante de experiências e crente fervoroso na capacidade de evolução do ser humano por meio do mérito, estava certo de que o ritmo a ser suportado pelo corpo deveria ser aquele imposto pela alma – regra que, de uma forma ou de outra, vigorou na vida do polivalente Belmiro. Sendo assim, decidiu passar por cima da fadiga e seguir adiante.

Se para ele estava resolvido, para sua família a coisa não era tão simples assim. Em 1983, Belmiro sofreu um infarto do miocárdio. Apesar do susto, o problema foi tratado com rapidez e eficiência no Hospital dos Servidores do Estado, no Rio de Janeiro, e não deixou sequelas aparentes. Aos olhos mais íntimos, naquele momento a fadiga evidente de Siqueira insinuava algo mais do que um mero cansaço. Uma insinuação captada com clareza e angústia por Gilda Nunes, nora, colega de profissão e amiga de Belmiro.

Sem esperar autorização, Gilda marcou consulta com um cardiologista do hospital Serviços Médicos da Guanabara (SEMEG). Assemelhando-se a tantas mães que levam seus filhos reticentes a consultórios médicos, zelando a todo desgaste pela saúde de quem ainda não tem consciência do que isso significa, ela levou o sogro pelo braço, praticamente à força – se não no sentido denotativo, certamente o fez em conotação. Mas Belmiro não era

nenhum infante. Sensitivo, estava certo de que ir ou não àquele encontro médico culminaria no mesmo desfecho. Foi em respeito à preocupação familiar, nada mais.

O quadro não era simples. Depois de realizados alguns exames, o médico deu o diagnóstico: aneurisma ventricular (enfermidade cardíaca que consiste na dilatação de uma parte do ventrículo esquerdo, resultante da cicatrização da perda da musculatura consequente ao infarto do miocárdio – o caso de Belmiro – ou à miocardite infecciosa). Para que o desfecho fosse adverso ao de morte, seria necessária uma intervenção cirúrgica, à época uma técnica nova no mundo da medicina. No entanto, havia um preço para que se continuasse a vida.

Dentre muitos desfechos ao ato cirúrgico, o risco de morte, apesar de diminuto, também figurava. O que se propunha bem possível eram as sequelas, com destaque para a perda de força corporal que poderia acarretar em sérias dificuldades de locomoção e até mesmo na incapacidade de andar. Corria o risco de não poder mais trabalhar e ficar restrito às limitações de um corpo enfermo. Entre a vida e a morte, a decisão era óbvia.

Vida e morte podem ter muitos significados, leituras e traduções. Não são conceitos conclusos, como sugere a semântica. A mitologia grega romantiza isso ao contar a história de Aquiles – algumas vezes tratado como semideus –, que decidiu participar da guerra de Tróia mesmo advertido de que lá encontraria sua cova. Por ser um guerreiro, viver longe do campo de batalha significaria estar morto em essência, ou seja, viver uma vida desnutrida de vitalidade. Portanto, guerreou até a morte para que vivesse plenamente.

*Por ser um guerreiro, viver longe do campo de batalha significaria estar morto em essência, ou seja, viver uma vida desnutrida de vitalidade. Portanto, guerreou até a morte para que vivesse plenamente.*



*Vida e morte  
podem ter muitos  
significados,  
leituras e traduções.  
Não são conceitos  
conclusos, como  
sugere a semântica.*

Nem mitológico, muito menos semideus. Belmiro era um jovem senhor, sexagenário, com pouco mais de 1,65 metro de altura, cuja maior força aparente era o semblante alegre e o constante sorriso entre os lábios, leve e despreocupado. Um brasileiro dentre os quase 140 milhões que o censo dava conta à época. Mesmo assim, nutria um conceito particular de vida e morte. Não bastava que pulsasse o coração, era preciso fazer sentido, ter um signo, um significante que o mantivesse em movimento. Diante da gravidade inquisidora do diagnóstico, Belmiro não se deu ao trabalho de pensar duas vezes. Entre a complicada cirurgia e a morte prematura, deu o veredicto: “Quero morrer como tenho vivido”.





# INTRODUÇÃO

*E viveu “gostosamente”  
cada instante de sua vida.*

Patrono da Administração no Brasil, Belmiro Siqueira é um nome forte na área. Atuou nos bastidores, substanciando o deputado federal Alberto Guerreiro Ramos para a regulamentação da profissão, aprovada no Congresso em 1965, e sancionada pelo então presidente da República, General Artur da Costa e Silva, em 1967. Também foi referência prática e teórica para a gestão pública do país durante diferentes governos – muitas vezes divergentes em seu cerne ideológico (de Vargas aos militares, passando por Eurico Gaspar Dutra, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart).

Optou pelo contato real, direto e muitas vezes pessoal com os indivíduos. Por isso, preferiu o serviço público à política; a sala de aula e as palestras aos restritos grupos de pensadores autoendeusados. Escolhas que eternizaram seu saber, gestado em cada corredor, repartição, instituição ou estabelecimento por onde resolvesse transitar e legaram o esquecimento à sua personalidade. Isto dito em relação ao grande público. Para os do seu convívio, uma figura inesquecível, quando não imortal, latente em suas consciências e ações.

## BELMIRO – AMOR E ADMINISTRAÇÃO

---

Se para o grande público Belmiro Siqueira é um nome vago, o Plano de Cargos e Salários do Estado brasileiro certamente é bem familiar. Este teve seu modelo inaugural idealizado e formulado por Belmiro, implantado no Estado da Guanabara pelo então governador Carlos Lacerda e exportado para o Governo Federal do à época presidente João Goulart.

Para boa parte dos jovens administradores, Belmiro figura com maior clarividência na profissionalização da Administração. Entretanto, muitos são ignorantes quanto à realidade de que ele foi o principal codificador e pensador dessa área do conhecimento aqui na América Latina, em um momento onde os latino-americanos tateavam esta ciência. Foi referência nos campos da Estatística e da outrora Administração de Pessoal, hoje denominada Gestão de Recursos Humanos.

Os estudantes das primeiras faculdades de Administração do país beberam com muita intensidade dessa fonte. A literatura de Siqueira protagonizava as ementas dos estreates cursos que muitas vezes, fosse por uma consultoria formal ou informal, nasciam com o auxílio do próprio Belmiro. Justamente por isso, seu nome fez parte do corpo docente da Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP), a primeira faculdade do país nessa área.

*Sua filosofia:  
quem mais precisa  
de ajuda são as  
pessoas ruins,  
para que um dia  
melhorem; os bons  
já são bons, podem  
conseguir sozinhos.*



Ao lado | FEA/SP primeira faculdade de Administração brasileira, fundada em 1946

Ao lado | Belmiro com seu sorriso leve e solto



Ladeado à dedicação apaixonada que nutria pela academia, Siqueira, no papel de servidor público, empregava sua energia na evolução da conduta estatal brasileira. Atuou por mais de 20 anos no Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), órgão no qual ocupou a direção por 2 anos. Siqueira ventilava a desburocratização do Estado; defendia a meritocracia e o fim do apadrinhamento no serviço público décadas antes do sistema do mérito se tornar pauta nos debates políticos e sociais do Brasil.

Frente a tantos cargos e atividades profissionais, pode aparentar que estamos falando de alguém cuja vida privada esconda segredos discrepantes da vida pública. É o roteiro esperado e contemplado em muitas biografias: é natural que “na intimidade” um indivíduo se apresente sem os crivos sociais que o balizam em público. Talvez nesse ponto se mostre a maior excentricidade de Belmiro Siqueira. Era o mesmo onde estivesse, fazendo o que fizesse. Sua postura carinhosa dedicada aos filhos e familiares se estendia aos alunos e colegas de trabalho.

Belmiro era um homem tão do bem que, por vezes, sua benevolência irritava as pessoas mais próximas. Isso acontecia quando ele ajudava alguém que julgassem não

merecer. Às críticas, sua filosofia: quem mais precisa de ajuda são as pessoas ruins, para que um dia melhorem; os bons já são bons, podem conseguir sozinhos. E assim, no universo que o cercava, trabalhava para o aperfeiçoamento do ser humano. Atendia a todos. Sempre conseguia tempo para dar um conselho, uma ajuda ou uma orientação.

Bem-humorado era um estado quase eterno na vida de Belmiro, quebrado apenas – e raramente – em circunstâncias extremas, como no falecimento de sua mãe. Informalidade e empatia eram traços inegáveis. A gravata nunca justa e os ternos nada sofisticados que usava davam a impressão de que o traje era apenas – e só apenas – para cumprir protocolo. Alguém de pouca vaidade, que desprezava as embalagens para se concentrar unicamente no conteúdo.

Também nutria um desapego material intrigante. Apesar de ocupar altos cargos e ter uma remuneração acima da média, não ligava muito para o dinheiro. Na casa do patrono da Administração, a gestora era sua esposa, Eby Siqueira. A vida financeira da família era ditada pela matrona. Em contrapartida, Belmiro era aficionado por carros. Uma paixão talvez genética, herdada do pai que praticamente não conheceu.

Imbatível mesmo era sua avidez por conhecimento e cultura. Autodidata, lia compulsivamente, até mesmo na hora do banho. Imerso na banheira, só lhe bastavam as mãos e a cabeça acima da linha d'água e um livro para transformar o ato de se lavar

Na próx. pág. | Belmiro  
e sua esposa Eby

*Siqueira ventilava a  
desburocratização do Estado;  
defendia a meritocracia e o fim do  
apadrinhamento no serviço público  
décadas antes do sistema do mérito se  
tornar pauta nos debates políticos  
e sociais do Brasil.*



*Belmiro tinha ímpeto vultoso para disseminar o que aprendia. Essa troca se configurou como a engrenagem motora de sua vida, sem distinção entre pessoal e profissional.*

em outro momento de leitura. Com recíproca intensidade, Belmiro tinha ímpeto vultoso para disseminar o que aprendia. Essa troca se configurou como a engrenagem motora de sua vida, sem distinção entre pessoal e profissional. Por isso, nunca tirou férias, assim como é possível afirmar que nunca trabalhou; em verdade, se divertia.

Um personagem atípico que, à primeira vista, pode despertar desconfiança. Nesse mundo, quem consegue ostentar otimismo inabalável, empatia generalizada, humildade e generosidade incontestes? Aparentemente, ninguém. Foi o primeiro pensamento que tive ao iniciar este trabalho. Com o avanço das entrevistas e o maior contato com interlocutores de Belmiro, senti meu ceticismo se afastar pouco a pouco.

Inicialmente, fiquei admirado com sua gana por adquirir e partilhar saberes. Contudo, não me convencia do eterno bom humor, do trato fácil com todos, da admiração homogênea em torno de tal figura. Procurei um momento de sobressalto, de ira, de fúria ou até mesmo de leve destempero paternal em sua vida. Nada encontrei.

Por último, durante uma conversa com o pernambucano Gildo Galindo – que conviveu profissionalmente com Belmiro em seu último ano de vida –, indaguei a respeito do inabalável temperamento de Siqueira e se ele não tinha inimigos. Nordestinamente, Galindo secou meu ceticismo ali mesmo, na orla de Recife: “um homem que ocupou grandes posições, como o professor Belmiro, certamente encontrou inimigos e opositores. Acontece que, mesmo que tenha sido rivalizado, era impossível que alguém lhe tivesse ‘mal-querência’. É uma coisa fora do normal, mas o professor Belmiro era o tipo de pessoa iluminada, daquelas que nascem a cada 50 ou 100 anos”.





# PARTE I

## AS ORIGENS DE SIQUEIRA

## *Há mais de 100 anos...*

A história de Belmiro Siqueira, em sua gênese, remonta um período de grandes transformações no Brasil. Depois da extenuante pressão internacional, o império de Dom Pedro II extinguiu o regime escravocrata com a sanção da Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel em 13 de maio de 1888. Um ano e meio mais tarde, mudava o regime e o país se tornara República. Ladeado e impulsionado por esse turbilhão político, econômico e social, o fenômeno da grande imigração do final do século XIX e início do XX trazia milhares de europeus que se instalavam, sobretudo, nas regiões Sul e Sudeste do território nacional.

Seguindo essa onda, Tereza Jório, mãe de Belmiro, nasce entre a Calábria e o Rio de Janeiro, em pleno Oceano Atlântico, a bordo de um vapor italiano. Saíra da Itália ainda no ventre da mãe, Roza Savina Jório, acompanhada pelo pai, Antônio Jório, e pela irmã, Rozaria. Como outras milhares de famílias, fugiam de uma Europa convulsionada, desgastada e em profunda crise econômica. Esperavam refazer a vida no Brasil, Estado em formação, carente de mão de obra e aberto a estrangeiros.



Ao lado | Imigrantes italianos

As esperanças se concretizariam para os Jórios, exceto para o patriarca da família que, vítima da cólera, sucumbe antes de aportar. Mãe e filhas desembarcam na capital federal, em 1894. De lá, seguem para a cidade de Ubá, na Região da Zona da Mata de Minas Gerais, onde se radicam. Tereza, em especial, se tornou civilmente brasileira. Apesar da ascendência italiana, teve o primeiro registro civil em seu país anfitrião.

O pequeno município mineiro abrigava imigrantes de duas diferentes gerações. Uma delas é a pós 1888, formada majoritariamente por camponeses italianos, experientes na lida com a terra, que substituiriam o trabalho escravo nas lavouras. A outra remonta a ocupação geográfica do local, com sesmarias loteadas e distribuídas às famílias dispostas a empreender no lugarejo que, graças a esse fenômeno, logrou status de município em 1857. Ainda no período escravista, os que vinham do além-mar traziam expertises urbanas em geral, uma vez que os trabalhos campestres ficavam a cargo dos cativos negros. Eram artesãos, alfaiates, comerciantes, operários, ferreiros, caldeireiros e marceneiros.



Ao lado | Ubá em 1958



---

Já nascido no Brasil, o pai de Belmiro foi fruto de tal processo. João de Siqueira ascendia de Portugal, pelo pai, e da Itália, por parte da mãe. Talvez por influência dos ofícios exportados pelos ancestrais europeus, sagrou-se proeminente barbeiro da cidade. Pertencia a uma família de certa relevância local. Seu tio, Joaquim Siqueira, chegou a ser prefeito de Ubá no início dos anos de 1930.

No coração da Zona da Mata de Minas Gerais, nos primeiros anos da década de 1910, então, se formava uma família ítalo-luso-brasileira. Um arranjo familiar bastante comum para o momento histórico da ex-América portuguesa, influente na própria formação da identidade nacional. No caso dos Siqueiras, numa dimensão micro, a Europa tecia seus costumes ibéricos na identidade dos novos mineiros nascidos ali.

Depois de casados, Thereza e João ocuparam a casa em frente à Praça e à Capela de Nossa Senhora das Mercês, centro econômico da cidade. Um grande casarão que se estendia até o outro lado do quarteirão (hoje Avenida Beira Rio), por onde passa o Ribeirão Ubá, que corta toda a zona urbana municipal. O endereço foi nascedouro de todas as crianças geradas pelo casal. O mais velho, Eurico, nasceu em 1914; Maria Amélia, em 1916; Maria Rosa, 1918; Emery, 1920; Belmiro, 1921; e João, o caçula, em 1922.

Entre a praça e o rio, a fachada da casa ostentava duas grandes janelas e uma sequência de quatro portas, sendo duas destinadas ao comércio gerido por Thereza Jório de Siqueira, sua mãe dona Roza e sua irmã Rozaria. As italianas vendiam quitutes, linguiças, doces e outras guloseimas. Chegaram inclusive a fornecer marmitas para a cadeia pública de Ubá. O negócio era bastante sólido e representava importante fonte de renda para a família. Sucesso comprovado pelo mimo que esposa, sogra e cunhada fizeram a João de Siqueira, presenteando-o com o primeiro automóvel da cidade, um Ford T – popularmente conhecido como Ford Bigode – importado de trem do Rio de Janeiro.

Não demorou muito para Thereza se arrepender do presente. Segundo consta, os Siqueiras tinham fama de mulherengos na pacata Ubá. Diziam: “não podem ver uma saia na corda que agarram, pensando que é mulher”. João, ao menos, honrou a fama usando a invenção de Henry Ford. Vez ou outra enchia o carro de mulheres, fazendo sua esposa correr feito louca atrás da estranha máquina de quatro rodas. Quando não, alguém comunicava: “o João deve estar no bordel, acabo de ver o carro parado lá na frente”.

Na pág. anterior | João, Thereza e seus filhos. Belmiro está no colo da sua mãe

## BELMIRO – AMOR E ADMINISTRAÇÃO

---

Pela cultura machista pulsante no início do século XX, o contratempo se alinhava mais com a graça do que com a desgraça de um casamento. No fim das contas, o automóvel ficava mais em casa do que na rua. Combustível era coisa rara. E quando saía, era a própria Thereza que coordenava a retirada, a pedido do marido. Ia até a esquina conferir se a rua estava livre para o jovem barbeiro sair sem causar acidentes ou atingir algum transeunte desavisado.

João acabou usufruindo do Ford e protagonizando hilárias histórias da família por pouco tempo. Com o filho caçula ainda no ventre da esposa, o barbeiro de 27 anos adoece e morre. A enfermidade, conhecida como “nó nas tripas” naquele momento, era obscura à medicina da época. Hoje é sabido que João de Siqueira foi acometido por uma apendicite supurada.

Devido ao falecimento do marido, dona Thereza adota o luto, vestindo preto até o fim da vida, e passa a cuidar da prole com o auxílio da mãe e da irmã. Assim que alcançasse a maturidade, Eurico, o filho mais velho, seria alçado a chefe da família, como mandava a tradição italiana.



Ao lado | O modelo Ford T

Ao lado | Praça das  
Mercês



Em consequência à morte prematura de seu progenitor, Belmiro se vê órfão de pai com apenas um ano de idade. Seu irmão mais novo, batizado João, nem mesmo pôde conhecer aquele de quem herdou o nome. Na ausência da figura paterna, as crianças experimentaram uma criação matriarcal, no seio de uma sociedade interiorana que, muito próxima ao Rio de Janeiro, assistia à evolução da história do país. Foi onde cresceu Belmiro.

### **ENTRE A PRAÇA E O RIO, NO CORAÇÃO DE UBÁ**

Ubá conta hoje com mais de 100 mil habitantes. É uma das maiores cidades do estado, tem comércio sólido e se destaca como grande polo moveleiro do país. Apesar de possuir propriedades rurais e exercer atividades agrícolas, o setor está em segundo plano, fazendo a concentração populacional urbana ser incomparavelmente maior à do campo. É um município bastante ativo, com ruas, avenidas, semáforos e até congestionamento do trânsito nos horários de pico. Mas na primeira metade do século passado, essa realidade praticamente não existia, quiçá era prenunciada.

No dia 22 de outubro de 1921, ao chegar ao mundo, Belmiro estava em Ubá, mas dia-cronicamente o cenário era outro. Na zona urbana, residências e pequenos comércios se espalhavam pelas ruas, seguindo os relevos geográficos presentes na região – ladeiras e logradouros em diferentes níveis de altura do solo. Enquanto mais de dois terços da população se concentravam no campo, geralmente nas lavouras de café e de fumo, cerca de oito mil pessoas viviam no perímetro urbano.

Bem ou mal, todos se conheciam em Ubá. Moradores de uma mesma rua eram como parentes, sabiam uns das vidas dos outros, se ajudavam, brigavam, fofocavam. Mantinham uma interação fraterno-social, algo cada dia mais raro e sufocado pela civilidade individualista das metrópoles. No caso das crianças, a coisa era ainda mais próxima. A aliança entre inocência infantil e pureza interiorana desconsiderava qualquer cerimônia. Os moleques entravam e saíam das casas dos amigos, mexiam nas panelas e tomavam bronca dos mais velhos, que eram respeitados e enxergados como aos próprios pais.

A casa na qual Belmiro morava era um paraíso para as crianças das redondezas. O enorme quintal nos fundos dava acesso ao riacho, mas já bastaria por si só. As árvores frutíferas, além de sombrear o terreiro onde brincavam, eram ótimos lugares para escalar, colher e saborear os frutos frescos. Com tantos atrativos, era comum ver pequenos ubaenses circulando pela casa, muitas vezes sujos de barro, com peões e cordas nas mãos, efusivos. Se o dia fosse de calor, o banho de rio era certo.

*Desde cedo, Belmiro demonstrava as qualidades que o consagrariam no futuro. O desejo pelo progresso do ser humano, o entusiasmo em ajudar, a solidariedade e o altruísmo eram intrínsecos no comportamento do menino do interior.*

Ao lado | Casa dos Siqueiras em Ubá



Um pouco mais novos do que Belmiro, os irmãos Nacipe e Eduardo Jacob eram frequentadores assíduos da casa dos Siqueiras, nos idos dos anos de 1930. Quase diariamente se juntavam aos meninos da família para brincar na Praça das Mercês. Na sombra das famosas mangueiras da cidade, jogavam bolas de gude e se divertiam livremente pela rua de terra. O ápice da farra se dava num ringue de boxe, improvisado no quintal de dona Thereza.

Usando árvores como corner, Belmiro cercava quatro delas com uma corda e criava o palco das lutas. Disponibilizava luvas para quem quisesse participar. Esportivamente, os amigos passavam tardes inteiras se confrontando. O que intrigava, aproximava e despertava paixão nos irmãos Jacob era o comportamento do anfitrião. Para além de oponente, ele se punha na condição de treinador e encarava a prática esportiva com seriedade. Também vibrava sempre que um dos pupilos dominava uma técnica ou melhorava o nível como boxeador.

Desde cedo, Belmiro demonstrava as qualidades que o consagrariam no futuro. O desejo pelo progresso do ser humano, o entusiasmo em ajudar, a solidariedade e o altruísmo eram intrínsecos no comportamento do menino do interior. Nesse quesito, uma pessoa em especial ajudou a solidificar tais valores. Foi o seu homônimo avô paterno, o homem que substituiu o finado pai no ensino da ética e da moral via escola cristã.

*O ensino religioso para os pequenos era bem direcionado, de modo que os envolvia e despertava interesse. Desde então, o menino Siqueira começou a compreender mais claramente princípios como amor ao próximo, realização pelo trabalho e conquista pelo mérito.*

Belmiro Siqueira, o avô, era um fiel metodista muito respeitado na comunidade evangélica em que atuava. Enfrentou ataques brutais oriundos da intolerância religiosa da época que, a despeito da liberdade ao culto religioso não católico garantido pela Constituição Imperial de 1824, acontecia sem cerimônia. Após perder o filho, o velho assumiu a responsabilidade de educar os netos no que diz respeito à fé e seus adendos. O menino Belmiro, ainda que novo, conseguiu absorver a relevância da atividade proposta.

Todo domingo, o avô buscava o neto em casa para irem juntos à igreja. Ele, o garoto, ficava na escola dominical com outras crianças enquanto o senhor participava do culto. O ensino religioso para os pequenos era bem direcionado, de modo que os envolvia e despertava interesse. Desde então, o menino Siqueira começou a compreender mais claramente princípios como “amor ao próximo”, “realização pelo trabalho” e “conquista pelo mérito”. Tudo isso era sedimentado fora do ambiente eclesiástico, graças ao convívio paternal entre os órfãos – um de pai, o outro do filho.

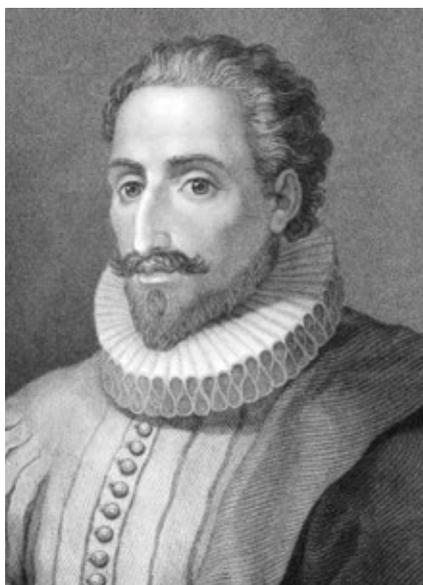
Àquela época, o famoso ditado, “farinha pouca, meu pirão primeiro”, era muito conhecido e divulgado. Mas o garoto Siqueira, como fez por toda vida, caminhava na contramão da sabedoria popular quando seu particular senso de humanidade e os valores fomentados pelo avô eram violados. Por isso, ao buscar lanches ou doces na venda da família, voltava com os bolsos cheios para a rua e distribuía entre os amigos. A atitude era tão rara na turma que ficou tatuada na memória dos que ainda podem contar.

Sua infância era doce, como as águas do riacho no qual se banhava nos fundos da casa. Criado pela materna trindade – mãe, tia e avó, a quem sempre foi grato –, certamente sentia a ausência do pai, mas não a de uma figura paterna. Eurico, seu irmão mais velho, mesmo de longe se esforçava para cobrir essa lacuna. Belmiro tinha tudo que uma criança precisava para crescer saudável.

Por outro lado, sua essência pedia mais: pedia conhecimento e erudição. Uma sede que nunca seria saciada, mas o fazia desenvolver habilidade autodidata e avidez literária que beirava o excesso. Mistura de reação alquímica, responsável por transformar um jovem em fonte de luz para tantos outros.

### TRANSCENDENDO AS FRONTEIRAS ESCOLARES

Belmiro Siqueira começou a vida escolar sob a tutela de Regina Godinho, professora primária de Ubá nas décadas de 1920 e 1930. Assistia aulas na própria casa da senhora, junto a meia dúzia de crianças. Foi sua primeira experiência como aluno, onde solidificou aprendizados de leitura, escrita e da base das ciências exatas. Consciente ou inconscientemente, logo percebeu que aquilo era pouco, trivial, e começou sua infanda odisséia pelo universo dos livros.



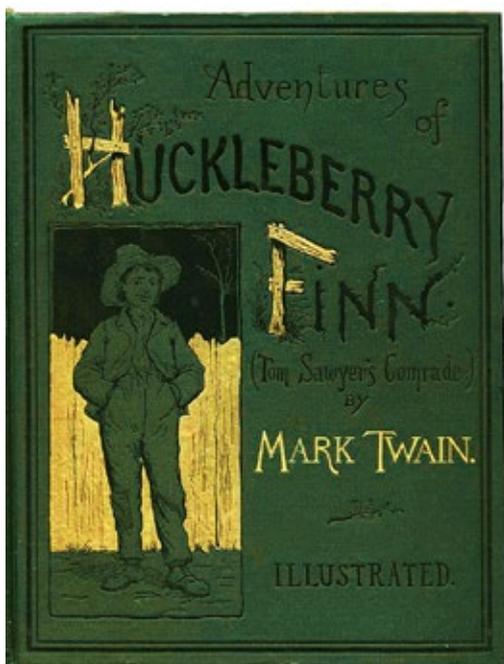
Ao lado | Miguel de Cervantes e Machado de Assis

## BELMIRO – AMOR E ADMINISTRAÇÃO

---

O quintal de casa era um excelente lugar para as brincadeiras, como já foi dito. Mas entre a puberdade e a adolescência, Belmiro fez daquele espaço mágico e lúdico seu refúgio literário. Fosse a arborizada área uma biblioteca, certamente as mangueiras seriam salas de leitura. Sobre os galhos, ele lia Miguel de Cervantes, Machado de Assis, Edgar Rice Burroughs, William Cuthbert Faulkner, além de livros de faroeste e cinema.

Entre um autor e outro, se envolveu de maneira especial e peculiar com a moderna literatura norte-americana de Mark Twain. Lia inquietamente os romances de aventura que remontavam os Estados Unidos escravocrata, com cenários interioranos e histórias cheias de ação. Inevitavelmente, foi tragado pela coragem infantil de Huckleberry Finn – personagem dos contos de Twain –, protagonista de peripécias que questionava a ordem social e os valores vigentes, uma espécie púbere de anti-herói. A identificação com a ousadia daquele menino ficcional foi tanta que, no futuro, daria um jeito de trazê-lo para sua vida real: batizou todos os filhos usando o Huckleberry como um dos sobrenomes.



Ao lado | Influência literária que originou o sobrenome da família (Huckleberry)

*A identificação  
com a ousadia  
daquele menino  
ficcional foi tanta  
que, no futuro,  
daria um jeito de  
trazê-lo para  
sua vida real:  
batizou todos os  
filhos usando o  
Huckleberry como  
um dos sobrenomes.*

Enquanto não chegava a hora de formar família e inovar nos cartórios de registro civil, a concentração de Belmiro se voltava cada dia mais aos estudos e à leitura de tudo aquilo feito para ser lido. Terminado o ensino primário, foi cursar o ginásio no Colégio Raul Soares. Se esforçava, ajudava os colegas, mas tinha na matemática sua cruz estudantil. A dificuldade foi tanta que, em dado momento, já aprovado nas demais disciplinas, precisou ficar em segundo período na matéria (recuperação, nos tempos atuais).

Eurico, o patriarca suplente da família, ao saber da reprovação do irmão mais novo, foi duro. No primeiro momento, cobrou esforço, dedicação, disciplina e muito estudo. Belmiro atendeu as exigências e se preparou bem para o exame pendente. Estava apto a superar aquele limite. Ficou claro que seria possível avançar mais um ano letivo e disso Eurico estava ciente. Mesmo assim, achou que aquele conhecimento adquirido em momento de sufoco era raso: atenderia o instante, mas comprometeria o futuro.

A ordem foi clara: “Você não vai fazer essa prova e vai repetir o ano para realmente aprender matemática”, impunha o jovem chefe da família. Contestar o irmão nem sequer era considerado uma opção. Toda a preparação para o exame ficaria como experiência para o período seguinte. Assentido e com total respeito à autoridade hierárquica dos Siqueiras, Belmiro simplesmente ausentou-se da última chance que tinha para ascender mais um degrau em sua vida escolar. Eurico não sabia, mas sua decisão se mostraria decisiva num futuro próximo.

Mais do que conformado, o estudante abraçou veementemente a oportunidade que para muitos pareceu atraso. Entrou tanto no clima de aperfeiçoamento algébrico que passou a respirar a disciplina na vida cotidiana. Estudava, entendia as fórmulas, fazia cálculos e mais cálculos e, para selar seu mundo aritmético, adotou uma cadela vira-lata, a qual batizou de Matemática. Com amor, ele domou, educou, adestrou e a teve como melhor amiga. Por onde ia, ela o acompanhava. Passado alguns anos, a cadela morreu, mas a matemática prevaleceu como uma eterna e inseparável companheira.

Em Belmiro, a erudição crescia como se inata fosse. Não que as instituições de ensino pelas quais passou fossem fenômenos educacionais intencionalmente alocados no interior mineiro. A verdade é que o menino Siqueira podia ser considerado como a definição exata da palavra autodidata. Sua evolução foi tão acelerada que, em pouco

## BELMIRO – AMOR E ADMINISTRAÇÃO

---

tempo, antes de chegar ao científico (atual ensino médio), já dava aulas aos colegas que mais tinham dificuldade nos estudos.

Um pouco mais tarde, o altruísmo juvenil se tornou profissão. Belmiro havia alcançado o segundo grau e migrado para o Ginásio São José. Entretanto, sua fama de bom professor chegou ao corpo docente da antiga escola que prontamente decidiu contratá-lo. Remunerado, passou a lecionar a disciplina que fora a pedra no seu sapato. Logo caiu nas graças dos alunos e, sem intenção, fomentou o fenômeno de inversão da lógica acadêmica: em lugar de contar os minutos para o fim das aulas, os alunos rezavam para o tempo não passar.

Belmiro era um ímã dentro da sala de aula: atraía a todos. Seu jeito afetivo, amoro, amigo e despojado expressava uma dócil ousadia naquela turbulenta década de 1930 – época grafada na história por extremismos e intolerâncias de variadas ordens. Na contramão do odioso clima mundial, ele lecionava matemática com graça e leveza, aproveitando a própria experiência de insucesso para deixar o conteúdo mais atrativo. Naturalmente, conquistou turmas e formou discípulos.

Docente precoce, Belmiro se destacava pela sinergia entre intelectualidade e carisma moleque, qualidades reconhecidas e admiradas em outros universos além do escolar. Nos bailes de Ubá ele também chamava a atenção, mas nesses casos o sangue Siqueira era o maior responsável. Embora não fosse de “agarrar saia na corda pensando ser mulher”, era um sedutor hereditário – atributo que logo seria confirmado pela jovem Eby Picorelli Drei, em um encontro que levaria o simpático professor ubaense a uma nova etapa da vida.

### DA JUVENTUDE À MATURIDADE, DE UBÁ AO RIO DE JANEIRO

Nascida em Rio Branco, a 22 quilômetros de distância de Ubá, Eby também tinha ascendência italiana e era órfã. Depois que perdeu a mãe, com um ano de idade, foi levada para a cidade vizinha para ser criada pela tia. Teve vida difícil, ajudou a criar os primos e fazia trabalhos domésticos para sua tutora. Já moça, aos 14 anos, se deparou com o sorriso despreocupado de Belmiro, muito provavelmente em um baile de carnaval, em 1937. O encontro mudou a vida dos dois e, de imediato, seria muito comentado na cidade.



Acima | O jovem Belmiro Siqueira

*Os passeios de bicicleta do par foram suficientes para escandalizar a sociedade ubaense. Belmiro levava a namorada sentada no quadro, próximo ao seu corpo, enquanto desfilavam pela cidade.*



Nos dias de hoje, é comum que namorados se beijem, viagem juntos, tenham relações sexuais e até formem família sem necessariamente se casar. Tudo é muito natural e escandalizar-se com isso é retrogrado, de certa forma até antiquado. No final na década de 1930, no entanto, o quadro era bem diferente. O trivial ato de andar de mãos dadas já simbolizava intimidade e era o ápice da liberdade dos aspirantes ao matrimônio. Qualquer proximidade além dessa era malvista e, logicamente, mal falada. Aos mantenedores do status quo, um embaraço; para Belmiro, uma oportunidade de romper a normalidade infundada.

A ruptura veio travestida de comportamento rebelde, mas era, na essência, o misto entre paixão e autenticidade. Eby não engravidou, tampouco o casal fugiu deixando as famílias para trás. Os passeios de bicicleta do par foram suficientes para escandalizar a sociedade ubaense. Belmiro levava a namorada sentada no quadro, próximo ao seu corpo, enquanto desfilavam pela cidade. Encantados, pouco se importavam com os maldizeres, exceto pela pressão da família da moça, que crescia proporcionalmente à fofoca interiorana.

Desprezando a inocência dos sentimentos, a má fama daquele namoro crescia sem expectativa de retroceder. Também por isso, se casaram no dia 23 de outubro de 1939, um dia depois de Belmiro alcançar a maior idade. Eby era mais nova, contava 16 anos quando adotou o sobrenome Siqueira e foi morar na casa de dona Thereza, agora sua sogra.

*Não demorou muito para vir o primeiro filho. Em 1940, Eby dava à luz ao primogênito. Belmiro, em sua particular excentricidade, aproveitou o ensejo e deu vida àquilo que para ele era mais expressivo na literatura que consumia. Dos contos de Mark Twain, extraiu dois nomes e, com muita propriedade, batizou Jonny Huckleberry Siqueira.*

O namoro postulou, dando lugar ao casamento. As maledicências se amainaram e uma nova família nascia, agraciada pelo tendencioso respeito social. Na prática, eram dois garotos desbravando um mundo novo – a vida conjugal – concomitantemente às descobertas de suas próprias personalidades e das transformações biológicas, essas imperativas e inalcançadas por perecíveis conceitos morais. Adolescentes que iam se tornando adultos à medida que desenvolviam uma estrutura familiar.

Mesmo morando na casa da mãe, onde também viviam seus irmãos solteiros, Belmiro logo assumiu o papel de chefe de família, no que tangia à sua própria. Além de professor, começou a trabalhar na secretaria do Colégio Raul Soares. A renda era pouca, mas supria suas necessidades imediatas. Enquanto isso, Eby fazia o papel de dona de casa e até despertava ciúme em sua sogra, que se adaptava ao posto outorgado.

Não demorou muito para vir o primeiro filho. Em 1940, Eby dava à luz ao primogênito. Belmiro, em sua particular excentricidade, aproveitou o ensejo e deu vida àquilo

que para ele era mais expressivo na literatura que consumia. Dos contos de Mark Twain, extraiu dois nomes e, com muita propriedade, batizou Jonny Huckleberry Siqueira. Mesclava romantismo e vida real, como se a ficção fosse capaz de penetrar a dureza factual, imprimindo lirismo à existência de sua prole.

Nada podia ser mais lírico do que a forma como Belmiro conduzia a vida. Dono da Matemática e pai de Huckleberry, para os seus alunos, o professor se parecia mais com algum personagem literário, caprichosamente inventado. E ensinar cálculos como quem conta histórias reafirmava a imagem romântica daquele jovem ubaense feito de carne e osso.

**Best seller** na turma que concluía o segundo grau no Colégio Raul Soares em 1941, foi aclamado paraninfo pelos alunos para a formatura daquele ano. Sucesso absoluto entre os estudantes, a decisão foi tomada sem vulto de discordância no alunato. Contudo, Belmiro jamais receberia a honra. Os formandos seriam golpeados pela diretoria da instituição que, com os olhos na política, escolhera outro personagem para o posto: o prefeito da cidade, Levindo Eduardo Coelho.

Sem cerimônia, a decisão foi tomada e os garotos que concluíam a vida escolar se revoltaram. Haviam dividido a sala de aula com o irreverente professor por um longo tempo. Ele certamente conduziu muitos para que gozassem daquele rito de passagem. Mesmo assim, estava impedido de receber o reconhecimento formal dos alunos. Nem um pouco apto à cólera, Belmiro imergiu numa tristeza desoladora, desapontado com a incoerente ordem das coisas, com a politicagem intransigente na qual não via sentido.

*Best seller na turma que concluía o segundo grau no Colégio Raul Soares em 1941, foi aclamado paraninfo pelos alunos para a formatura daquele ano.*

## BELMIRO – AMOR E ADMINISTRAÇÃO

---

Levindo Coelho era um cacique político. Já havia sido senador estadual mineiro e, com o advento do Estado Novo, foi conduzido à prefeitura de Ubá pelas mãos de Benedito Valadares, outro dinossauro da política e aliado de Vargas. Sabendo disso, a diretoria do Raul Soares não pensou em nada além de acarinhar os aliados do Governo. Em combate à querela dos alunos, a instituição chegou a afirmar que “professor de um terno só” não poderia ser paraninfo de coisa alguma.

Quem de fato irou-se com a situação foi Eurico Siqueira. Acompanhado da esposa, havia embarcado em um trem no Rio de Janeiro para visitar a família no interior de Minas. Sem saber do ocorrido, notou em Belmiro um humor estranho, uma tristeza desconhecida, nunca apresentada. Soube de imediato que ele estava moralmente ferido e, sem demora, foi contextualizado da arbitrariedade escolar.

Eurico sabia exatamente do valor técnico e profissional de seu irmão, mesmo no início da carreira. Mais altivo e menos comedido que Belmiro, o cacique dos Siqueiras jamais se calaria diante de qualquer tribo. Foi ao cinema municipal e, em discurso público, saiu em defesa do irmão. Expôs a hipocrisia subserviente do dirigente da instituição de ensino, sem medir honestidade. Bradou para quem tivesse ouvidos: “essa decisão não se baseia em critérios técnicos, é preconceituosa e estritamente vinculada a escusos interesses políticos”. Um desabafo sem efeito prático. À revelia da oposição, Levindo foi o paraninfo dos formandos de 1941 do Colégio Raul Soares.



*"Você vai para o Rio. E lá que você vai fazer sua vida".*

Ao lado | Praia de Capacabana,  
Rio de Janeiro, década de 40



Ao lado | Estação ferroviária de Ubá

Para Eurico, estava acabado. A vida em Ubá nada mais tinha a oferecer àquele irmão inexplicavelmente inteligente e autodidata. A capacidade de Belmiro era demasiada grande para caber numa realidade interiorana, subjugada pelo coronelismo que, a seguir o momento histórico, se recusava a desaparecer. Experiente e conhecedor da efervescência da capital, Eurico antevia grandes oportunidades quando aconselhou com o tom impositivo que lhe era de direito: “Você vai para o Rio. É lá que você vai fazer sua vida”.

Belmiro não era mais o garoto com dificuldade escolar. Homem feito, já cuidava da própria família e não tinha obrigação alguma de obedecer ao irmão mais velho. Mas a confiança plena no julgamento daquele tutor de outrora o fez consentir com a sentença. Por outro lado, apesar de morar em uma cidade pequena, o dono da Matemática não era nada matuto. Tinha total compreensão de que ali chegara ao limite e, se desejava ir além, o caminho a trilhar era rumo ao litoral, ao centro político e cultural do país. Bastava organizar a partida.

Eurico sugeriu a mudança e apontou o caminho que seu irmão deveria percorrer, o que não significava um convite para morar na mesma casa. E não foi. Uma vez na Guanabara, Belmiro dependeria da garra pessoal para ascender no ranking da vida.

*Cada um assumiu seu papel dentro daquele sacrifício familiar em busca de um objetivo comum: a evolução profissional e pessoal de Belmiro.*

Mesmo assim, necessitava do apoio da família. Não dava para levar a esposa e o filho pequeno para aquela aventura, era preciso se estabelecer primeiro.

Dona Thereza entendeu o dilema e pôs-se à frente da situação. Uma vez matriarca, sempre matriarca. Cuidava de tantas vidas – geradas e não geradas por ela – que duas a mais não pesariam o cotidiano. Assumiu a responsabilidade sobre nora e neto e deixou o caminho livre para que o filho desse início à empreitada. Eby, a jovem esposa, só podia torcer pelo êxito da jornada e aguardar o dia em que finalmente estaria diariamente ao lado do marido. Cada um assumiu seu papel dentro daquele sacrifício familiar em busca de um objetivo comum: a evolução profissional e pessoal de Belmiro.

No início de 1942, sentindo segurança na unidade em prol de seu sucesso, Belmiro foi para a estação de trem de Ubá, na Praça Guido Marlière, acompanhado da esposa e do pequeno Jonny, então com menos de 2 anos de idade. Era noite e a hora da partida se aproximava. De longe, o ruído das locomotivas anunciava o novo tempo para os Siqueiras. O som agudo da frenagem do monstro de ferro penetrava o peito de Eby como uma lança. Era um misto de saudade, esperança e medo que precisariam ser muito bem administrados.

Por volta das 10 horas da noite, enfim, chegava a condução férrea. Depois de muitos e fortes abraços, Belmiro embarcava rumo ao desconhecido, ao não formulado, ao futuro que poderia ser brilhante ou fracassado. Otimista incurável, ele nem sequer imaginou que sua empreitada metropolitana pudesse dar errado. Tinha na cabeça somente o sucesso, por isso deixou um largo sorriso ao se despedir daqueles que torciam por sua ascensão. Os corações aflitos pela iminente separação aceitavam a condição da distância, à medida que o trem ganhava velocidade. Já não havia retorno e nem precisaria; o Rio de Janeiro também ficaria pequeno para o futuro patrono da Administração brasileira.





# PARTE II

## DE UBÁ PARA O BRASIL

## *O começo no coração no país*

Partindo do quilômetro 356 da Estrada de Ferro Leopoldina, na Linha de Caratinga, Belmiro só tinha certeza de que estaria na Capital Federal no outro dia pela manhã. Do seu assento, via a paisagem se transformando ao longo do caminho: pouco a pouco, o cenário se tornava mais atlântico e o ar, conforme descia a serra fluminense, salobro. Apreensivo por saber que a sorte da família estava ligada ao resultado de sua ousadia, não se deixou contaminar por medos, nem se abater por probabilidades de insucesso. Se o desconhecido provocava frio na espinha, a alma poética ignorava os perigos e enchia de coragem aquele jovem interiorano.

Dos milhões de brasileiros que, ao longo do século passado, deixaram o interior para tentar a sorte na capital, Belmiro foi um dos que converteram a experiência em romance real. Intimamente, se via em aventuras quixotescas ao longo da transição. Tinha tanta fé em si que, sem aviso prévio, enfrentaria quaisquer moinhos de vento com o sorriso despreocupado de sempre. O duro começo no Rio de Janeiro seria encarado como um conto que Twain não escreveu, no qual ele era o protagonista.

Naquele princípio de 1942, Belmiro desembarca em um Distrito Federal em profundas transformações. O Estado Novo empregava diversas reformas, tanto no campo administrativo, econômico e social da União quanto na infraestrutura da capital. Além disso, o Brasil enfim se aliava a uma das duas grandes potências beligerantes na Segunda Guerra Mundial: os Estados Unidos – uma decisão que diz muito mais sobre os anseios nacionais do que a respeito do conflito em si. Roosevelt, o presidente norte americano à época, só contou com o apoio de Getúlio Vargas após garantir investimento pesado na Companhia Siderúrgica Nacional.

Se a indústria estava aquecida e o café despencara no mercado internacional com a crise de 1929, as zonas urbanas começavam a atrair cada vez mais cidadãos. Por isso, na década em que Belmiro chega ao Rio, o Brasil vê sua população urbana crescer 46%, frente ao aumento de 17% da porção rural. Há 12 anos no poder, Vargas governava os últimos 5 sem a presença do Congresso, dissolvido em 1937. Mesmo com a nulidade oficial da movimentação político-partidária, devido ao estado ditatorial instaurado, o povo se encontrava inebriado pelo desenvolvimento nacional.

*Se o desconhecido  
provocava frio na  
espinha, a alma  
poética ignorava os  
perigos e enchia de  
coragem aquele jovem  
interiorano.*

Para tocar a Nova República nos moldes em que estava sendo desenhada, era fundamental a profissionalização dos serviços estatais. Concursos públicos de toda ordem eram anunciados, a fim de redesenhar e modernizar a gestão pública – embora tal conceito ainda habitasse no campo do abstrato. E foi justamente essa oportunidade que chamou a atenção do ubaense Siqueira.

Uma vez em solo fluminense, Belmiro prezou pela praticidade e conveniência na hora de buscar uma moradia. Foi para o centro da capital, onde tudo acontecia, e se tornou vizinho do presidente da República. Alugou um quarto em um apartamento no Catete. Residindo perto do centro do poder, construiu uma rotina que atendia suas necessidades e objetivos: conseguir fonte de renda para se sustentar no Rio, remeter recursos à família em Ubá e estudar para prestar concursos públicos.

Foi um tempo difícil. Mesmo assim, Belmiro não se queixava, enfrentando tudo com muito esforço e dedicação. Acordava cedo, saía em busca de trabalho e aproveitava todo o tempo restante para estudar. Como era exímio professor, não demorou muito para conseguir uma colocação. Logo foi admitido como professor de matemática no Curso River, curso preparatório para concursos situado na Avenida Rio Branco, 114. Sua atuação foi tão elogiável que manteria um relacionamento profissional com o senhor Abimael, dono da escola, por muitos anos.



Ao lado | Crise de 1929 nos Estados Unidos

*Residindo perto do centro do poder, construiu uma rotina que atendia suas necessidades e objetivos: conseguir fonte de renda para se sustentar no Rio, remeter recursos à família em Ubá e estudar para prestar concursos públicos.*

No mesmo ano da sua chegada ao Rio, a rotina de estudos seguida por Belmiro dá resultado. Ao participar da seleção para Estatístico Auxiliar do então Ministério da Justiça e Negócios Interiores, foi aprovado em 1º lugar – posição repetida em todos os 19 concursos que prestou. Ele entrou no serviço público com o pé direito e, ano a ano, ascendeu cada vez mais até se tornar referência.

Ainda não havia chegado ao topo e precisaria trabalhar bastante para isso, embora sua energia estivesse centrada unicamente em ser, a cada dia, melhor do que foi no dia anterior. Era apenas o começo. Mesmo assim, Belmiro passou a gozar de certa estabilidade na nova vida que escolheu seguir. Com o salário do serviço público e do curso onde lecionava, já era possível reunir a família outra vez, agora na capital federal. Foi exatamente o que ele fez em 1943. Devidamente empregado, voltou à Ubá para buscar a esposa Eby e o filho Jonny.

A primeira morada da família foi o mesmo quarto onde Belmiro já vivia no Catete. Ficaram ali por cerca de um ano. Todos os dias, ele saía cedo e tomava o bonde para o bairro da Saúde, onde estava sediado o Ministério, na Avenida Rodrigues Alves. Findado o expediente, era hora do segundo turno; e lá ia o jovem pai de família até o Curso River, para ministrar suas aulas de matemática. Já noite alta, chegava em “casa” e curti os últimos momentos do dia ao lado da família.

Naquele mesmo ano, a sequência de sucesso em concursos públicos se alastrava. Antes de esquentar a cadeira ocupada na primeira função no Estado, Belmiro já migrava para o Departamento de Administração do Serviço Público (DASP). Encabeçou a lista de aprovados para o cargo de Assistente de Aperfeiçoamento do órgão mais cobiçado da República. Nessa posição, já era possível elevar sua qualidade de vida, sobretudo no quesito moradia.

O “quarto/residência” que ele e sua família ocupavam se tornava cada dia mais sufocante, principalmente para Eby que passava o dia ali, cuidando do filho e aguardando o retorno do marido. Era hora de procurar uma moradia mais adequada às necessidades da família e a autonomia financeira conquistada por Belmiro, embora limitada, suportava a mudança. Assim, trocaram o pouco mais de meia dúzia de metros quadrados por uma residência de fato. Saíram do Catete para morar em um apartamento na Avenida Pedro II, no bairro de São Cristovão.

A nova fase foi comemorada pela família: estavam em um espaço todo seu. Belmiro podia seguir para o trabalho despreocupado, pois sabia que esposa e filho estavam bem, em um lar de verdade. Até para estudar, a nova residência era mais adequada e possibilitava a privacidade que outrora conseguia no alto das mangueiras, no quintal da casa em Ubá.



Ao lado | Paço Municipal do Rio de Janeiro

## BELMIRO – AMOR E ADMINISTRAÇÃO

---

Nesse período, Belmiro intensificou os estudos. Vale lembrar que, formalmente, ele não chegou a concluir o segundo grau. Mesmo assim, encarava literaturas avançadas no campo da Matemática e da Estatística. Além disso, contando apenas com sua capacidade cognitiva, aprendeu outros idiomas, com destaque para a língua inglesa. Sem saber, se preparava para o futuro imediato, no qual toda criatividade e ação cerebral seriam preponderantes para a manutenção do bom humor e da produtividade profissional. Ficaria confinado na nova casa por nove meses.

### REPOUSA O CORPO; A MENTE NÃO PARA!

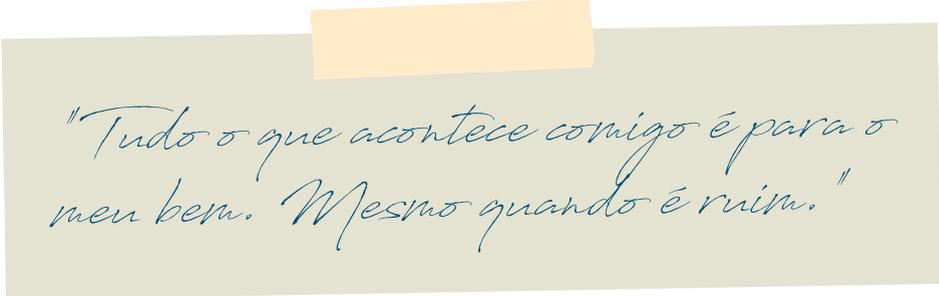
Em 1945, Belmiro completou seu terceiro ano como residente do Rio de Janeiro. Por todo esse tempo, como era do seu feitio, não parou. Dormia pouco, trabalhava muito e estudava ainda mais. Sustentando dois empregos e um ininterrupto ciclo de estudos, o jovem adulto de 23 anos era uma máquina pensante em trabalho quase permanente. Enquanto sua intelectualidade pedia mais, o corpo rogava por uma pausa ou, pelo menos, uma redução de ritmo. Porém, os pulmões foram mais contundentes na hora de cobrar um respiro.

Primeiro vieram as dores no tórax, em seguida a fadiga e a falta de ar repentina; por fim, uma febre insistente. Assustado, Belmiro consultou o médico, Dr. Galdino Alvim – conhecido de Ubá –, fez exames e confirmou que não era de ferro. Com a sobrecarga autoinfligida diariamente, adquiriu uma pleurisia (inflamação na pleura) com derrame pleural.

*Sustentando dois empregos e um ininterrupto ciclo de estudos, o jovem adulto de vinte e três anos era uma máquina pensante em trabalho quase permanente.*



Ao lado | Um homem sereno



*"Tudo o que acontece comigo é para o meu bem. Mesmo quando é ruim."*

Naquele momento da medicina brasileira, a doença oferecia algum risco de morte, mas as chances de recuperação eram altas e muito sólidas. Bastavam cuidado extremo, constantes pulsões para drenar o fluido acumulado nos pulmões e um longo período de repouso absoluto: foram 270 dias de internação domiciliar.

O infortúnio na saúde corporal trouxe prejuízo imediato à carreira, que se iniciava de forma brilhante para o jovem. Pela genialidade com a qual desenvolvia seu trabalho no cargo ocupado desde 1943, no DASP, foi alçado à diretor da Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento do órgão. Entretanto, estava acamado, preso aos limites residenciais e ao delicado tratamento para recuperação dos pulmões. Por isso, não pôde desfrutar do reconhecimento dos seus superiores. A situação o deixara frustrado, mas logo livrou-se do mau sentimento e enfrentou aquele carma com muita determinação, como um sábio que se construía.

Sem poder fazer força para não acelerar a respiração, Belmiro Siqueira passava a maior parte do dia deitado. De vez em quando, Eby ia até ele com uma seringa para drenar o pulmão. Limitado, afastado do serviço público, teve de deixar o Curso River durante o tratamento por, obviamente, não ter como sair de casa para dar aulas. Acabou perdendo parte da renda. Contudo, a recomendação médica era de repouso físico, o que deixava seu principal instrumento de trabalho livre para ser desfrutado: a cabeça, ou melhor, sua mente.

Seu cérebro era um universo à parte e, naquele momento, foi utilizado como artifício para dar continuidade ao dinamismo que a doença tentava lhe usurpar. Mentalizava uma frase, que repetiu ao longo da vida: "Tudo o que acontece comigo é para o meu bem. Mesmo quando é ruim". Sagaz e inventivo, logo achou saída para continuar produzindo. Aumentou a carga de estudo para participar de uma variedade de concursos públicos, com foco em cargos mais altos dentro do próprio DASP. Por meses, dormiu e acordou rodeado de livros, cadernos e anotações.



Ao lado | Belmiro e Wagner Siqueira, seu "adorável inimigo"

Siqueira também cuidou de extinguir o déficit financeiro infligido pela internação domiciliar. Encontrou uma atividade remunerada que poderia ser feita de casa; bastava ter fluência na leitura e escrita da língua inglesa. É certo que ele nunca havia posto os pés em uma escola de inglês, mas isso não significou nada. Aprender sozinho era uma especialidade que se estendia inclusive ao idioma bretão, portanto estava qualificado para o trabalho proposto: traduzir livros de estatística, do inglês para o português. E ele assumiu a responsabilidade.

O período de repouso não conseguiu parar a mente de Belmiro Siqueira, mas deu conta de segurá-lo em casa. Ele seguia estudando e trabalhando, por meio de sua persistência e criatividade. Certamente, foi a época da sua vida em que passou mais tempo no lar. A doença o deixara estritamente próximo da esposa, como nunca havia ficado. Daí, uma possível consequência: enquanto tratava a pleurisia do marido, Eby engravidou do segundo filho, Wagner, que no futuro seguiria os passos profissionais do pai.

Em casa, o jovem via a barriga da esposa crescer paulatinamente. Gostava de família grande e a chegada de um novo membro o dava novo ânimo. Para completar a felicidade, os dias de internação domiciliar estavam prestes a terminar e ele logo poderia retomar sua rotina normal. Sentia saudade dos alunos e da atmosfera das salas de aula, ambiente no qual encontrava plenitude. A falta de intensa interação humana certamente lhe doeu mais do que as finas seringas injetadas diariamente entre as costelas.

*Siqueira era alguém que acreditava nas pessoas, na capacidade e contribuição de cada um, do PhD ao faxineiro*

O retorno de Belmiro ao seu habitat natural – por onde circulava gente – foi brindado com a oportunidade de adentrar em nova área do conhecimento. Dessa vez, um campo que desenvolvia empiricamente desde a infância, uma habilidade nata que nunca desprezou e nem se ocupou em evoluir de modo consciente, apenas deu vazão: a Psicologia.

### **HABILIDADE NATA GANHA CONTORNO CIENTÍFICO**

Em outubro de 1945, o DASP promove um curso ministrado pelo renomado psicólogo espanhol Mira y López, recém-chegado ao Brasil, exilado da Espanha pelo regime ditatorial de Franco. O objetivo era capacitar os funcionários para que progredissem com o “aperfeiçoamento das atividades específicas de aplicação da psicologia individual”. Muito bem de saúde, Belmiro retorna ao trabalho e, de cara, participa das aulas ministradas cinco vezes por semana, com 6 a 7 horas de duração, até outubro do ano seguinte.

Notadamente, Siqueira era alguém que acreditava nas pessoas, na capacidade e contribuição de cada um, do PhD ao faxineiro. Durante a infância e adolescência, apostou na evolução dos amigos da rua para os quais dava aulas de boxe. Era amado pelos alunos do colégio em Ubá, no qual ensinava matemática, por dar-lhes a importância nunca dada por outros professores. Socrático neste quesito, era convicto de que o outro detinha qualidades que lhe faltavam e poderia ensinar-lhe.

Já mais experiente, em diversas oportunidades, ao proferir palestras ou discursar em eventos diversos, Belmiro expunha claramente sua fé na humanidade e no próximo. Dizia: “A aprendizagem do homem deve se voltar mais e mais para os outros, pois os outros são – como afirmou Sartre – nosso céu ou nosso inferno. Ou, como disse Santo Agostinho:



Ao lado | Belmiro Siqueira com as netas Larissa (no sofá) e Andréa

‘Procurei Deus e não o encontrei; procurei a mim mesmo e não me achei; mas, ao procurar o próximo, achei os três’. Sua crença no potencial humano era tanta que, indistintamente, aglutinava um existencialista ateu e um teólogo cristão em uma única linha de raciocínio.

É certo que Belmiro já lia algo sobre psicologia nesse momento da sua vida, pois seu interesse por conhecimento não captava o significado da palavra “barreira”. Mas aquele ano inteiro de curso aplicado por Mira y Lopez, incontestavelmente, virou uma chave e abriu as portas de uma nova etapa na vida do homem que figuraria no imaginário coletivo dos administradores do Brasil. E quando se formou o conceito acadêmico de ‘Recursos Humanos’, ele atuou certo da obsolescência de tal nomenclatura, ao que explicava: “Humano não é recurso, é inerente. Administração sem o ser humano não existe”. Em verdade, para ele, administrar só era possível com pessoas.

A sensibilidade exacerbada de alguém que, no seu processo de formação, conservava o hábito de olhar e compreender a condição do semelhante, percebia claramente a importância de cada agente humano no contexto da existência e dinâmica da vida. Sendo assim, intuía que todo ser humano era possuidor de valores necessários – independente do grau – para o funcionamento de qualquer estrutura. O estudo cartesiano da psicologia, ao qual Belmiro se submetera, ratificou sua intuição e logo seria impresso na sua vida profissional. O primeiro campo a sair ganhando em todo esse processo seria a Administração Pública.

*O hábito de olhar  
e compreender  
a condição do  
semelhante, percebia  
claramente a  
importância de cada  
agente humano no  
contexto da existência  
e dinâmica da vida.*

Enquanto refinava o novo mecanismo científico sob a experiente batuta do professor Mira y Lopez, sua família era agregada com novo valor humano. Era a chegada do segundo rebento, a 2 de abril de 1946. E, mais uma vez, Belmiro queria inovar, batizando o recém-nascido com o nome de outro personagem dos contos de Mark Twain. Foi vetado pela esposa. Mesmo assim, manteve a tradição iniciada em Ubá, agora no cartório do Rio de Janeiro. Repetindo o sobrenome dado ao primogênito, batizou: Wagner Huckleberry Siqueira.

À medida que a família crescia, as despesas aumentavam, se tornando mais difíceis de serem equilibradas. Era preciso encontrar uma maneira de cumprir com as obrigações financeiras com mais tranquilidade. A solução encontrada foi unir forças com o irmão caçula. Sabendo que João e a esposa, Maria Amélia, também chegaram à capital federal para tentar a sorte, Belmiro teve uma ideia que amainaria a sobrecarga financeira para todos: convidou irmão e cunhada para morarem com ele, a esposa e os filhos. Um tipo de acerto que geralmente não dá certo: duas famílias sobre o mesmo teto é solo fértil para divergências. No caso dos irmãos Siqueira, esse risco era mínimo. Entre os dois sempre houve afinidade e cumplicidade de dar inveja ou despertar ciúme – sentimento por vezes demonstrado pelas respectivas esposas.

O convite de Belmiro e Eby foi aceito e chegou em muito boa hora para aquele casal igualmente jovem, que batalhava para alcançar estabilidade no Rio. João – ou Joãozinho, como era chamado – e a esposa também tinham um filho, John Wesley, e dariam boa ajuda



Ao lado | O bairro de Rio Comprido, anos 40

*O otimismo belmiriano sempre funcionou como um ímã de coisas boas. Mesmo em momentos de dificuldade, os percalços eram vistos como trampolim para o sucesso.*

na criação dos sobrinhos. Melhor ainda: as mulheres firmariam parceria na condução do lar, enquanto os maridos trabalhavam. Para concretizar os planos, bastava encontrar um imóvel que comportasse aquela grande família.

O bairro de Rio Comprido foi eleito como reduto da família Siqueira, ainda em 1946. Livre do tratamento para pleurisia contraída no ano anterior, Belmiro estava a todo gás. juntou-se ao irmão caçula e, na Rua Eliseu Visconti, encontrou uma casa capaz de comportar a todos. Mudaram-se e passaram a dividir tudo, das contas às frutas e doces da dispensa.

Sob o harmonioso clima instaurado naquele seio familiar, a cunhada Amélia engravida e conta com a companhia de Eby, que a assiste ao longo dos nove meses de gestação. A casa logo ganha uma nova integrante: Elizabeth Siqueira, a Beth. Era a primeira filha de Joãozinho que, junto ao pequeno irmão, guardaria para sempre o ar de filha do tio Belmiro. Enquanto a nova geração florescia influenciada pela batalha dos jovens adultos, a vida ia se estruturando para os irmãos de Ubá.

O otimismo belmiriano sempre funcionou como um ímã de coisas boas. Mesmo em momentos de dificuldade, os percalços eram vistos como trampolim para o sucesso. Já nas horas de maré favorável, o provável era um tsunami de prosperidade. A boa vibração atraía a bonança, sentia Belmiro. Estava certo. Após articular saídas para amortizar as limitações financeiras, se mantendo fiel aos objetivos e sem duvidar dos frutos que colheria, recebeu a notícia de nova conquista. Ocupando a familiar primeira posição, passou por mais um concurso do DASP, dessa vez aprovado para o cargo de Assistente de Administração.

Agora nada mais impedia que ele, Eby e os filhos seguissem seu caminho com independência. A economia feita nos anos anteriores, diante de muito comedimento e abnegação, e a considerável melhoria de ordenado deram a Belmiro a possibilidade de adquirir um imóvel e sair do aluguel. Assim o fez. Claro que, para dar esse passo, articulou alternativas de permanecer próximo ao irmão caçula. E conseguiu. Achou um apartamento no mesmo bairro, com 2 quartos, dependência, e uma área total de mais de 100m<sup>2</sup>, compatível com sua condição financeira e capaz de abrigar confortavelmente a família.

Agradecido pela parceria incontestada de Joãozinho, o avisou que deixaria a casa comum para morar em outra ali perto. Estariam juntos, porém com mais privacidade e autonomia individual. Joãozinho recebeu a notícia de bom grado, pois já tinha sua colocação profissional e recursos para manter mulher e filhos sozinho. Além disso, sabia que Belmiro não o faltaria e, melhor, seria seu vizinho.

Foi o que aconteceu. Belmiro juntou suas coisas e, seguido por mulher e filhos, mudou-se para uma rua paralela ao apartamento que dividira com o irmão, a Rua Itapiru. A mudança representou muito mais uma ampliação de espaço do que uma separação propriamente dita daqueles entes. Rio Comprido continuou a ser palco residencial do crescimento quantitativo e qualitativo da família Siqueira, em especial dessas duas ramificações – no futuro, Joãozinho compraria sua casa própria, na Vila São José, situada na mesma rua.



Ao lado | Concurso no DASP em 1941

## **BELMIRO – AMOR E ADMINISTRAÇÃO**

---

Mais filhos, de um e do outro irmão, nasceriam no velho bairro fluminense e transitariam frequentemente entre as casas, aprontando travessuras memoráveis até hoje lembradas. Dona Thereza, a matriarca dos Siqueiras, em breve também se uniria aos dois filhos mais novos e, com ela, seriam instituídos os almoços de domingo – reunião familiar tradicional que perdurou ao longo de décadas. Porém, antes de se darem todos esses acontecimentos, Belmiro subiria elevados degraus na vida profissional e acadêmica, devido à ousadia apresentada no DASP.

### **UMA TESE OUSADAMENTE PERTINENTE**

Ao assumir o novo posto, Belmiro poderia simplesmente se fixar no funcionalismo público e permanecer “com a boca escancarada cheia de dentes, esperando a morte chegar” – como bem descreveria Raul Seixas, décadas à frente ao compor a canção “Ouro de Tolo”. Viveria com um salário confortável, nos padrões da classe média, e não precisaria se ocupar profissionalmente de nada que fugisse ao limitado horário de expediente. A segurança financeira sonhada por muitos, o ápice para alguns; para ele, um degrau a ser ultrapassado sem muita demora. Portanto, bem empregado, nem sequer cogitou tirar férias dos estudos. Ao contrário, lia diariamente como se fosse a última oportunidade.

O ócio improdutivo sempre se viu carente de Siqueira. Embora tenha buscado encontrá-lo, em última instância, na debilidade do corpo em dois momentos distintos da vida – na pleurisia e, mais tarde, no aneurisma ventricular –, ficou a ver navios. Quiçá quando a rotina não guardava horas excedentes. Mesmo envolto por trabalhos, mulher, filhos, irmão e cunhada, seus estudos lhe vertiam um crescente nas tarefas particulares. O maquinário mental ganhava dia a dia nova engrenagem, nova função, aperfeiçoando-se em si mesmo, dando-lhe novas faculdades, novos insights. Atuando no órgão mais importante da administração federal e participando de mais de uma dezena de concursos, logo usaria a metalinguagem de forma inédita no Brasil.

Seu intuito era ser aprovado no concurso para Técnico de Administração do DASP, um dos cargos mais altos do funcionalismo público brasileiro na época. Para isso, se submeteu a um processo que, entre prova escrita, oral e apresentação de tese, duraria mais de dois anos. Já em 1947, foi aprovado nas primeiras etapas da seleção, conquistando o direito de preparar sua dissertação.

**APROVADOS NO CONCURSO PARA  
TECNICOS DE ADMINISTRAÇÃO**

**Resultado final – Os candidatos**

O Departamento Administrativo do Serviço Público fez, há tempos, um concurso para provimento em cargos da carreira de Técnico de Administração do seu quadro permanente. Ontem, o citado órgão tornou público para conhecimento dos interessados, o resultado final das provas, que é o seguinte:

Número de inscrição — Nome	Média final
94. Belmiro Siqueira .....	85,87
26. Alberto Outeiro Ramos .....	85,79
206. Joaquim Neves Pereira .....	84,56
28. Océlio de Medeiros .....	85,43
130. Abulão Xavier Moreira .....	85,79
81. Enor de Almeida Carneiro .....	80,02
25. Ibaní da Cunha Ribeiro .....	79,50
8. Otton Servalo de Vasconcelos .....	79,15
60. Francisco das Chagas Melo .....	76,27
54. Nei Gomes Pereira .....	72,53
2. Fábio de Carvalho Alves .....	69,47
10. Ezequiel de Carvalho .....	67,24
14. José Eduardo Pizero Drummond .....	64,93
168. Marílio Pires Domingues .....	63,00

Esses candidatos estão habilitados, também, na prova de sanidade e capacidade física.

Ao lado | Lista de aprovados no DASP (1949)

*Seu propósito,  
nem por um instante,  
era só ocupar a  
cadeira de Técnico  
de Administração  
do DASP.  
Desejava contribuir  
com a gestão eficiente  
do órgão e com a  
administração pública  
do país.*

Os trabalhos a serem desenvolvidos pelos candidatos não tinham temática obrigatória pré-definida. A única exigência da instituição era que fossem condizentes com o programa do setor para o qual se inscreveram. Belmiro Siqueira escolheu a Seção IV, responsável pela seleção e aperfeiçoamento de pessoal, área na qual já atuava. A experiência adquirida no que fazia lhe facilitaria a abordagem de um tema específico que dissesse respeito àquela divisão. Contudo, seus valores morais empregavam outro peso à decisão: para ele, seria injusto abordar um assunto isolado com o qual lidava diariamente e já estava verdadeiramente familiarizado.

Apesar da questão moral que influenciava Belmiro nesse momento de sua vida profissional, um trabalho acadêmico de extrema delimitação não supriria o desejo genuíno de aperfeiçoar o serviço público com alguma ação mais abrangente e significativa. Seu propósito, nem por um instante, era tão somente ocupar a cadeira de Técnico de Administração do DASP. De fato, desejava contribuir com a gestão eficiente do órgão e, por conseguinte, com a administração pública do país.

Paralelo ao concurso, o jovem servidor público precisava quitar um débito curricular e formalizar a conclusão do ensino regular, uma vez que não possuía o diploma do segundo grau (hoje, ensino médio). Vale ressaltar que, naquele tempo, o notório saber tinha peso e respeitabilidade incalculavelmente superiores aos dos dias atuais, sendo o conhecimento

uma forma de diplomação. Tanto que as atividades realizadas por Belmiro figuravam no patamar acadêmico. Mesmo assim, em 1948, ele completa a formação secundária pelo Colégio Frederico Ribeiro do Distrito Federal.

Entre exames de conclusão do científico e revisão de disciplinas genéricas e obrigatórias, se encaixavam análises e leituras de textos, teorias e concepções infinitamente mais elaboradas. Pouco a pouco, Belmiro organizava ideias, embasava conclusões e arquitetava um trabalho diferenciado, a ser julgado pela banca do concurso ao qual estava submetido. Inegavelmente, todas as experiências confluíam para resultar no projeto mais significativo da sua vida até aquele momento.

A união entre o estudo da psicologia, os mais de cinco anos de serviço público e a percepção diferenciada de mundo fecundou, provavelmente, o melhor trabalho já inscrito em uma seleção do DASP, intitulado “Do Regime de Concursos – sua eficiente implantação no serviço público”. Certamente, o melhor daquela seleção, que contava com candidatos ilustres, a exemplo do proeminente sociólogo e futuro deputado federal Alberto Guerreiro Ramos (segundo colocado no certame). Ali, Belmiro expressava de forma clara e direta a sua noção de mérito, mais de meio século antes do tema “meritocracia” entrar em voga no país.

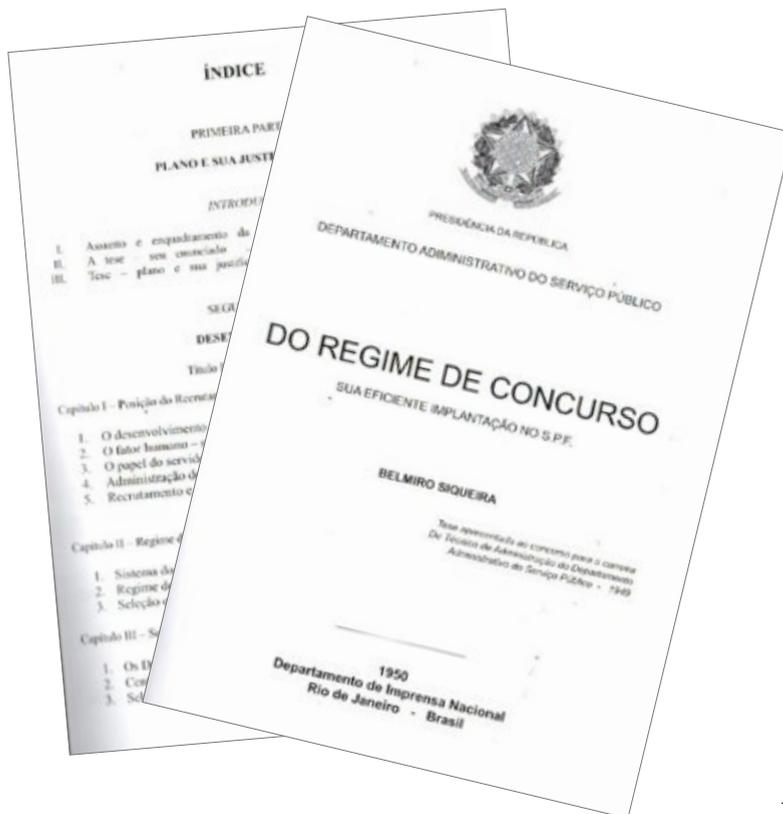
De acordo com o metodismo protestante ao qual era simpático, a ética do trabalho é fundamental para a realização humana e o mérito vem daquilo que você constrói. O conceito também está presente na obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, de Max Weber. Siqueira acreditava nisso com muita convicção e desejava trazer tal valor ao funcionamento da máquina pública.

Na sua tese, assim como nos artigos que publicou entre os anos de 1947 e 1950 – hoje disponíveis na biblioteca virtual do CRA-RJ –, defendeu que a seleção de pessoal do serviço público permanecesse centralizada, ou seja, sendo realizada pelo DASP. Além disso, pregava o aperfeiçoamento constante dos funcionários das três esferas de governo (municipal, estadual e federal) para a melhor prestação de serviço aos cidadãos.

Outro tópico indispensável na defesa apresentada por Belmiro dizia respeito aos apadrinhamentos, o popular “pistolão”, sobre o qual apresentava os malefícios e preconizava



Acima | Belmiro Siqueira durante reunião  
Abaixo | O trabalho que ganhou o 1º lugar



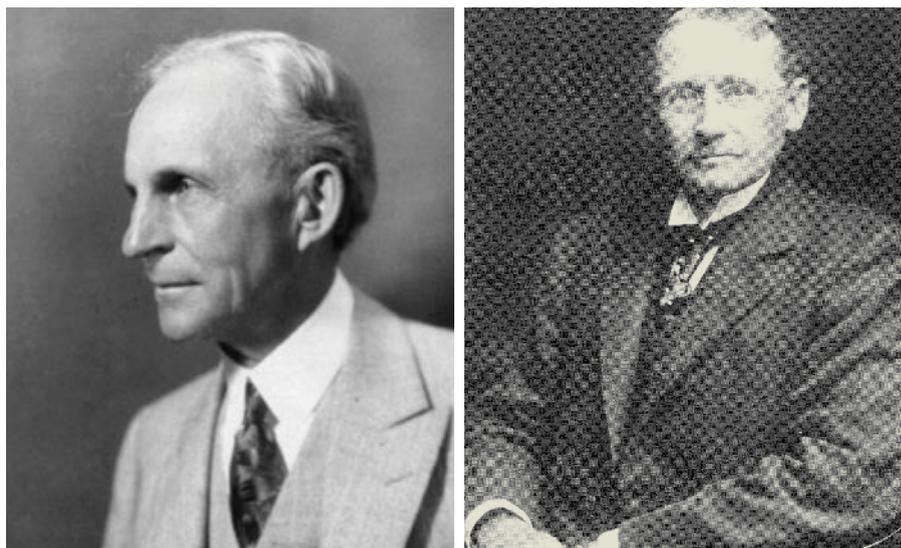
a extinção: “[...] ao lado de outras relevantes medidas e importantes fatores, a adoção dos princípios do mérito, requisito sine qua non que, se não for preenchido, tornará precário ou mesmo anulará todo o esforço despendido pela organização interessada, no sentido de obter e manter adequado corpo de servidores”, discorreu Belmiro, frente à banca examinadora e ao público presente, no dia D da seleção que participava.

As testemunhas da apresentação se maravilhavam com o que concluía aquela união de ideias, teorias e conceitos. Uma linha de raciocínio sofisticada e por demais avançada para o período e a cultura em vigor. E Belmiro seguia. Discorreu sobre o que definiu como os quatro princípios característicos do mérito: Democrático – acessibilidade dos cargos públicos a todos os candidatos qualificados; Da competência – a escolha dos mais capazes, de acordo com classificação estabelecida à vista de elementos tecnicamente fixados; Da moralidade administrativa – o afastamento das más influências de políticos, parentes, amigos ou poderosos, quer na seleção inicial, quer nas demais fases da Administração de Pessoal; e Do moral elevado – o direito amplo de defesa.

O certame em curso foi, portanto, a prova cabal do processo de migração da Matemática e da Estatística para a área de Administração de Pessoal, pelo qual o ubaense passava. Diante de todos, Siqueira selava sua habilidade no trato com as pessoas e no valor que a

*"[...] ao lado de outras relevantes medidas e importantes fatores, a adoção dos princípios do mérito, requisito sine qua non, que se não for preenchido, tornará precário ou mesmo anulará todo o esforço despendido pela organização, interessada, no sentido de obter e manter adequado corpo de servidores".*

Ao lado | Henry Ford e  
Frederick Taylor



elas conferia, ao tornar público o seguinte trecho de sua tese: “O lucro social do Estado e o lucro financeiro de uma empresa particular derivam, em máxima parte, do potencial humano neles empregados. Dentre os elementos de qualquer organização, o homem se destaca como fundamental”.

Graças à inovação proposta para melhorar a eficiência e eficácia do serviço público, contribuindo com o avanço da gestão pública do país, Belmiro desbancou todos os concorrentes. Foi aprovado em primeiro lugar, seguido por Guerreiro Ramos, que defendera uma tese abordando duas grandes correntes da Administração: o fordismo e o taylorismo. Superou também Eurico Siqueira, o irmão mais velho, aprovado no mesmo concurso oito anos antes como segundo colocado. O resultado acabou lhe conferindo a chancela de Graduado em Nível Superior de Ensino, por força do concurso. Tinha apenas 28 anos de idade e já compunha seleto grupo de funcionários do Estado.

Antes de completar sua terceira década de vida, Belmiro aplicava o ineditismo ousado de subverter a ordem imposta. Era um tempo de coronéis e elites entranhadas na máquina pública, muito mais do que ainda hoje é possível aferir. Os venenosos vícios na administração do Estado eram factualmente apontados tal qual seu antídoto, embasados pelos argumentos incontestes de um jovem vindo do interior. Se o ubaense já incitava respeito, agora era consultado como referência na formulação e aplicação da Administração Pública brasileira.

## BELMIRO – AMOR E ADMINISTRAÇÃO

---

Graças a isso, colheu ainda outros louros no tocante à formalização do notório saber. Em 1950, com poucos meses de graduado, obteve expressa licença para lecionar as matérias de Matemática e Estatística para a formação de graduandos em Nível Superior. O feito o levou ainda mais alto no órgão em que atuava: foi alçado, naquele mesmo ano, ao cargo de Chefe da Sessão de Estatística Administrativa, onde permaneceu até o fim do ano seguinte.

Belmiro chegara ao topo. Mas o que é o topo? O cargo mais alto? O salário graúdo? O status acadêmico? Ou a superioridade cognitiva? Para Siqueira, o topo era um lugar a ser compartilhado, difundido. Levava a sério a cultura do servir e do amor ao próximo. Agregador nato, via o lugar que ocupava como idealmente oportuno para, a toque de progressão geométrica, se pôr à serviço do aperfeiçoamento do outro, fosse esse um indivíduo ou um núcleo social. Na prática de conectar pessoas, a continuidade se deu também pela realização de um desejo antigo: reunir a família, apartada pela geografia do espaço e do mapa desenhado pela casualidade.



Ao lado | A família Siqueira reunida

*Por ter perdido  
o pai ainda no  
primeiro ano de  
vida, Belmiro  
nutria um  
sentimento muito  
especial pela mãe.*

## O NÚCLEO DA FAMÍLIA SIQUEIRA VAI PARA O RIO DE JANEIRO

Dos seis filhos de Thereza Jório e do falecido João de Siqueira, três haviam se radicado na capital do país. O primeiro a migrar da Zona da Mata mineira para o antigo Distrito Federal foi Eurico, o mais velho. Anos depois, Belmiro fez o mesmo percurso, sendo seguido um pouco mais tarde pelo irmão caçula, Joãozinho. Todos criaram raízes na cidade, conquistando boas posições profissionais e alargando suas famílias particulares. Para eles, Ubá já não constava mais em seus projetos de vida, tornara-se uma saborosa memória dos tempos idos, alocada no abstrato emocional de suas consciências.

Da pequena cidade no interior mineiro, o único bem passível de resgate, para Belmiro, era a própria família. Os irmãos que ainda viviam lá, todos mais velhos que ele, conduziam as próprias histórias. Trilhavam seus caminhos ali mesmo no interior. Já a mãe italiana, aposentada da educação da prole, podia transitar e até migrar por onde (ou para onde) julgasse mais aprazível à experiência da fase final da vida, a velhice. Ele, Belmiro Siqueira, logicamente encontrava-se a par dos fatos e, com base nisso, articulou seus planos.

Por ter perdido o pai ainda no primeiro ano de vida, Belmiro nutria um sentimento muito especial pela mãe. A presença e o suporte materno intenso que recebeu, inclusive



Ao lado | Belmiro na porta de casa, na Barra

depois de se casar e mudar para o Rio, incutia em si a paternidade que não pôde saborear via verdadeiro autor. Dona Thereza era a mãe que mantinha vivo o pai precocemente usurpado da família por uma apendicite, doença fatal para a medicina da década de 1920. E o técnico de administração do DASP ansiava retomar esse convívio, abdicado por força do rumo que decidira seguir ao sair da cidade de onde era natural.

A trajetória em solo fluminense foi marcada por privações e dificuldades no primeiro momento. O esforço despendido por Siqueira na década inicial na metrópole resultou numa vida estável e muito bem estruturada. Se, no quatinho do Catete, dividir o diminuto ambiente com a esposa e o filho Jonny demandou sacrifício conjunto, o amplo espaço do apartamento recém-adquirido em Rio Comprido favorecia a agregação familiar. Era o momento ideal para concretizar o sonho de ter a mãe sob seu teto, o que logo aconteceu.

Dona Thereza, então, deixa Ubá para morar com o filho no Rio de Janeiro. No apartamento da Rua Itapiru, passa a dividir o quarto com os netos, dos quais se torna muito próxima. Apesar de ter ajudado a criar Jonny nos primeiros anos de vida, depois que Eby saiu de Minas com ele passou a vê-lo pouco. Já com Wagner, o mais moço, só havia encontrado algumas vezes. A matrona estava feliz também porque seu caçula morava bem perto. Não faltava mais nada: o núcleo da família Siqueira agora estava fixado na capital do Brasil.

*O nascimento da primeira filha  
brindava a nova fase. Eby dá lugar a  
Roseane Huckleberry Siqueira,  
em agosto de 1950. O fato  
provoca o esperado: o pai insistia em  
batizar a menina com o nome de outro  
personagem literário.*



Acima | Eby, Belmiro e os filhos  
Becky, Cassandra e Wagner

Belmiro havia realizado um sonho: conseguira deixar a família mais unida e sua casa era o epicentro dos acontecimentos. Poucos meses depois do feito, o nascimento da primeira filha brindava a nova fase. Eby dá luz a Roseane Huckleberry Siqueira, em agosto de 1950. O fato provoca o esperado: o pai insistia em batizar a menina com o nome de outro personagem literário, Rebeca. Novamente, Eby foi dura e não permitiu invenções além do já instituído sobrenome Huckleberry. Não fez diferença. O excêntrico mineiro sempre tratou a filha por Becky enquanto esteve vivo. O nome extraoficial relegou o da certidão a certo limbo de esquecimento, a ponto de a própria garota ter dificuldade em responder quando alguém se dirigia à 'Roseane'.

Com novos membros, a família Siqueira, alocada no Rio de Janeiro, já era razoavelmente volumosa. A chegada de Dona Thereza acabou forjando uma tradição capaz de reunir todos com frequência semanal: os almoços de domingo. Era uma cerimônia extremamente venerada por seus praticantes, regida por uma liturgia implícita, mas de perfeita compreensão. Já no sábado, a cozinha da casa de Belmiro entrava em atividade intensa. A matriarca dava o tom, punha a mão na massa e a nora seguia o ritmo, geralmente auxiliadas por alguma empregada doméstica. Na manhã seguinte, boa parte dos alimentos já estava pronta e era hora de ornamentar a casa.

O dia era sagrado e pedia uma preparação especial e cuidadosa da mesa de jantar e dos cômodos onde haveria circulação de pessoas. Seguindo o ritual, Dona Thereza se arrumava da melhor e mais formal maneira possível. Preparava-se não exatamente para o almoço, mas para receber o filho mais velho – de acordo com a cultura italiana, depois que ficou viúva, Eurico era, por direito e dever, o substituto do marido na chefia da família. A despeito do calor carioca, ela sempre usava roupa preta e comprida, em sinal do luto que já atingia quase 30 anos.

Durante o encontro semanal, grupos se dividiam de acordo com a cartilha social da época. Os homens conversavam de um lado, as mulheres de outro e as crianças brincavam entre si. Nessas ocasiões, Belmiro e Joãozinho punham os assuntos em dia, contando as experiências da semana, partilhando o que quer que fosse. Entre os outros irmãos também havia proximidade, mas os dois mais novos eram como almas gêmeas. Sempre pediam opinião um ao outro a respeito de tudo. Eby e Maria Amélia, as esposas, chegavam a ter ciúme da comunhão espiritual existente entre seus maridos.

Essas também eram as ocasiões nas quais Belmiro mais dedicava atenção presencial aos seus familiares. O carinho que distribuía na correria do dia a dia, nas lacunas de tempo que encontrava, era permanente aos domingos. A mística em torno daquele evento possuía tal potência que o dia não era violado nem mesmo pelo vigor da sua atuação intelectual e profissional. Autêntico, espontâneo e um tanto sem vergonha, vez ou outra fazia declarações à esposa durante a refeição. Na presença de todos, de supetão, levantava-se e, virando-se para a mulher, dizia: “Eby, meu amor. Eu te amo!”.

Caso esse tradicional almoço de domingo pudesse ser nominado, talvez a melhor pedida fosse “Dia dos Siqueiras”. Após iniciado, o evento cresceu à medida que agregados eram feitos e mais crianças nasciam na família. Um dos pontos comuns nas entrevistas realizadas para a construção dessa biografia é a narração emocionada do dito fato. Com açúcar nos olhos, cada familiar rememora tais ocasiões de um jeito particularmente especial. Todos, sem exceção, parecem saborear o doce em suas memórias ao acessá-las. Na mesma unicidade, lamentam o encerramento do rito após o falecimento do seu promotor, Belmiro Siqueira.

Entre o início e o fim do “Dia dos Siqueiras”, porém, muito aconteceu na vida do ubaense aqui biografado. Do cargo mais alto do Departamento Administrativo do

*Autêntico,  
espontâneo e um  
tanto sem vergonha,  
vez ou outra fazia  
declarações à esposa  
durante a refeição.  
Na presença de  
todos, de supetão,  
levantava-se e,  
virando-se para  
a mulher, dizia:  
"Eby, meu amor.  
Eu te amo!"*

Serviço Público (DASP), ele integraria o pioneiro grupo no ensino da Administração no Brasil e, dentre outros feitos na gestão pública e privada do país, participaria da fundação da primeira escola brasileira voltada para essa área do conhecimento.

### DE FATO, ADMINISTRAÇÃO

A história entre Belmiro e a Administração Pública brasileira começou efetivamente no Departamento de Administração do Serviço Público (DASP), em 1943, quando foi aprovado para o cargo de Assistente de Aperfeiçoamento. O órgão havia sido criado em 1938, durante a ditadura Vargas, com a finalidade de implementar a modernização do Estado brasileiro por meio do fortalecimento da máquina do governo. O DASP também fornecia assessoria técnica à Presidência da República; um suporte profissional e especializado às decisões do chefe de Estado. Siqueira, portanto, estava no olho do furacão da história recente do país quando escolheu atuar na área.

Dois anos após ingressar no órgão, o servidor público ubaense assistia ao fim do Estado Novo com a renúncia do presidente. Ainda naquele ano, o General Eurico Gaspar Dutra é eleito para a chefia do Executivo brasileiro e prossegue com a tarefa proposta pelo DASP. No elenco da instituição, Belmiro continuava exercendo o papel que lhe cabia e, pouco a pouco, buscou dar mais de seu potencial ao grande projeto de reforma administrativa nacional.



## BELMIRO – AMOR E ADMINISTRAÇÃO

---

Ainda no governo Dutra, Siqueira chegou ao principal cargo técnico do DASP. Era especialmente respeitado e requisitado graças à qualidade dos trabalhos desenvolvidos, com destaque para o do concurso de 1949, no qual foi aprovado em primeiro lugar. Uma credibilidade que lhe permitiu ser referência de Henrique Lott à Castello Branco, com a mesma relevância.

O assunto que fervia no DASP quando Belmiro chegou era a criação de uma instituição dedicada ao estudo e ensino de problemas de administração. De certo, o projeto já estava bem encaminhado, mas ele teve a oportunidade de participar da etapa final.

Em 1944, nascia a Fundação Getúlio Vargas (FGV), reunindo escolas focadas na economia, na administração pública e privada e na história do país. Siqueira permaneceu próximo à entidade recém-criada e percebeu que o conhecimento fomentado ali eclodiria em um avanço técnico e científico, capaz de lapidar incessantemente os processos de gestão. Era o começo da FGV e o motivo pelo qual foi criada já bastava para indicar que aquele seria um celeiro da Administração no país.

Na década de 1950, Belmiro já era notório entre os colegas, sobretudo por estudar e pensar soluções para a Administração Pública. Analisar o papel do ser humano nos processos laborais e gerenciais, dando a este agente o protagonismo nos negócios e nas organizações, era um diferencial bastante elogiado. Já na Estatística era mais que tarimbado, dominava a



Ao lado | Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro

Ao lado | Belmiro Siqueira



matéria desde a época em que vivia em Ubá e criava uma cadelinha batizada de Matemática – uma inspiração de quando se envolveu profundamente com tal área do conhecimento.

Em funcionamento, a FGV cria a primeira escola de Administração Pública do Brasil e da América Latina, a Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP). Dessa vez, Belmiro participa de todo o processo de concepção da escola, inclusive debatendo a respeito da grade curricular e do conteúdo a ser ministrado. A instituição de ensino superior é inaugurada em 1952 e Belmiro estreia como professor de Administração de Pessoal.

O ubaense de 31 anos de idade já havia demonstrado pioneirismo ao construir e defender a tese “Do Regime de Concursos”, enaltecendo o sistema do mérito, a valorização do profissional em sua condição humana e o constante aperfeiçoamento de pessoal. Agora, compondo o grupo original de professores regulares de Administração da EBAP, ele dava extensão continental ao conquistado título de pioneiro.

Naquele momento, também germinava o texto que, 11 anos mais tarde, regulamentaria a profissão de administrador. Foi o grupo original de professores da EBAP que desenhcou e redesenhou o primeiro projeto de lei, apresentado pelo deputado Alberto Guerreiro Ramos ao Congresso, em 1963. Um momento histórico na formação da carreira, que hoje conta com mais de 400 mil profissionais ativos no Brasil.

*foi o grupo original de professores da EBAP que desenhou e redesenhou o primeiro projeto de lei, apresentado pelo deputado Alberto Guerreiro Ramos ao Congresso, em 1963. Um momento histórico na formação da carreira, que hoje conta com mais de 400mil profissionais ativos no Brasil.*

Se Belmiro Siqueira foi escolhido para ser o patrono dos profissionais de Administração do país, o acaso sabidamente não tem responsabilidade nisso. A multidisciplinaridade que praticava o fazia alcançar horizontes inimagináveis para muitos. Para ele, tudo agregava e poderia convergir para um objetivo único. Estatística, Administração de Pessoal, literatura, o convívio com a família, as fugazes relações cotidianas: em tudo existia conexão, simbiose. Cada experiência se tornava um instrumento a mais para alcançar o objetivo de aperfeiçoar o modo de fazer gestão.

O bem-humorado ubaense não negava trabalho, sobretudo se o desafio era novo e inesperado. Logo que começou a lecionar na FGV, recebeu um convite distinto para uma tarefa de grande responsabilidade: assumir a direção da Revista do Serviço Público – até hoje uma das publicações mais respeitadas na área –, feita pelo DASP.

Formalmente, a atividade lhe era estranha. Nunca havia comandado um periódico. Em contrapartida, lia compulsivamente, escrevia com exímia desenvoltura e provara ser um gestor à frente do seu tempo. O conhecimento estava nele como palha seca, aguardando uma fagulha para queimar. E incendiou! Ficou por dois anos no cargo até receber outro convite e... Bem, por que não aceitaria?



## BELMIRO – AMOR E ADMINISTRAÇÃO

---

O Instituto de Administração e Gerência (IAG), como foi intitulada a faculdade, também apresenta nomes com experiência na instrução da Administração nos Estados Unidos, a exemplo de Paulo Novaes. Esses profissionais trazem ao Brasil modelos de ensino utilizados nas Forças Armadas americanas, traduzindo-os à realidade brasileira. O curso estreou com um cronograma total de 500 horas, diluídas ao longo de seis meses, tendo a cadeira de professor de Administração de Pessoal ocupada por Siqueira.

Desde que ingressou no serviço público, Belmiro passou a lidar diariamente com questões administrativas das mais diversas. Na prática das tarefas diárias dos órgãos, no desvelar dos estudos formais ou curiosos e muitas vezes independentes, ou na formalização de tal conhecimento, ele se apoderava da Administração com naturalidade e fluidez. Antes que percebesse, ganhou notoriedade. Técnica, acadêmica e cientificamente, Siqueira estava incontestavelmente grafado na história da Administração brasileira.

## DESDOBRAMENTOS NA VIDA FAMILIAR

Quando partiu de Ubá, os bens mais valiosos contidos na bagagem de Belmiro não podiam ser furtados ou mesmo corrompidos. Fé e obstinação eram (e continuaram a ser) os maiores patrimônios do rapaz do interior que desembarcou na Estação



Ao lado | Belmiro e família

*Ainda em 1954,  
o lar que montou  
cuidadosamente foi,  
enfim, preenchido  
com a chegada da  
sua filha caçula,  
Cassandra  
Huckleberry  
Siqueira. Dessa  
vez, Belmiro  
preferiu nem tentar  
outra invenção  
na certidão de  
nascimento da última  
herdeira.*

Ferrovária Barão de Mauá, no Centro do Rio de Janeiro. Graças a isso, todo potencial e conhecimento paulatinamente adquiridos – além dos demais atributos muitas vezes citados nesta biografia – se encaixaram harmonicamente, resultando numa vida profissional excepcionalmente bem-sucedida.

Em 16 anos, tempo relativamente curto, Siqueira havia se efetivado professor, tradutor, servidor público, pesquisador e especialista em Administração de Pessoal. Participou da organização dos primeiros cursos técnicos do Brasil no campo da Administração. Requirido, ajudou a fundar a primeira graduação do país na área, efetivamente. Não foram necessárias duas décadas para que, ao falarem em gestão, seu nome estivesse associado.

Concomitantemente, o sucesso pessoal era partilhado com a família. Se chegou sozinho à antiga capital brasileira para morar de aluguel em uma pensão e tentar a sorte, já estava em residência própria na companhia da esposa, dos filhos e da mãe. Contava também com as reuniões dominicais em que revia irmãos, sobrinhos e outros parentes, um compromisso infalível e bem saboreado a cada semana.

Ainda em 1954, o lar que montou cuidadosamente foi, enfim, preenchido com a chegada da sua filha caçula, Cassandra Huckleberry Siqueira. Dessa vez, Belmiro preferiu nem tentar outra invenção na certidão de nascimento da última herdeira. Eby certamente ficou grata por não precisar dissuadi-lo da alcunha de outro personagem da literatura. A lotação do apartamento de dois quartos da Rua Itapiru estava completa, inclusive em história: três gerações da família residiam ali.

A harmonia estava presente naquela casa, mas há de se considerar que quietude é um estado utópico de convivência no lar onde mora um casal, quatro crianças e uma idosa. Os filhos, em especial, promoviam grandes patetadas que, não raramente, envolviam Dona Thereza na condição de vítima. Um caso que se tornou cômico – por não ter um desfecho trágico – tem Jonny como protagonista. Ele começara a carreira militar e mantinha uma espingarda velha em casa. Certo dia, achou boa ideia fazer a limpeza da arma no quarto que dividia com a avó, estando ela no recinto. Bastou um vacilo para o disparo seco ecoar no ambiente. A bala passou próximo à senhora e atingiu, em cheio, o guarda-roupa logo atrás dela. Por sorte, os únicos a precisarem de socorro foram a porta do móvel e as roupas da sexagenária – furadas pelo projétil calibre 22 milímetros.

Outra peripécia dos moleques deixou Eby apavorada. Cassandra, ainda muito pequena, estava em casa apenas na companhia da ajudante doméstica. Sua mãe saíra para levar Becky, a irmã mais velha, à aula de piano. Sozinha na cozinha, a menina avistou uma vasilha cheia de uvas em cima da geladeira. A vontade de pegar as frutas talvez fosse inferior ao ímpeto infantil de traquinar; de qualquer modo, ela traçou seu plano e o pôs em prática. Abriu a porta do eletrodoméstico, pisou em cada prateleira que as curtas pernas permitiam e, já no alto, com os dedinhos próximos ao seu “troféu”, sentiu o peso do refrigerador virando em sua direção. Um estrondo! Em seguida, o caos.

Ilesa, Cassandra cuidou de sumir para não ser pega. A faxineira ficou desesperada ao ver a confusão instaurada na cozinha, a pesada geladeira emborcada no chão, cacos de louças espalhados e a menina desaparecida. Imediatamente, concluiu: a criança estava embaixo do refrigerador. No calor do momento, um vizinho foi chamado para ajudar a levantar o aparelho doméstico e, mesmo assim, nem sinal da responsável pelo acidente. Quando chegou, Eby tomou conhecimento do fato e soube exatamente onde a filha estava. Foi depressa à casa do cunhado. Com medo de represália por parte da mãe, a garota procurou guarida junto aos fiéis protetores, tio Joãozinho e tia Amélia. Sabia que o casal amainaria a situação e evitaria as palmadas punitivas.

*"Se tivermos a  
felicidade dentro  
de nós, veremos  
beleza em tudo"*



Ao lado | Belmiro, sua filha  
Roseane e sua nora Henriette

---

*Belmiro se viu desamparado ao perder a mãe, pois era a maior referência em sua vida.*

*O vínculo entre eles, que sempre foi muito grande devido à múltipla representatividade parental da senhora italiana.*

Enquanto a esposa fervia até os cabelos com as travessuras – por vezes perigosas – dos filhos, Belmiro se divertia. Lógico que há gravidade no disparo de uma arma de fogo dentro de um quarto e em escalar uma geladeira. Contudo, nenhum prejuízo foi calculado além do financeiro, estavam todos bem. O bastante para o ubaense rir em lugar de se preocupar. Para alguém com os olhos voltados a enxergar o lado bom da vida, essas situações apimentavam o dia a dia, coloriam ainda mais a experiência de ser pai e a convivência em família.

Essa forma particular de olhar a vida tinha reflexo no humor de Siqueira, sempre alegre e positivo. “Se tivermos a felicidade dentro de nós, veremos beleza em tudo”, costumava dizer. De todas as pessoas que o conheceram, raríssimas puderam afirmar que presenciaram um dia de abatimento ou tristeza em seu convívio. Entretanto, houve ocasiões pontuais em que o lamento fez frente ao costumeiro otimismo do ubaense. A principal e mais marcante delas se refere ao duplo sentimento de perda em um só falecimento: o de sua mãe, Dona Thereza.

O óbito se deu no período do carnaval de 1958. Tempos antes, ela já estava bem adoentada, sendo cuidada em casa e respirando com ajuda do cilindro de oxigênio. Belmiro se viu desamparado ao perder a mãe, pois era a maior referência em sua vida. O vínculo entre eles, que sempre foi muito grande devido à múltipla representatividade parental da senhora italiana, se tornara ainda maior depois que voltaram a viver sob o mesmo teto. Ele teve a oportunidade de ver Dona Thereza convivendo com os netos, fazendo suas vontades e ajudando na educação. Mas essa última fase não durou uma década.



Cassandra, que contava apenas quatro anos de idade quando a avó morreu, hoje conta a tristeza do pai. Não há outro momento na vida de Siqueira em que a dor se projetou tão nitidamente; “era como se ele tivesse morrido junto”, atesta a caçula. A partir de então, o ubaense passou a cantarolar músicas italianas como meio de expurgar o sofrimento e manter boas lembranças da mãe. Também adotou novo rito aos domingos: levar flores ao túmulo de Dona Thereza, geralmente acompanhado de um ou mais filhos.

O tempo é o melhor remédio, costumam dizer. Uma verdade que se aplica ao luto de Belmiro. A vida seguiu. Os almoços de domingo continuaram e os saudosos Siqueiras tiveram de preencher a lacuna, reorganizando e dando novo significado à ausência da matriarca. Em dado momento, as visitas ao cemitério se tornaram naturais e agradáveis, anulando a morbidez do lugar. Onde havia tristeza, sobrou saudade.

Após a perda, um fato curioso se dá na vida do servidor do DASP. Ninguém sabe dizer ao que isso está relacionado, mas Belmiro passa a ter um relacionamento extraconjugal. A mulher se chamava Zelir Xavier, técnica em Administração. Segundo relatos, se tratava de um relacionamento de cuidado. Enquanto estiveram juntos, ele zelava pela moça e pelo filho dela, uma criança de menos de 10 anos de idade, chegando fazer feira para eles.

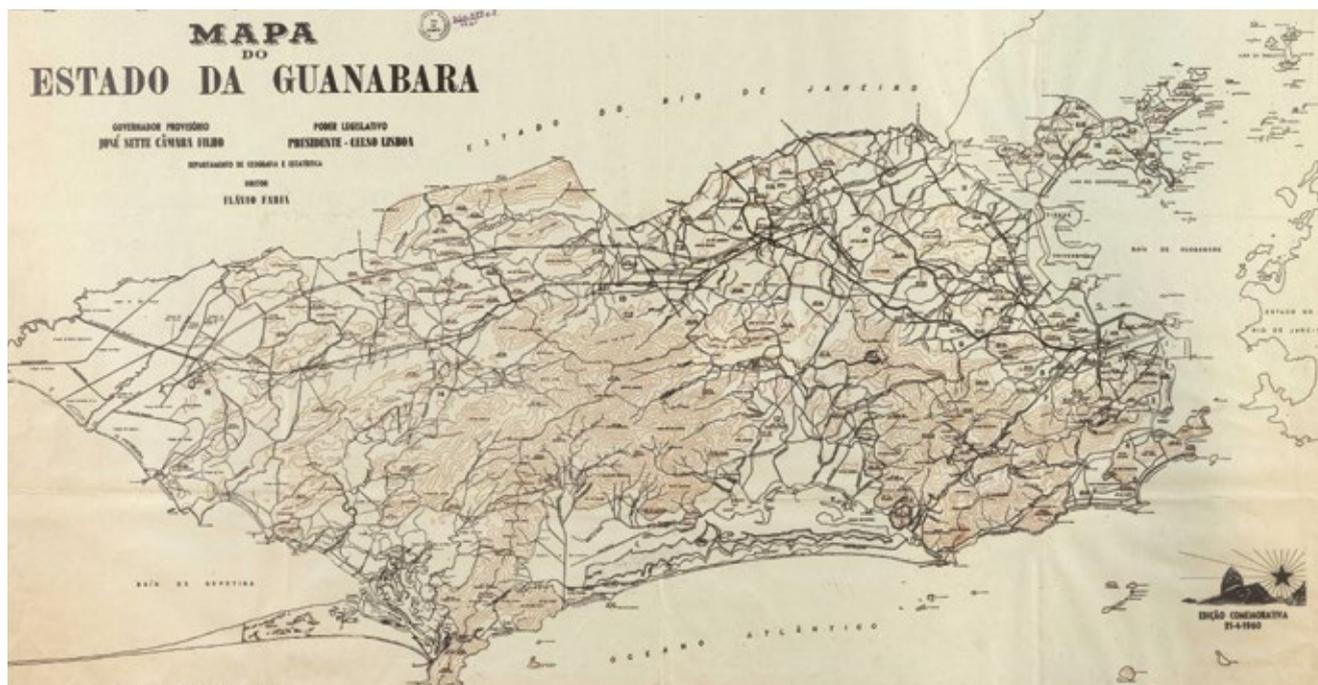
Eby sabia do caso. Mas, como mandava a etiqueta da década de 1960, mantinha discrição e evitava tomar mais conhecimento daquilo que a ultrajava. O marido, por sua vez, continuava cumprindo com suas obrigações matrimoniais, se mantendo inalterado no casamento. Por outro lado, ocultamente, a esposa queimava de ódio. No dia em que ela encontrou uma caixa de presente que Belmiro comprara para o filho da rival, liberou toda a raiva escondida. Rasgou a embalagem e reduziu o brinquedo a cacos. Sem ao menos elevar o tom de voz, ele assistiu a cena compadecido.

O caso além-matrimônio chegou ao fim e seu término (tal qual o começo e o durante) ainda é um mistério. Suspeita-se que até nessa aventura – moralmente inaceitável para os costumes atuais – esteja presente o altruísmo do ubaense. Testemunhas alegam unissonamente que ele agia como um pai para a dita namorada. Uma conclusão plausível é que o romance nutria uma necessidade de cumplicidade e entendimento relacionados aos acontecimentos da vida profissional, aliado à carência afetiva do momento e à conhecida vontade de ajudar.

Até o mais otimista dos seres humanos enfrenta dias nublados. Belmiro também teve seu momento de céu acinzentado por nebulosas nuvens carregadas. Mesmo assim, não arriscou um só resmungo ao firmamento ou à própria ventania que o empurrava. Preferiu repetir o resiliente mantra sagrado da evolução: “tudo que acontece comigo é para o meu bem”. Se tudo passa, a tristeza e o luto logo cumpririam seu papel e seguiriam viagem. Pacientemente, esperou. Logo, a ascensão levemente adormecida retomou o ritmo belmiriano de progresso.

### **DE VARGAS A LACERDA, O MESMO ADMINISTRADOR**

A historiografia nacional registra uma forte guerra política no período anterior à Ditadura Militar, protagonizada por duas grandes potências pessoais: Getúlio Vargas e seu intestino opositor, o jornalista Carlos Lacerda. O primeiro chegou a ser acusado de mandar assassinar o oponente. Já o segundo, se valia do impecável dom da retórica para atacar as medidas do governo ao qual rivalizava. Um enfrentamento entre nacionalismo e liberalismo que fez a capital da República tremer enquanto existiu.



Nacionalistas ou liberais, para Belmiro as alcunhas não importavam. Via, sim, relevância na lisura e na profissionalização do serviço público aplicada pelo governo responsável. Ismos e ideologias, por si só, representavam pouco, quase nada, sem uma prática capaz de sustentá-los. Do mesmo modo, mantinha-se acessível a quaisquer governantes que lhe acenassem pedindo contribuição, no intuito de aperfeiçoar o fazer administrativo de um aparelho estatal.

Desde que ingressara no DASP – criado por Vargas –, Belmiro preocupava-se em fomentar eficiência e eficácia no serviço à sociedade brasileira. Quando o presidente Juscelino Kubitschek criou o Estado da Guanabara, em 1960, por meio da Lei San Tiago Dantas, devido à transferência do Distrito Federal para a recém-inaugurada capital Brasília, Siqueira pareceu um nome essencial para organizar o único estado-município do Brasil.

O primeiro a tomar posse por meio do voto no Governo do Estado da Guanabara foi Carlos Lacerda, no dia 5 de dezembro de 1960. Ele já conhecia o trabalho de Belmiro e estava plenamente a par da qualidade profissional do servidor público que, no decorrer de quase duas décadas, transformara o modo de fazer administração no Brasil.

*A participação de Siqueira foi crucial para a estruturação de carreiras e suas atribuições e para o estabelecimento de hierarquias na estrutura pública da nova Unidade Federativa.*

Lacerda via no ubaense uma figura estéril de ismos, atestadamente capacitada para revolucionar as práticas de gestão e contribuir com o sucesso do seu estreante governo. Exato no julgamento, o político recrutou Siqueira.

Àquela altura, Belmiro acumulava um sem número de tarefas, distribuídas em diversas instituições: DASP, FGV, IAG e outras escolas em que ministrava aulas. Em todo caso, não negou. Assumiu a função de assistente do Secretário de Administração do Estado da Guanabara, Luis Carlos Mancini. Basicamente, seu trabalho era dar continuidade ao que ele mesmo havia desenvolvido na função de Diretor do Serviço de Seleção da Prefeitura do DF, entre 1954 e 1956, quando o Rio de Janeiro ainda era o Distrito Federal.

Meses antes de Lacerda assumir o poder, enquanto ainda era concebida a Constituição do Estado, o comando provisório da Guanabara estava nas mãos do à época Chefe da Casa Civil, José Rodrigues Sette Câmara. Nesse período, Belmiro foi um dos artífices da Lei 14, implantada em seguida pelo governador eleito. Dentre outros pontos, a norma modernizava as relações de trabalho entre os servidores e o poder público, assim como instituía a criação da Escola de Serviço Público do Estado da Guanabara (ESPEG).

A participação de Siqueira foi crucial para a estruturação de carreiras e suas atribuições e para o estabelecimento de hierarquias na estrutura pública da nova Unidade Federativa. Da mesma forma, a experiência e o conhecimento técnico do ubaense eram indispensáveis no desenho da nova escola, ventilada na Lei 14. Portanto, Belmiro envergava uma atuação que fomentava a qualidade do exercício e o aperfeiçoamento profissional, ratificando o que considerava imprescindível para a Administração (e para a vida): um caminho ininterruptamente evolutivo.

Logo que assumiu suas atribuições no Governo Lacerda, Belmiro passou a articular a criação da escola que aperfeiçoaria os servidores e, por consequência, os serviços prestados pelo estado. No primeiro momento, antes da fundação da ESPEG, foi realizado um curso intensivo para os funcionários estaduais. O resultado positivo deu origem a uma nova experiência educacional, com vista a afinar as diretrizes da futura instituição.

Entusiasmado com o efeito do curso intensivo, em janeiro de 1961, o governador Carlos Lacerda solicita ao administrador Albino Nogueira de Faria, diretor da Escola de

*Aquém de vieses políticos e ideológicos,  
Belmiro Siqueira reafirmava que  
sua preocupação figurava em atitudes e  
atividades práticas benéficas à comunidade.*

Serviço Público (ESP) – ligada ao Governo Federal –, que organize cursos para especialização e treinamento dos funcionários públicos estaduais, sob a supervisão do secretário de Administração, Luis Carlos Mancini, de quem Siqueira era assistente. Foi o último teste de qualidade para aferir se, de fato, valeria a pena fundar a prevista escola.

A eficiência constatada na condução do projeto de qualificação dos agentes do estado, sobretudo devido à excelência técnica dos professores responsáveis pelas aulas, isentou de dúvida o Governo da Guanabara. A partir dali, bastaram apenas dois meses para que o projeto integrante da Lei 14 se concretizasse. No dia 8 de março daquele mesmo ano, os jornais cariocas davam a notícia da cerimônia de inauguração da ESPEG.

Belmiro ainda atuou fortemente na área de concursos públicos enquanto integrava a administração da Guanabara, tornando-os mais justos e assertivos na seleção de novos servidores. Outro destaque do período se dá à sua participação na formulação do primeiro plano de cargos e salários feito na história da Administração Pública do país que, poucos anos mais tarde, seria exportado para a esfera Federal, por meio da Lei 3.780, no Governo de João Goulart.

Em 1965, Carlos Lacerda dá lugar ao seu opositor político, o embaixador Negrão de Lima, eleito governador do estado naquele ano. O novo chefe do Executivo carioca, então, promove o primeiro Fórum de Desenvolvimento Econômico e Social – dirigido pelo à época ministro da Fazenda, professor Otávio Gouveia Bulhões – e convida Belmiro para ser um dos conferencistas do evento, que aceita de pronto.

No fórum, Siqueira – aquela altura diretor geral da ESPEG (cargo ocupado nos anos de 1965 e 1966) – surpreende outra vez ao apresentar conceitos avançados para o senso comum do momento. Explanara sobre a simbiose da administração pública com a

administração privada, chamando de Administração Participativa a abordagem que era base para as atuais parcerias público-privadas, muito difundidas no Brasil de hoje. Entre suas principais defesas, estava o Orçamento Participativo, mecanismo que permitia que a comunidade levasse aos governantes suas demandas e necessidades. Uma apresentação merecedora do prestígio que o colocara ali.

Aquém de vieses políticos e ideológicos, Belmiro Siqueira reafirmava que sua preocupação figurava em atitudes e atividades práticas benéficas à comunidade. Um ser humano e administrador diferenciado, desapegado de vaidade, guiado pela diretriz de “fazer o bem, sem olhar a quem”. Qualidades que, aliadas ao desconcertante domínio técnico e científico, o fazia assediado por gregos e troianos. E se a intenção do pedido de ajuda fosse louvável, invariavelmente aceitava o desafio.

### **UMA CASA PARA OS ADMINISTRADORES DO BRASIL**

O Departamento de Administração do Serviço Público (DASP) era o aparelho incumbido da missão de aperfeiçoar a qualidade dos profissionais do serviço público. Dele, surgiram a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e diversos cursos focados no ensino da Administração. Naturalmente, no caminhar da sua história, o refinamento da área acontecia ali, com o esforço do grupo de servidores – e professores – do qual Belmiro Siqueira fazia parte e era destaque, principalmente por elaborar projetos na criação das escolas fundadas pelo órgão e promover inovações administrativas.

Aquele movimento em torno do tema e o crescimento da Administração como exercício profissional embasado na Academia, com teses, teoria e conceitos bem delineados, apontavam a necessidade preeminente de um texto regulatório que atendesse a classe, plenamente ativa na sociedade brasileira àquela altura. No epicentro do fenômeno, a equipe “daspiana” oriunda da Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP) percebeu a necessidade de dar o primeiro passo. Concluíram, portanto, o primeiro anteprojeto da futura Lei 4.769, em 1963, sob a autoria de Wanderley Theodorico Viana.

Depois de pronto, o texto foi encaminhado ao deputado federal Alberto Guerreiro Ramos para que ele pudesse colocá-lo em pauta na Câmara. O congressista analisa o documento

e chega à conclusão de que, do jeito que estava, não seria aprovado pelo colegiado. Então, sugere que façam alterações no anteprojeto para viabilizar seu sucesso no Congresso.

Wanderley, Belmiro e um time de profissionais voltam a se debruçar na proposta de Lei, tornando-a mais palatável aos deputados que pouco – ou nada – entendiam de Administração e seus efeitos econômicos e sociais. A reformulação se conclui e, ainda no mesmo ano, o texto retoma o caminho da Câmara dos Deputados. A votação termina com vitória para os profissionais de Administração, que passam a aguardar o desfecho no Congresso e a chancela da Presidência da República para que a Lei entre em vigor.

Felizes com a vitória, Belmiro e seus pares veem o sonho de regulamentar a profissão ameaçado pela reviravolta política de 1964. Os militares haviam tomado o poder e o deputado que assumia a linha de frente em defesa dos administradores na Câmara estava banido da política. Guerreiro Ramos era ligado à esquerda do país; perdeu o mandato e os direitos políticos com o Golpe Militar e, como consequência, a legitimidade de seguir defendendo a regulamentação da profissão. Parecia que tudo voltava à estaca zero.

Como indica o otimismo belmiriano: enquanto houver possibilidade, haverá tentativa. Ainda eram os primeiros anos da ditadura e o regime tentava manter a normalidade nas instituições. Apesar das cassações, o Congresso estava funcionando e cumprindo seu

*Felizes com a vitória, Belmiro e seus pares veem o sonho de regulamentar a profissão ameaçado pela reviravolta política de 1964. Os militares haviam tomado o poder e o deputado que assumia a linha de frente em defesa dos administradores na Câmara estava banido da política.*



Ao lado | Belmiro em reunião do Sistema CFA/CRA's

papel. A equipe idealizadora da Lei, então, decide recorrer ao deputado pelo estado de Minas Gerais, Francelino Pereira, já em 1965. Dessa vez, não houve contratempo. No dia 9 de setembro do mesmo ano, é aprovado o texto que dá origem à Lei 4.769/65.

A função de Belmiro Siqueira na luta pela regulamentação da profissão de administrador foi preponderante. Ultrapassando a capacidade técnica e científica, o entendimento completo do que era o ofício – graças aos anos de experiência e a posição que ocupava na máquina pública –, ele ostentava o dom do bom relacionamento e da persuasão afável.

Nos anos em que se elaborava o anteprojeto, Siqueira cuidou de peregrinar nos recintos onde o tema era de grande interesse. Acabou articulando e envolvendo membros e líderes da classe, a exemplo da Associação Brasileira de Técnicos em Administração (ABTA), com a qual se reunia frequentemente. O fácil trânsito o permitiu, inclusive, que acessasse e influenciasse congressistas e outros agentes fundamentais do Estado, angariando simpatias decisivas para o sucesso da causa.

Apesar de aprovado em 1965, o projeto da Lei 4.769 só conhece a caneta presidencial em 1967. Nessa época, Belmiro ocupava o cargo de diretor geral do DASP, o que o dava status de Ministro de Estado, permitindo-lhe fazer despachos diretos com o chefe do Executivo nacional. Do posto que ocupava, percebeu a oportunidade de um xeque-mate. Entre um despacho e outro, solicitou que o presidente Artur da Costa e Silva sancionasse a Lei aprovada dois anos antes pelo Congresso.

Após o Decreto presidencial, o Conselho Federal de Técnicos em Administração (CFTA), enfim, pôde funcionar. Como todo começo, o da autarquia também foi difícil e limitado. Graças aos esforços do ministro ubaense, o Ministério do Trabalho, lotado ainda no Rio de Janeiro, cedeu uma sala para que o órgão pudesse iniciar seus trabalhos. Belmiro ainda conseguiu três máquinas de escrever, papel, fita para as máquinas e outros materiais de escritório que possibilitaram a atividade efetiva do estreante Conselho.

Apesar de ter sido o principal artífice da criação do Conselho Federal de Administração (CFA), Belmiro estava impossibilitado de participar do colegiado do órgão – naquele momento, ligado ao Ministério do Trabalho – durante os primeiros anos de funcionamento. Na posição de ministro de Estado, o diretor geral do DASP não podia concorrer à cadeira de conselheiro da autarquia. Mesmo assim, permaneceu presente. Da posição em que se encontrava, viu a escolha do primeiro presidente da casa dos administradores, Ibany Ribeiro da Cunha, assim como testemunhou a instituição dos Conselhos Regionais de Administração (CRAs) em 1968 e, como consequência, a primeira formação do Sistema Conselhos Federal e Regionais de Administração (CFA/CRAs)<sup>1</sup>.

Ainda oficialmente espectador, em 1969, Belmiro vê a contenda prenunciadora do cerceamento de autonomia do recém-nascido conjunto de autarquias. Albino Nogueira de Faria, presidente do Regional do Rio de Janeiro, e Ibany Ribeiro se desentenderam acerca da concessão do direito ao título de técnico em Administração

*A ousadia natural  
e carismática do  
servidor mineiro  
foi o ingrediente  
sedutor decisivo em  
todas as instâncias  
do movimento de  
regulamentação.*

---

<sup>1</sup> Quando surgiu, o CFA era denominado CFTA. Da mesma forma, os atuais CRAs eram tidos como CRTAs. Isso se deve à nomenclatura dada aos administradores à época (técnico em Administração). Essa alcunha não diz respeito à formação do profissional (técnico ou superior). O termo “técnico” era comumente usado para definir profissões adversas ao campo jurídico e da medicina. Portanto, quando foi criado, o conjunto de autarquias era descrito dessa maneira: Sistema Conselhos Federal e Regionais de Técnicos em Administração (CFTA/CRTAs).



Ao lado | Belmiro no pátio de casa

às pessoas que tivessem exercido a profissão por cinco anos ou mais, mesmo sem serem formadas. A briga resultou em um período de intervenção federal no Sistema, que durou sete anos.

De toda sorte, o esforço dedicado à regulamentação da profissão de administrador atingiu seu objetivo e justificou o suor dos profissionais dedicados, comprometidos com a causa da Administração no Brasil e que lutaram pela conquista. Mesmo assim, é impossível não conceder a Belmiro Siqueira um lugar de destaque nesse processo. A ousadia natural e carismática do servidor mineiro foi o ingrediente sedutor decisivo em todas as instâncias do movimento de regulamentação.

Deu certo; a profissão se consolidou no país. Hoje, a autarquia atende prontamente todos os estados brasileiros por meio de um Sistema que reúne o Conselho Federal de Administração (CFA) e 27 Conselhos Regionais (CRAs). Desde 1967, portanto, os administradores do Brasil têm uma casa capaz de abrigá-los e defendê-los das imprevistas intempéries que enfrentam os que vivem ao relento.

### QUANTO MAIS TRABALHO, MELHOR

Concomitantemente à atividade profissional, incluindo a diligência empregada para a consecução do conselho profissional dos administradores, Belmiro seguia a vida em sua plenitude. Dentre outros louros, o sucesso na carreira se convertia no aumento da qualidade de vida proporcionada à família. Nesse sentido, o ubaense promoveu mudanças residenciais significativas entre os anos 1964 e 1976, a fim de proporcionar maior conforto e praticidade à esposa e filhos.

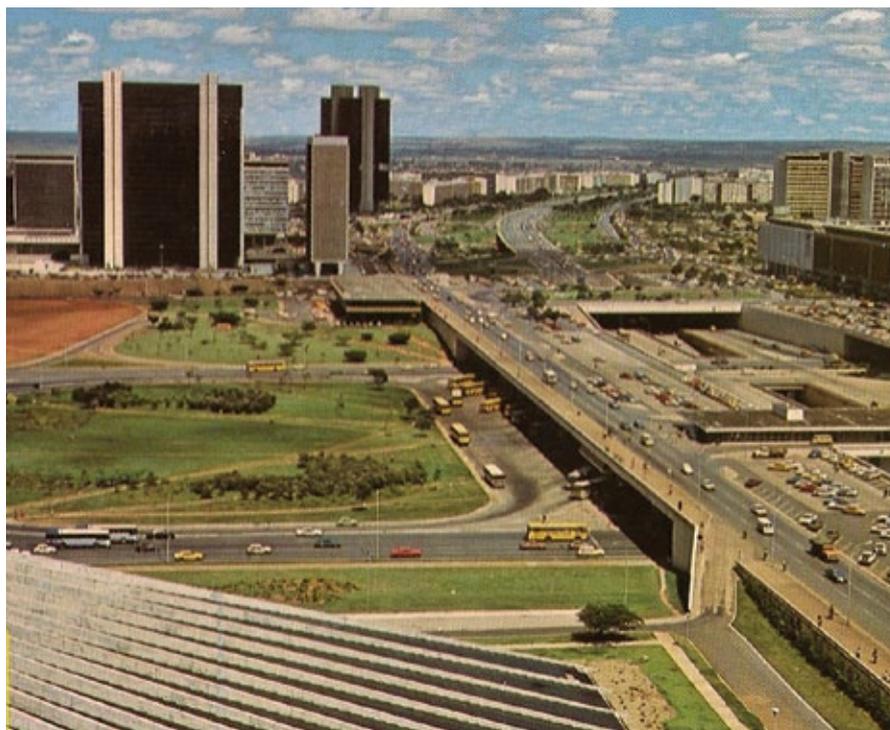
Assim que teve oportunidade, Siqueira deixou o apartamento em Rio Comprido e foi morar em outro na Praia do Flamengo. Seu filho Wagner se lembra bem da época. Diferente do pai, o herdeiro era afeito à política e já participava desse universo. Uma de suas recordações da mudança para a nova residência é a eclosão do golpe militar. De casa, assistiu os soldados marchando pela rua, belicamente aparamentados, enquanto manifestantes contrários à imposição do novo regime tentavam um movimento vão de resistência.

Em 1969, portanto cinco anos depois, a família Siqueira firma lar em novo endereço. Foram para a cobertura 01 na Avenida Borges de Medeiros, nº 3946, no novo bairro da Lagoa, na Zona Sul carioca. O lugar era mais sossegado e tinha uma vista privilegiada da Lagoa Rodrigo de Freitas. De lá, saíram em 1976 para ocupar residência definitiva na Rua General Sidônio Dias Corrêa nº 416, uma ampla casa no Jardim Oceânico, na Barra da Tijuca.

Enquanto o Sistema CFA/CRAs vivia seu período de intervenção, Belmiro continuava dirigindo o DASP, lecionando na FGV, IAG e ESPEG, e proferindo palestras pelo país. Permanecia também figurando como peça-chave no desenvolvimento da administração pública brasileira, que ganhou novo ânimo no governo do presidente Gen. Emílio Garrastazu Médici. Logo, Siqueira foi incumbido de importante missão diplomática na Europa, ao lado da equipe do Centro de Treinamento e Desenvolvimento do Pessoal do Ministério da Fazenda (CETREMFA) – atualmente Escola de Administração Fazendária (ESAF) –, liderada por Manoel Orlando Ferreira.

Na condição de diretor geral do DASP, no segundo semestre de 1969, Belmiro Siqueira visitou Rússia, Alemanha Ocidental e Irlanda, com o objetivo de aprender processos administrativos governamentais exitosos nas referidas nações. O fato tem seu quê de curiosidade: em plena Guerra Fria, um governo anticomunista inclui em sua lista de referências a

*Siqueira era requisitado em repartições, governos, faculdades, universidades e atendia a todos quanto conseguisse. Isso o levou a uma rotina demasiadamente agitada, entre aeroportos, hotéis e a própria casa.*



Ao lado | Brasília no final dos anos 60

administração pública soviética. Inegavelmente, na seara do propósito governamental em questão, ideologias políticas foram sabiamente desconsideradas, dando lugar ao genuíno interesse da sociedade brasileira. Coincidência ou não, a participação do ilustre ubaense na empreitada se encaixa como luva no imaculado profissionalismo que exercia: sem direcionamento político-ideológico, com foco extremo na excelência dos resultados das tarefas.

A experiência europeia envolveu e animou Belmiro com intensidade. Sendo um homem ávido por conhecimento, é de se concluir que a troca de informação acerca de distintos modelos de administração pública o tenha instigado ainda mais. De volta ao Brasil, o diretor geral do DASP aplica e ensina cada novidade pertinente que absorvera, na máquina pública e nos ambientes acadêmicos em que lecionava.

O que motivou a missão cumprida por Belmiro também causou uma mudança significativa em sua vida particular. Com o propósito de aprimorar a administração estatal, Médici realizou a transferência definitiva da maioria dos órgãos federais ainda alocados no Rio de Janeiro para Brasília, capital oficial do Brasil havia nove anos. Logicamente, o DASP foi um dos entes federais transferidos para o novo Distrito Federal.

A medida do Governo obrigou muitos servidores a fazerem as malas e se mudarem com toda a família para uma cidade estranha, desconhecida. Mesmo assim, muitos resistiram, mantendo residência no Rio. Belmiro foi um desses. Para se manter próximo à Eby e aos filhos, passou a viajar semanalmente para exercer o cargo no governo. Com o tempo, acabou comprando um apartamento em Brasília. Assim, se as exigências do ofício lhe impedissem o trânsito, tinha a possibilidade de reunir a família onde estava.

Àquela altura da vida, sendo um nome fundamental em diferentes instâncias, tanto no setor público quanto no privado, Siqueira era requisitado em repartições, governos, faculdades, universidades e atendia a todos quanto conseguisse. Isso o levou a uma rotina demasiadamente agitada, entre aeroportos, hotéis e a própria casa. A carga de trabalho só fazia crescer, mas ele sentia prazer naquilo. Quanto mais útil fosse, melhor se sentia.

Férias é algo que Belmiro passou pela vida sem conhecer ao certo. Amava o que fazia, não parava de fazer e era feliz por isso. Hoje, seus filhos relembram que, desde sempre, Siqueira trabalhara ininterruptamente. Segundo eles, houve um tempo em que passavam as férias escolares no apartamento em Brasília para acompanhar um pouco mais o dia a dia do pai – as atribuições de ministro exigiam longos períodos fora da cidade em que residia.



Ao lado | O administrador Henrique Patta, em nome dos profissionais capixabas, faz homenagem à Belmiro Siqueira

Claro que parar de ler, escrever e estudar nunca foi opção para o ilustre ubaense. Desde que começou a viajar com frequência, Siqueira adquiriu o hábito de passar todas as suas ideias para o papel durante os voos. Entre um destino e outro, chegou a escrever livros. Os manuscritos eram entregues à secretária, perita em decifrar os garranchos que cuidadosamente datilografava.

Nem mesmo os instantes mais triviais da vida eram desperdiçados por Belmiro. O que conhecemos corriqueiramente como hora do banho, para ele era tempo de leitura. Sempre entrava na banheira com um livro na mão, chegando a ler algumas coleções entre o sabão e a ducha. Do mesmo jeito, dormia tarde corrigindo provas, trabalhos e monografias. Movido por uma paixão abrasadora pela vida e tudo o que ela oferecia, o sempre bem-humorado ubaense sublimou o cansaço enquanto viveu. Segundo os que estiveram ao seu lado, era “uma coisa de outro mundo”.

Ultrapassando a marca dos 50 anos de idade, Siqueira não desacelerara. Na verdade, pisara cada vez mais fundo no acelerador da vida. Manteve-se aberto a qualquer novo desafio, a despeito da complexidade, porque estava certo que sempre podia ir além e fazer mais do que havia feito até seu presente momento. Assim, quando amainaram suas responsabilidades no DASP na primeira metade da década de 1970, pôs sua capacidade intelectual e laboral à disposição de uma miscelânea de outras ações. Não planejava, nem desejava aposentadoria ou afastamento qualquer da vida profissional. Se o fizesse, morreria, ainda que permanecesse vivo, como logo afirmaria.

Foi a partir desse período que Siqueira se fixou na memória dos que o conheceram sob a alcunha de professor. Sempre que falam do ubaense, costumam usar primeiro o título: Professor Belmiro. Isso acontece devido à intensificação dada por ele à atividade, na sua última década de vida. Siqueira lecionava em muitos cursos e universidades. Além da FESP e de outras já citadas até aqui, ele também foi docente na Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica, da Escola Superior de Guerra, do Centro de Formação de Pessoal do Exército, situado no Leme, e da Escola de Formação de Oficiais Bombeiros, em Niterói. A vocação para mestre estava apregoada à alma do ubaense e a sala de aula era o seu verdadeiro habitat.

*O ano era 1971. Logo que chegou, desenvolveu toda a matriz do curso de Administração da Estácio, que começou a funcionar já no ano seguinte. Depois, ganhou as salas de aula e a devoção dos novos alunos.*

### **O AMADO MESTRE DA ESTÁCIO DE SÁ**

A fama de exímio professor alcançou instituições de todo o país, um dos motivos que fazia viajar de Norte a Sul como palestrante. Ele também era constantemente requisitado para prestar consultoria na área de educação, sobretudo no que tangia à criação de cursos superiores em Administração. Graças à sua expertise, foi alvo da boa cobiça de uma recém-inaugurada faculdade de Direito que já idealizava integrar novos cursos à sua grade: a Estácio de Sá.

Em 1970, João Uchôa Cavalcanti Netto inaugurou a instituição de ensino superior, que funcionava em uma pequena casa na Zona Norte do Rio de Janeiro. O único curso oferecido se destinava a formar os tradicionais bacharéis em Direito. Percebendo que a fórmula dera certo, no ano seguinte ele ambiciona expandir a Academia incluindo outras faculdades, dentre elas a de Administração. Uchôa procura, então, um nome para auxiliá-lo no processo, alguém experiente na área e capaz de elaborar um plano com muita qualidade educacional. Tinha certeza de que Belmiro Siqueira era a opção ideal. Ele só não sabia se o atarefado servidor federal estaria disponível para a tarefa.

Apesar de conhecer a capacidade profissional do ubaense, João Uchôa mal fazia ideia da tara que Siqueira tinha por desafios, sobretudo na área acadêmica. Não lhe passava pela cabeça que tempo disponível era como carta a ser tirada da manga de Belmiro. O convite foi aceito com muita empolgação, afinal construiria novo curso e, dessa

vez, com ainda mais conhecimento do que antes. Foi o mesmo que dar um quebra-cabeça de milhares de peças a um menino ávido por solucionar problemas.

O ano era 1971 e Belmiro mergulhou profundamente naquele trabalho. Respirava novos ares e experimentava controlada euforia ao exercitar sua paixão. Logo que chegou, desenvolveu toda a matriz do curso de Administração da Estácio, que começou a funcionar já no ano seguinte. Depois, ganhou as salas de aula e a devoção dos novos alunos. O efeito causado pelo mestre era fantástico: classe com lotação completa no último horário de sexta-feira e uma afeição por parte do alunato, intacta até hoje.

A atenção recebida pelos estudantes era, em verdade, a reciprocidade do amor e cuidado que Belmiro destinava a eles. O episódio de uma avaliação cancelada às pressas é um bom exemplo dessa relação. Segundo relatos do colega e professor Carlos Roberto, os dois estavam aplicando exames, ao mesmo tempo, em salas que ficavam uma em frente à outra, quando notaram o início de uma operação policial numa favela vizinha à faculdade.

Sem alarde, com o intuito de evitar pânico, Siqueira diz ao colega que suspenda imediatamente o teste e libere os alunos. Sem a mínima noção do que acontecia nos arredores da instituição, muitos jovens se chatearam, porque haviam se preparado e queriam concluir a prova. A evacuação silenciosa durou o tempo exato entre a percepção da possível tragédia e o início do tiroteio. O mestre ubaense usou sua típica sutileza para deixar todos em segurança, com discrição suficiente para que não notassem o perigo. A avaliação que ficasse para outro dia.



Ao lado | Fachada atual da Universidade Estácio de Sá

*Siqueira batalhou um bom tempo para realizar o sonho de transformar a Estácio em uma Universidade. Deu tanto de si que conseguiu, como tudo em que seu empenho figurava. Contudo, não teve oportunidade de desfrutar da conquista em vida. Faleceu um mês antes de a instituição ser titulada pelo MEC.*

O acontecimento não desanimou o professor habituado às adversidades. De fato, Belmiro vivia o período mais acadêmico da sua vida. Sentindo profunda realização pessoal por estar onde estava e fazer o que fazia, ele se envolveu completamente com o projeto das Faculdades Integradas Estácio de Sá, indo além da área científica que ensinava e focando na instituição de ensino por completo. Com o passar do tempo, tornou-se diretor geral e tomou para si a meta de transformar a instituição em universidade.

A bagagem educacional que carregava era volumosa o suficiente para passar despercebida. Se as instituições do mundo privado sabiam do peso do nome Belmiro Siqueira, as públicas o sentiam em ampla gravidade. Quando passou a apresentar o projeto que pleiteava elevar a faculdade Estácio de Sá ao patamar de Universidade ao Ministério da Educação (MEC), a credibilidade do ubaense foi de grande valia. O processo não era simples, tampouco rápido, mas foi aprovado, etapa a etapa, por ter a qualidade do ubaense presente em sua construção.

Siqueira batalhou um bom tempo para realizar o sonho de transformar a Estácio em uma Universidade. Deu tanto de si que conseguiu, como tudo em que seu empenho figurava. Contudo, não teve oportunidade de desfrutar da conquista em vida. Faleceu um mês antes de a instituição ser titulada pelo MEC. Sua passagem pela faculdade foi absolutamente marcante.

---

Chegou no começo do empreendimento, quando ali só era oferecido um curso, e se foi garantindo o último grau por ele ambicionado. Como homenagem, seu nome está grafado em salas de aula e auditórios da, desde 1986, Universidade Estácio de Sá.

Antes de deixar a vida para entrar para história, Belmiro realizou muito mais. Mesmo focando intensamente na vida acadêmica, o ubaense guardou tempo para atuar no Sistema CFA/CRA e permanecer contribuindo com as demandas da esfera pública brasileira. Graças a isso, teve um encontro profissional inusitado e, para ele, uma oportunidade de deixar lições que ainda hoje são paulatinamente decifradas.

### PAI E FILHO, UMA PARCERIA ENTRE OPOSTOS

Dos quatro Huckleberry Siqueira que descendem de Belmiro, um acabou seguindo seus passos profissionais: o segundo mais velho, Wagner. Apesar de muito diferente do pai em gênio e comportamento, herdou do progenitor a intelectualidade e o poder cognitivo diferenciado. Administrador respeitado, com menos de 30 anos de idade o jovem já era requisitado para desenvolver projetos importantes. Por isso, quando da unificação do estado do Rio de Janeiro com o da Guanabara, foi chamado para executar a fusão da Escola do Serviço Público da Guanabara (ESPEG) com a Escola do Serviço Público do Rio de Janeiro (ESPERJ).

A primeira tarefa de Wagner, então, foi criar um grupo que moldasse uma nova escola a partir da união das duas já existentes. Precisava recrutar acadêmicos experientes, com currículo de excelência na área e que entendessem bem sobre o passado das instituições em questão, como foram formadas, o que tinham de eficiente e quais pontos podiam melhorar. O principal e mais relevante colaborador ele conhecia de casa. Esperto, chamou o pai imediatamente para compor a equipe que criaria a Fundação Escola do Serviço Público (FESP).

Belmiro já estava envolvido no processo de unificação dos ex-estados independentes. Fora contratado pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN), maior patrocinadora da fusão, para remodelar e criar uma única máquina pública capaz de atender a nova unidade federativa. O convite de Wagner, de certo modo, complementava o trabalho que o ubaense já seguia executando. Além do mais, a atípica experiência proposta o instigou com veemência. Logicamente, aceitou sem pensar duas vezes.

*Se Belmiro conseguia manter-se amável e polido até em momentos de discórdia, Wagner era o oposto.*

## **BELMIRO – AMOR E ADMINISTRAÇÃO**

---

Pai e filho passaram a trabalhar juntos. Se Belmiro conseguia manter-se amável e polido até em momentos de discórdia, Wagner era o oposto. O jovem sentia-se atraído por debates acalorados e trazia argumentos viscerais quando era rivalizado. Conhecendo seu rebento, o ubaense usava do bom humor para apontar a diferença, chamando o rapaz de “meu adorável inimigo”.

No grupo de trabalho formado por Wagner, Belmiro transplantou inúmeros processos e exercícios da escola que havia criado há mais de uma década na Guanabara para dar vida à Fundação. Junto ao seu “adorável inimigo”, uniu e transformou entidades que focavam na administração pública direta, formando nova instituição com ênfase em uma Administração funcional, sob a presidência do Siqueira mais moço. Curioso que, nesse momento, o homem que fora ministro de Estado era subordinado do próprio filho. Se para a vaidade parece algo depreciativo, para o ubaense era um grande motivo de alegria e uma boa oportunidade para ensinar um pouco mais ao seu garoto.

## **RETOMADA NO CONSELHO FEDERAL DE ADMINISTRAÇÃO**

Outra porta que Belmiro adentrou com novo ânimo nesse período foi a do CFA. Inicialmente impedido de pleitear uma cadeira na assembleia da autarquia por força do cargo ocupado no DASP – e, logo em seguida, pela intervenção instaurada no órgão –, naquele momento nenhuma causa havia para barrá-lo. Aposentado do DASP, foi só aguardar o restabelecimento da autonomia do Conselho para se candidatar ao posto de conselheiro federal pelo estado do Rio de Janeiro, o que ocorreu em 1976.

Eleito, Belmiro tornou-se vice-presidente do CFA na chapa encabeçada por Guilherme Quintanilha, representante do Regional de São Paulo. Naquele mesmo ano, o Conselho se vê sob nova intervenção do Governo. Entretanto, diferente do período anterior, o ministro do Trabalho à época, Arnaldo Pietro, nomeia como interventores os próprios conselheiros eleitos, com exceção daqueles que motivaram a interferência governamental e, portanto, nem mesmo chegaram a ser nomeados pelo chefe da Pasta à qual a autarquia estava ligada.

Ao lado | Com conselheiros e colaboradores do Conselho Federal de Administração



Até o ano de 1981, quando finalmente o Sistema pôde atuar de maneira autônoma, o plenário permaneceu inalterado. À frente da autarquia, Quintanilha e Siqueira formavam uma dupla exitosa. Eram personalidades muito diferentes: enquanto o primeiro era cartesiano e empresarial, o segundo era acadêmico, *expert* em administração pública e agente pioneiro desta ciência no país, considerado como um “filósofo da Administração”. Portanto, uma gestão de atores com qualidades complementares.

Segundo relatos de Luis Carlos Nanan, conselheiro federal contemporâneo daquela gestão, presidente e vice eram a mesma entidade. Mantinham uma afinação tão exata que um podia responder pelo outro sem receio de tomar decisões conflitantes. Belmiro, inclusive, tinha liberdade para assumir responsabilidades que normalmente eram prerrogativas do presidente.

A fórmula escolhida para condução daquela presidência foi milimetricamente acertada. Quando Guilherme Quintanilha decidiu deixar o cargo em 1986 para assumir o posto de secretário da Receita Federal, Siqueira continuou o trabalho sem causar o menor ruído no modo de gerir o CFA.

*A voz mansa e ponderada e a habilidade de mediar conflitos despertava respeito até nos que guardavam posições contrárias a ele. Na hora da discórdia e exaltação durante as reuniões, sua presença bastava para apaziguar os ânimos.*

A maneira como se portava e o jeito paternal de professor também acabaram conquistando os colegas de plenário. Percebiam a humildade daquele senhor – o mais velho do colegiado –, que sentia idêntico prazer em ensinar e aprender. A voz mansa e ponderada e a habilidade de mediar conflitos despertava respeito até nos que guardavam posições contrárias a ele. Na hora da discórdia e exaltação durante as reuniões, sua presença bastava para apaziguar os ânimos. Com larga experiência profissional e de vida e com o nome estampado na história da Administração brasileira, era tido como uma espécie de guru entre os colegas. Todos, sem exceção, sempre o tratavam por “Professor Belmiro”.

Rui Otávio, conselheiro suplente de Siqueira, lembra bem os anos em que atuou ao lado do professor. Apesar da posição secundária, acabou participando ativamente da rotina do Conselho, porque Belmiro fazia questão que assim fosse. O levava a todas as reuniões, tanto no CFA, em Brasília, quanto nos CRAs espalhados pelo país. Rui era um garoto de menos de 30 anos de idade; hoje, ele admite que a vivência foi fundamental em sua formação profissional, principalmente porque teve acesso a mais do que as palavras daquele mestre: presenciou sua ação.

Enquanto foi conselheiro federal, Belmiro atuou fortemente para que cada estado da Federação tivesse seu próprio Conselho Regional – à época, cada um agrupava dois ou mais estados. Costumava dizer que era direito dos administradores terem seu próprio reduto, em vez de precisarem se dirigir a lugares distantes para resolver problemas relacionados à profissão.

O sucesso à frente da autarquia e a satisfação que sentia em poder participar do seu conselho profissional fizeram Belmiro se candidatar pela primeira vez ao posto de presidente. Para compor a chapa, convidou o administrador pernambucano Gildo Galindo para concorrer ao seu lado como vice-presidente.

Galindo, assim como a maioria dos colegas, era muito novo à época e conta ter ficado extremamente lisonjeado com o convite. “O professor Belmiro podia escolher outros mais capacitados e qualificados do que eu, mas acabou me escolhendo. Seu plano era ficar apenas um ano na presidência e me deixar na chefia do CFA no período restante do mandato. Eu o imaginava como uma autoridade, alguém que estava acima, mas ele era tão simples que nos tornamos amigos”, relembra. A chapa foi eleita por unanimidade, mas nunca chegou a assumir; Belmiro acabou falecendo meses antes da cerimônia de posse.

#### **AMOR DA MATURIDADE, PARCERIA DO FIM DA VIDA**

Em meados da década de 1970, Belmiro se apaixonou profundamente por uma administradora, servidora dos Correios. Seu nome era Nadir Batista de Figueiredo e tinha alguns aniversários a mais do que o ubaense. Diferente do primeiro caso extraconjugal que

*Belmiro desde sempre foi um homem multifacetado e sobrecarregado de afazeres. Devido ao infundável volume de compromissos, a confusão era certa nas suas agendas. Atenta a tudo isso, Nadir tomou a frente desta seara e cuidou de organizar as tarefas do amado.*

## BELMIRO – AMOR E ADMINISTRAÇÃO

---

manteve quando mais novo, nesse ele era a pessoa cuidada. A relação tornou-se pública, respeitada e só teve fim com a morte de Siqueira.

Eby não costumava frequentar os ambientes profissionais do marido, portanto evitava solenidades e se mantinha na esfera do lar. Nesse caso, Nadir era a acompanhante pública de Belmiro, permanecendo ao lado dele em eventos e, quando possível, em viagens de trabalho. Foram cerca de 15 anos de namoro.

Belmiro desde sempre foi um homem multifacetado e sobrecarregado de afazeres. Devido ao infindável volume de compromissos, a confusão era certa nas suas agendas. Atenta a tudo isso, Nadir tomou a frente desta seara e cuidou de organizar as tarefas do amado. Com o passar do tempo, Siqueira teve na companheira extraoficial uma parceira para a vida agitada que levava, uma espécie de anjo da guarda.

Talvez pela respeitabilidade intrínseca gozada por Belmiro, não havia constrangimento algum naquela relação. Nadir estava sempre com ele e muitos dos colegas e amigos de Siqueira terminaram se tornando próximos dela. Wallace Souza, professor da FGV, afirma que dona Nadir cuidava muito dele, organizava as coisas, fazia tudo com muito carinho e dedicação. Era uma espécie de porto seguro para Belmiro.



Ao lado | Belmiro durante eventos do Sistema CFA/CRAs

O filho e administrador Wagner, por transitar pelos mesmos espaços que o pai, também encontrava a senhora com frequência. Ele mantinha uma boa relação com a namorada do seu velho e uma considerável proximidade. Percebia que aquilo não interferia em nada a vida de Eby e, para completar, dava ainda mais qualidade à de Belmiro, que já beirava a terceira idade. Para o Siqueira moço, aquele foi o grande amor que coloriu a vida do pai no estágio mais maduro.

Novamente, o politicamente correto do século XXI poderia apedrejar esse momento da existência de Belmiro. A intolerância pautada na incapacidade de discernimento da evolução temporal de culturas e costumes também seria capaz de inflar o engodo na crítica. Todavia, o lirismo que Siqueira conferia à própria vida real certamente o absolveu dos excessos nos julgamentos. Dentre outras, é essa uma imperfeição capaz de humanizar e lustrar ainda mais a figura tão idealizada como o feito de carne, osso e espírito, Belmiro Siqueira.

### **REFORMA ADMINISTRATIVA DO GOVERNO SARNEY**

Além de se dedicar ao Conselho e à Academia – com atenção especial às Faculdades Integradas Estácio de Sá –, Belmiro assumiu mais um importante papel na máquina pública brasileira no período final da vida. No Governo Sarney, logo no primeiro ano da redemocratização do país, o ubaense foi solicitado para prestar o tipo de serviço que o tornou notório entre os gestores do Estado: uma reforma administrativa.

Na qualidade de assessor dos ministros da Administração, Aluísio Alves, e da Previdência, Rafael Almeida Magalhães, Siqueira foi designado coordenador do programa de Reforma Administrativa da Presidência da República. Segundo o próprio Belmiro, em entrevista concedida ao periódico Fator Econômico, publicação oficial da Associação Comercial do Distrito Federal (ACDF), em 1986, seu trabalho tinha os seguintes objetivos:

“Mais eficiência no serviço público, por exemplo. ‘Mais eficiência’, nesse caso, significa que se faça mais do que se está fazendo, que se faça melhor, faça em menos tempo, faça com menor gasto. Que se faça isso com inteiro contentamento das partes interessadas. Logo, é o serviço público preocupado com o público. É a repartição pública querendo, realmente, prestar o serviço público. É você abrir a torneira e sair água, é você pagar o imposto e ser simples e não complicado. Ou seja, é obter melhores resultados.

*Mais eficiência no serviço público, por exemplo. "Mais eficiência", nesse caso, significa que se faça mais do que se está fazendo, que se faça melhor, faça em menos tempo, faça com menor gasto. Que se faça isso com inteiro contentamento das partes interessadas.*

E como fazer isso? Primeiro, mexendo nas estruturas e no funcionamento. Segundo, mexendo nos sistemas. O sistema manual passa para o mecânico, o sistema mecânico passa para o sistema eletrônico, pondo a informática à serviço. Terceiro, ter os serviços gerais (transporte, telefone, comunicação, protocolo) funcionando. Quarto, assunto de pessoal, o 13º, o novo estatuto, novo plano de salário, mais escolas de serviço público. E o quinto ponto seria algo ligado à racionalização, a uma simplificação, a uma padronização, modernização do serviço público”.

Siqueira procurava destacar constantemente que um dos princípios da reforma era que nenhum funcionário perdesse seu emprego. Por isso, haveria recolocações, porém nenhuma demissão. Era o tipo de problema que o ubaense amava resolver: melhorar e aperfeiçoar processos integrando o capital humano disponível a uma nova realidade administrativa mais eficiente e eficaz. Tudo idealizado para que o beneficiado final, a sociedade, tivesse suas necessidades satisfeitas pelo ente responsável, o Estado.

Belmiro também não concluiu esse trabalho por falta de vida terrena. Assim como na Estácio de Sá e no CFA, na Reforma Administrativa proposta pelo Governo Sarney, outros tiveram de seguir o projeto e lidar com a ausência da genialidade de quem o conduzia. Foram essas as três últimas principais atuações profissionais do homem que trabalhou até o último instante da vida. Realizado, ele partiu exatamente como queria: partilhando com muitos e fazendo o que amava.





# PARTE III

## DO FIM AO DEPOIS

## *“Belmiro não morreu, ficou encantado”*

No dia 25 de novembro de 1986, Belmiro pousou em casa para organizar suas coisas antes de seguir em novo compromisso. Uma passagem rápida, como de costume, a fim de preparar as malas e separar alguns documentos. O ritual quase não sofria variação: a esposa o recebia, aprontava sua refeição e cuidadosamente separava toda provisão necessária para os dias de viagem que Siqueira enfrentaria. Por capricho do destino, daquela vez a rotina seguiu um curso diverso, realocando alguns atores.

Eby não estava no Rio de Janeiro, havia seguido para Juiz de Fora com o objetivo de visitar o irmão de criação (primo de sangue) que ia muito mal de saúde. Cassandra, a única filha que, mesmo casada, ainda morava junto aos pais, estava em casa e ficou incumbida de suprir as necessidades de Belmiro. Já noite, fez o mingau de farinha láctea que o pai gostava. Tudo parecia normal, mas algo a intrigava. O ubaense apresentava uma feição abatida e até tristonha. Ligeiramente preocupada, a caçula perguntou: “Papai, o senhor está bem?”. A resposta curta e amorosa encerrou o assunto momentaneamente: “Me sinto um pouco triste e cansado, minha filha. Mas nada que preocupe”.



Ao lado | Estátua simbolizando o neto Thiago

*O ubaense apresentava uma feição abatida e até tristonha. Ligeiramente preocupada, a caçula perguntou: "Papai, o senhor está bem?". A resposta curta e amorosa encerrou o assunto momentaneamente: "Me sinto um pouco triste e cansado, minha filha. Mas nada que preocupe".*

No dia seguinte, à noite, Belmiro estava pronto para partir. Iria ao Aeroporto Santos Dumont, onde embarcaria no voo corujão com destino a Brasília. Como de costume, a filha o acompanhou até o portão de casa. Ainda estava insatisfeita com a econômica resposta do pai à sua indagação na noite anterior. Voltou a questioná-lo e obteve retorno igual. Na varanda, a caminho da saída, Siqueira para repentinamente, olha em volta como quem registra o momento e, sem motivo decifrável, diz à Cassandra: "Minha filha, gostaria que você fizesse um lago aqui, colocasse carpas e a estátua de uma criança fazendo xixi para simbolizar o Thiago (neto, filho da caçula)".

Em frente ao portão, a alguns passos do carro, Belmiro abraça e beija a filha com intensa ternura. Também avisa que não estaria de volta no próximo dia 1°. Ele não podia prever o futuro, mas, sabendo da sua condição cardíaca e sensitivo como era, intuía que aquele era o último adeus que daria à família. Cassandra certamente percebeu que algo estava fora do lugar, mas não fazia a menor ideia do que seria. Recobrando a usualidade da rotina de idas e vindas, Siqueira dá dinheiro à filha, atravessa o portão e, outra vez, age seguindo o sentimento de derradeira despedida: acena e joga beijos para sua caçula até entrar no carro e sumir de vista rua afora. Uma partida sem retorno.

O ubaense tinha como destino final a capital de Rondônia, Porto Velho, onde participaria do primeiro Encontro dos Administradores de Rondônia, proferindo palestra. Antes disso, passou a manhã e tarde do dia 27 em Brasília, em reunião com os ministros da Administração, Aluísio Alves, e da Previdência, Rafael Magalhães, dos quais era assessor, articulando as medidas da reforma administrativa do Governo Sarney, na qual estava plenamente envolvido. Ao fim do dia, enfim, embarcou no voo rumo ao Norte do país.

O aneurisma ventricular descoberto meses antes estava latente. Belmiro já não conseguia esconder a fadiga e o desgaste do próprio corpo. O aconselhável era parar, fazer o tratamento e aguardar o resultado. Mas ele já havia feito a sua escolha e estava convicto do acerto, portanto cada segundo deveria ser aproveitado da melhor forma. Sendo assim, descartou a redução de ritmo e potencializou suas atividades tanto o quanto conseguiu.

Wagner e sua esposa Gilda eram os únicos que sabiam plenamente da frágil saúde do ubaense e, a contragosto, respeitavam sua decisão. Assim se portavam na frente de Belmiro. Mas, em sigilo, tentavam de tudo para amenizar a sobrecarga do velho Siqueira quando tinham oportunidade. Wagner também foi convidado para o Encontro em Porto Velho, contudo não poderia ir devido à incompatibilidade de agenda. Ao falar com o administrador José Albuquerque da Costa, coordenador do evento, aproveitou para dissuadi-lo de convidar seu pai: “Não convide o papai para esse evento. Ele não está em condição de viajar tanto e, se você chamá-lo, ele não vai negar”. De nada adiantou.

*Ele já havia feito a sua escolha e estava convicto do acerto, portanto cada segundo deveria ser aproveitado da melhor forma. Sendo assim, descartou a redução de ritmo e potencializou suas atividades tanto o quanto conseguiu.*





Ao lado | Porto Velho, último destino de Belmiro

A aeronave da VASP pousou no Aeroporto Belmont, em Porto Velho, na noite de 27 de novembro, trazendo o presidente do CFA em exercício. Belmiro foi recepcionado por José Albuquerque e conduzido ao Rondon Palace Hotel onde ficou hospedado. No dia seguinte, antes da palestra, Siqueira foi homenageado com o título de Benemérito da Academia Rondoniense de Educação, de onde saiu bastante emocionado. Assim como os que prestaram homenagem, os jornais da época fizeram questão de lembrar que aquele era “o guru da Administração brasileira”.

Durante a noite, foi a vez de participar do Encontro dos Administradores de Rondônia, realizado no Tribunal de Contas do Estado, onde recebeu nova homenagem: o título de Administrador Benemérito. Diante do público, se apresentou como fazia habitualmente, usando um terno confortável e a gravata levemente folgada. Entre os lábios, o sorriso implícito acompanhava cada palavra proferida em tom preceptor e carinhoso. Ali, Belmiro contou um pouco de suas experiências e fez uma análise dos caminhos para os quais seguiam a Administração e a sociedade brasileira. Inevitavelmente, legou ensinamentos caros que só a alma docente pode imputar eficiência.



A emoção do momento o fez abrir um pouco o que ocultava, cuidando de velar a iminência do fim da vida. Siqueira falou sobre o preço que a saúde já lhe cobrara por, desde sempre, manter lancinante atividade, porém fez questão de afirmar que ainda tinha força e condição de continuar lutando para dar sua parcela “em benefício da humanidade”. Era o que fazia aquele momento: dava um pouco de si e recebia um pouco de cada um dos muitos outros que o prestigiavam. A interação fraternal entre os semelhantes, para ele, tinha a força necessária para mover o mundo e promover transformações magníficas à própria humanidade, como citou.

Usando de maestria, registrou seu pensamento por meio de uma parábola de compreensão simples e, por que não, espiritual: “Dizem que quando a gente pega uma barrinha de ouro e uma barrinha de prata, encosta uma na outra, e leva ao microscópio para ver o que acontece, no meio da prata tem partículas de ouro e no meio do ouro tem partículas de prata. O mesmo se diz hoje em termo dos agrupamentos humanos. Quando a gente se fala, debate, conversa, dialoga, uns ficam perto dos outros, um observa o outro e vice-versa, o eletrônico de um entra no eletrônico do outro. Então, eu espero que o muito do ouro de vocês encha um pouquinho da minha prata e espero que alguma partícula da minha prata acumule o ouro de vocês”.

Ao lado | Na palestra em Porto Velho, horas antes do infarto que o levou à morte

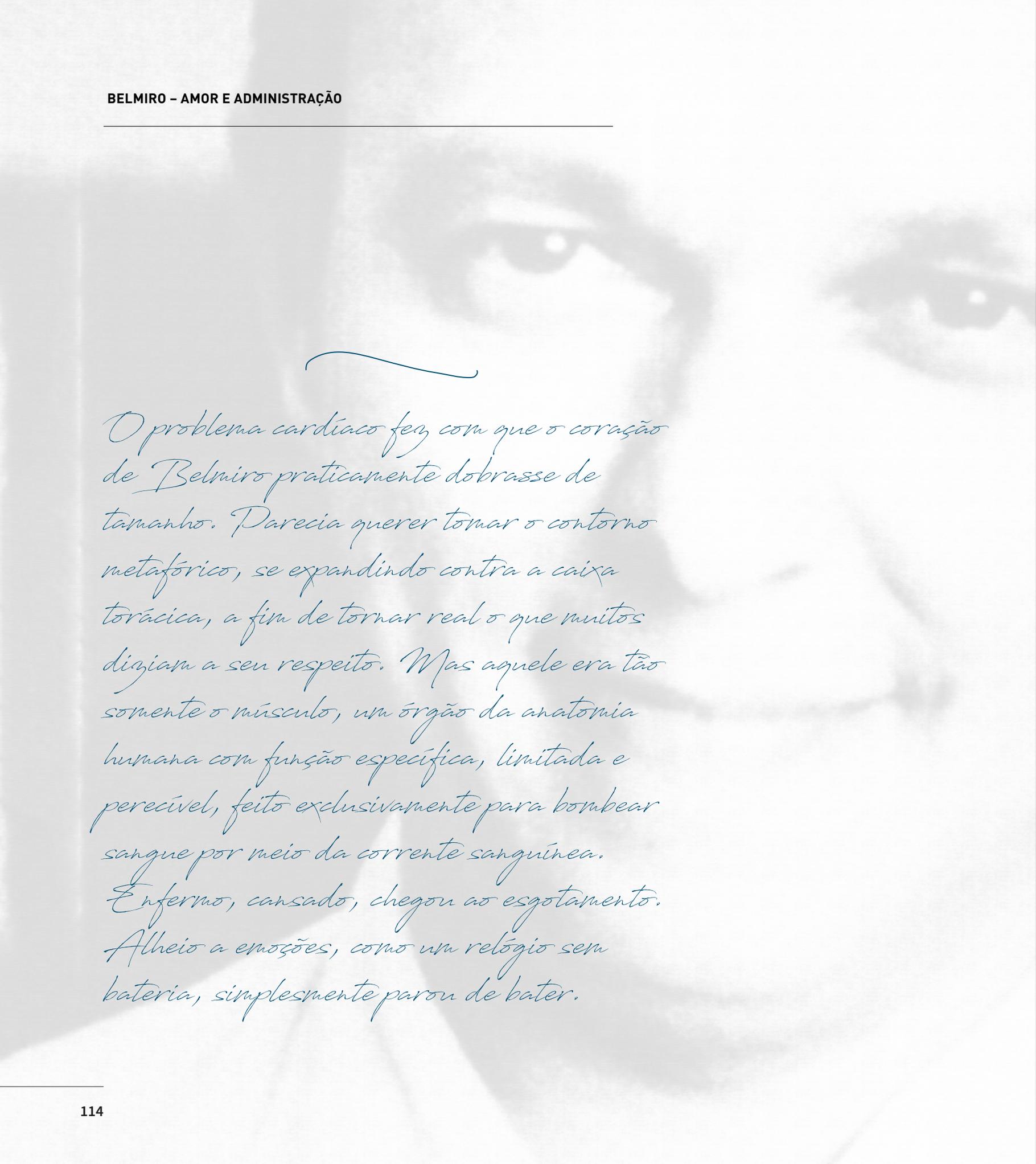


*Com mais alguns segundos de vida, Belmiro segura o braço de Sebastião e faz o último pedido: "Na minha pasta tem algum dinheiro. Entregue-o aos meus filhos e minha esposa. Dê um beijo neles e diga que os amo". Em seguida, fecha os olhos pela última vez.*

Essa foi a última aparição pública do pai da Administração brasileira. Desde que escolheu morrer como vivia, Belmiro sabia que não teria mais do que alguns meses. Além do diagnóstico recebido no primeiro semestre de 1986, o infarto que sofreu três anos antes já apontava que aquele corpo não tinha mais o vigor necessário para sustentar a alma. Se a hora exata não era de seu conhecimento, sua intuição farejava que faltava pouco, muito pouco. Depois do evento, aproveitou para distribuir tudo que podia da sua “prata” até o momento derradeiro.

Por volta de meia noite, entre os dias 28 e 29, Belmiro sai do Encontro e vai jantar com os seus anfitriões. Conversa um tanto mais, come tambaqui, bebe suco de cupuaçu e retorna ao hotel para pegar as malas, voltar ao aeroporto e esperar o voo das duas da madrugada com destino à Brasília – teria outra reunião ministerial na capital às 9h. Na companhia de José Albuquerque e seu assessor Sebastião Luiz dos Santos, a caminho do Aeroporto Belmont, na altura da Avenida Jorge Teixeira, Siqueira sofre um infarto e é conduzido diretamente ao Hospital de Base de Porto Velho.

Em meio à agonia dos presentes, o mestre ubaense chega ao pronto-socorro sem sinais vitais. Os médicos agem rápido e conseguem ressuscitá-lo. Com mais alguns segundos de vida, Belmiro segura o braço de Sebastião e faz o último pedido: “Na minha pasta tem algum dinheiro. Entregue-o aos meus filhos e minha esposa. Dê um beijo neles e diga que os amo”. Em seguida, fecha os olhos pela última vez.



O problema cardíaco fez com que o coração de Belmiro praticamente dobrasse de tamanho. Parecia querer tomar o contorno metafórico, se expandindo contra a caixa torácica, a fim de tornar real o que muitos diziam a seu respeito. Mas aquele era tão somente o músculo, um órgão da anatomia humana com função específica, limitada e perecível, feito exclusivamente para bombear sangue por meio da corrente sanguínea. Enfermo, cansado, chegou ao esgotamento. Alheio a emoções, como um relógio sem bateria, simplesmente parou de bater.

*É inegável que Siqueira está vivo nas mentes e presente nas ações de um espantoso número de pessoas. Parafraseando o amigo e colega do ubaense na FGV, Wallace Souza – que, por sua vez, parafraseou João Guimarães Rosa, em entrevista para esta biografia –, Belmiro não morreu: ficou encantado.*

Ainda nas primeiras horas do dia 29 de novembro de 1986, um sábado, o corpo a abrigar Belmiro Siqueira por 65 anos sucumbe à vitalidade de incontível alma. Era o fim da linha para a matéria que, biologicamente apoucada, suportou com tanta valentia a existência de um espírito incapaz de negar sua essência livre. Para o ubaense – como certamente desejou –, a morte foi, e ainda é, uma nova etapa da vida conscientemente escolhida.

As partículas de prata que distribuiu por onde passou foram repassadas e multiplicadas. Hoje, 32 anos depois, mantêm o brilho que ilumina colegas, amigos, familiares, profissionais de Administração e até quem nunca ouviu o seu nome. É inegável que Siqueira está vivo nas mentes e presente nas ações de um espantoso número de pessoas. Parafraseando o amigo e colega do ubaense na FGV, Wallace Souza – que, por sua vez, parafraseou João Guimarães Rosa, em entrevista para esta biografia –, Belmiro não morreu: ficou encantado.

### **O ÚLTIMO ADEUS**

A notícia da morte de Belmiro demorou algum tempo até chegar aos familiares. Por ter falecido durante a madrugada, em uma época sem o advento do telefone móvel, o

contato imediato com sua esposa e filhos não foi possível. O próprio ubaense foi responsável por atrasar o comunicado, pelo menos em sua residência. Lá, o telefone tocou bem antes do amanhecer, mas propositalmente ninguém atendeu. Como Siqueira orientava aos alunos que o ligassem naquele período do dia para tirar dúvidas – o melhor momento para achá-lo em casa –, Cassandra e o marido nem deram importância para o barulho do aparelho. Queriam mesmo era que parasse.

O susto ficou para o alvorecer daquele sábado. Cassandra havia acabado de acordar e estava passando o café. De repente, o telefone toca. Não era nenhum aluno. Do outro lado da linha, um amigo de Belmiro dá a triste notícia. Em Teresópolis, Becky e Gilda ficam sem chão quando tomam conhecimento do ocorrido também por um telefonema, feito à casa vizinha. No Hotel América, em Brasília, às 8 horas, Wagner recebe a ligação de Ailema Pucú, servidora do CFA, comunicando o falecimento do ubaense. Ele estava na capital federal por ocasião de uma reunião da Confederação Nacional das Profissões Liberais, da qual era vice-presidente. Mesmo conhecedor do destino escolhido pelo pai, ver sua conclusão o abalou profundamente.

De onde estavam, os filhos de Siqueira rumaram imediatamente para a cidade do Rio de Janeiro, sendo seguidos por alguns amigos e colegas do professor. Uns espantados com o inesperado, outros abalados pelo que já deveriam esperar, todos ficaram desolados. Entre o impacto e a tristeza, foi preciso encontrar paciência para aguardar a chegada do corpo trasladado de Porto Velho ao Rio de Janeiro.

Quando o corpo de Belmiro enfim chegou ao Rio, já era noite. O velório, realizado no Cemitério Ordem Terceira do Carmo, no bairro do Cajú, reuniu um grande número de pessoas. Família, professores, políticos, administradores, porteiros, serventes, todos reunidos para dar o último adeus àquele homem que, mesmo sendo único, era plural. Lamentavam a perda do professor, do mestre, do filósofo, do guru, do bom amigo. Sorvendo em lágrimas, cada qual por seu motivo, uniam-se pelo sentimento de ternura comum.

A quantidade de gente espantou os filhos, que não tinham noção da relevância popular atrelada ao pai. A multidão era tamanha que alguns familiares tiveram dificuldade em ver o momento derradeiro do sepultamento; a descida do caixão à cova. Naquele

---

*Cassandra havia acabado de acordar e estava passando o café. Do outro lado da linha, um amigo de Belmiro dá a triste notícia. Em Teresópolis, Becky e Gilda ficam sem chão quando tomam conhecimento do ocorrido também por um telefonema, feito à casa vizinha. No Hotel América, em Brasília, às 8h, Wagner recebe a ligação de Ailema Ducú, servidora do CFA, comunicando o falecimento do ubaense.*

instante, se deram conta de que o sorridente Belmiro se doara intensa e incessantemente enquanto viveu, tornando-se uma ideia irradiada a instâncias desconhecidas.

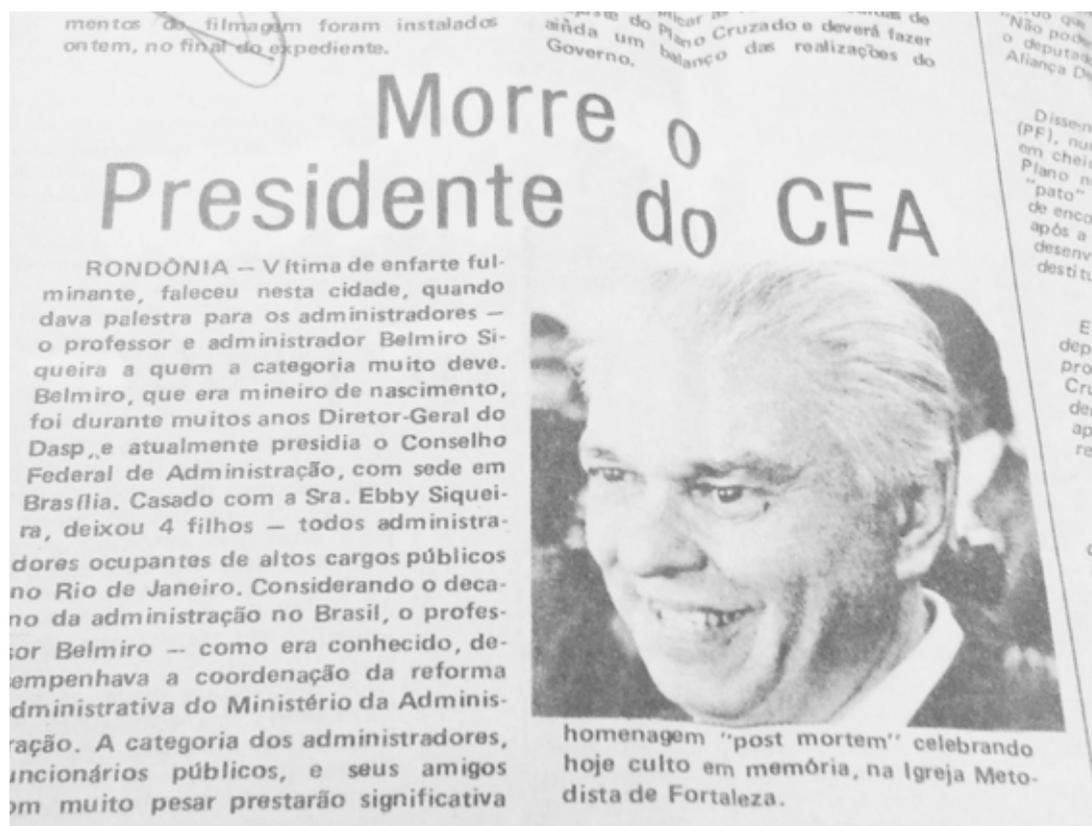
Durante a vida, Siqueira fazia questão de se manter aberto a diferentes linhas de pensamento, tratando de absorver o melhor de cada uma e, por fim, agregando a sua própria. No caso de filosofias e crenças religiosas, a prática também era aplicada. Educado à base de preceitos metodistas, experimentou a cristandade católica quando adulto e, já maduro, afinou-se com o espiritismo kardecista (também uma fé cristã). Ainda se voltou às filosofias de autoconhecimento, do greco-armênio George Ivanovich Gurdjieff, e da quarta dimensão, do matemático russo Piotr Demianovitch Ouspensky, além de estudar a integração entre ciência e teologia pregada pelo padre francês Teilhard de Chardin. Por tal motivo, os rituais póstumos se deram em diferentes instituições religiosas. Sem destoar do enterro, esses eventos também reuniram grande número de pessoas.

## BELMIRO – AMOR E ADMINISTRAÇÃO

---

O culto em louvor à vida – similar à missa de sétimo dia – aconteceu na Igreja Metodista do Catete; já a missa de mês, na Igreja da Candelária. O documento intitulado “Homenagem póstuma ao Professor Belmiro Siqueira”, editado e publicado pelo CRA-RO naquele período, ganhou notoriedade por descrever bem o seu homenageado e expressar o exato grau de importância que ele tinha diante da sociedade brasileira [veja na página ao lado]. O texto, que carrega o tom misto de gratidão, pesar e saudade, foi muito divulgado à época.

Houve larga consternação pela perda de Belmiro Siqueira em diferentes ambientes. Sendo uma figura marcante, tanto como pessoa quanto profissionalmente, sua partida causou o impacto previsto, sendo seguida por homenagens e honrarias póstumas. Dentre os lugares batizados com seu nome, consta até mesmo uma praça em Porto Alegre (RS). Porém, o maior reconhecimento feito ao pai da Administração brasileira seria instituído três anos depois da sua morte, pelo próprio colegiado do CFA.



Ao lado | Jornal noticiando a morte de Belmiro

HOMENAGEM PÓSTUMA

Ao Professor Belmiro Siqueira

Ouvi-lo, foi sempre, emocionante.

Recebê-lo em Rondônia, constituiu-se, para nós do CRA o mais significativo e gratificante acontecimento ao longo de mais de 10 (dez) anos de luta ao lado dessa classe laboriosa.

A despedida.

Ah a despedida !

A despedida, foi o mais cruel dos golpes que podíamos receber naquela madrugada de 29 de novembro, quando sem um ai se quer, calou sua voz. Uma voz diferente. Diferente de tudo que já se ouviu por estas plagas. Uma voz bem colocada, como um solista especial, irradiando luz onde se fazia noite; substituindo mágoa por compreensão e amor; descortinando horizontes, instituindo-nos como viver e conviver em harmonia com o todo.

Neste momento, acode-me à memória a vez primeira que nos encontramos. Eu, como acompanhante do Adm. Raimundo Leandro de Paulo, na qualidade de sua mulher, precisamente, no Palácio das Convenções do Parque Municipal de Belo Horizonte. U'a manhã de inverno. O vento frio açoitava-nos impiedosamente. No entanto o sol se fazia presente. Em razão do que ouvimos: " É assim, em Minas tudo é perfeito. Observem o sol que beleza ! Logo mais, já não nos incomodará o frio. " Rimos. O Dr. Antônio Sérgio de Medeiros Chaves fez as apresentações. Acrescentando: Belmiro, também é mineiro. Estávamos no mês de julho. De 18 a 20 daquele mês do ano de 1973 acontecia na capital das Minas Gerais a III Convenção Nacional de Administradores, de cujo evento boas amizades conquistamos. Além do Professor Belmiro Siqueira, ainda nos são caros, Guilherme Quintanilha de Almeida, Roberto Carvalho, Roberto Verdussen, deste há muito não temos notícias, Albino Nogueira de Faria, Alexandre Morgado de Matos, Luiz Monteiro de Barros, Antônio José Pinho, Agnello Portugal, Nivaldo Maranhão, Duaran Leão, Paulo Maranhão, Cícero Cantuário, Roberto Kafuri, dentre tantos outros, também o já citado Dr. Antônio Sérgio de Medeiros Chaves.

**IMORTALIDADE RECONHECIDA**

Durante a 24ª Sessão Plenária da Assembleia de Presidentes, realizada no dia 27 de maio de 1988, em Belém (PA), foi para votação a pauta sugerida pelo então vice-presidente do CFA, Assis Anhaia de Souza, de Porto Alegre. O assunto abordava a criação do Prêmio Belmiro Siqueira de Administração como uma forma de reconhecer o trabalho prestado pelo ubaense para que o Conselho e a própria profissão fossem possíveis no Brasil. Por unanimidade, o colegiado aprovou a sugestão.

*Criação do Prêmio  
Belmiro Siqueira de  
Administração como  
uma forma de reconhecer  
o trabalho prestado  
pelo ubaense para que o  
Conselho e a própria  
profissão fossem possíveis  
no Brasil.*



A premiação foi instituída naquele ano. Hoje, o Prêmio Belmiro Siqueira de Administração existe há mais de três décadas, prestigiando estudantes e profissionais de Administração que se destacam nacionalmente por contribuir com o desenvolvimento da técnica ou da ciência administrativa no país, seja no setor público, privado ou nas áreas de ensino e pesquisa. É fato que a comenda celebra o ubaense que doou mais de dois terços da sua vida à área, porém não o contempla integralmente, tendo em vista a magnitude do que realmente fez. Isso foi percebido ainda antes da década de 1990.

Desde a morte de Siqueira, já circulava no CFA a ideia de reconhecê-lo na mesma medida dos seus feitos. Foram mais de 40 anos de atuação, não exatamente como administrador, mas como pensador prévio do que seria tal área de atuação no Brasil. Em sua trajetória, Belmiro ajudou a moldar métodos inéditos que se mostraram funcionais, inovadores e eficientes, tanto no quadrante da prática quando do ensino. No auge da vida profissional, Belmiro foi o principal articulador da regulamentação da Lei dos administradores. Portanto, o Sistema CFA/CRA tem o suor de Siqueira em seu alicerce.

Em 1987, com menos de um ano do falecimento do Professor Belmiro, o presidente do CRA da 3ª Região, Duaran Leão Duarte, teve um insight: “Várias outras áreas, profissões e segmentos da sociedade tinham um patrono; os administradores, não. Era hora de ter um. Pelo fato de Belmiro Siqueira ter passado a vida toda lecionando sobre Administração, brigando pela categoria e mostrando-se um homem de ponta junto ao poder público, nada mais justo que fosse ele”.

*Em sua trajetória, Belmiro ajudou a moldar métodos inéditos que se mostraram funcionais, inovadores e eficientes, tanto no quadrante da prática quando do ensino.*

## BELMIRO – AMOR E ADMINISTRAÇÃO

---

A proposta de Duaran foi aceita e ratificada de imediato pelo plenário do Regional nordestino. A partir de então, o assunto foi ventilado no Conselho Federal e deu origem a sucessivos debates. Embora a vontade da maioria fosse de conceder o título póstumo a Belmiro, alguns acreditavam que era cedo para tal e precisaria ser melhor tratado com a classe. A reflexão perdurou mais de dois anos.

Em 1990, Duaran se tornou presidente do CFA e recolocou a decisão da escolha do patrono da Administração em pauta. A proposição foi contestada novamente, porém com menos força. Conselheiros de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul se mostraram contrários à escolha. A discordância não fazia referência ao legado de Belmiro; era sustentada exclusivamente pelo receio da passionalidade, uma vez que o provável homenageado era indistintamente querido no universo da classe. Porém, uma breve vista na trajetória de Siqueira acabou dissolvendo qualquer insegurança na escolha.

A comenda não poderia ser mais justa e acertada. O título recairia sobre o homem que dedicou a vida a aprender, ensinar e praticar – ao passo que desenvolvia – a Administração, desde os seus primórdios no Brasil. No dia 11 de maio de 1990, o plenário do CFA dá o veredicto e Belmiro Siqueira é alçado a Patrono dos Administradores do Brasil. Quem já iluminava, principalmente pela posição de professor ainda em vida, teve a luz difundida e eternizada mesmo após a morte.



*No dia 11 de maio de 1990, o plenário do CFA dá o veredicto e Belmiro Siqueira é alçado a Patrono dos Administradores do Brasil.*

Ao lado | Busto de Belmiro Siqueira, patrono dos Administradores

*Conversei com  
filhos, sobrinhos,  
netas, alunos,  
amigos de infância  
e colegas de  
trabalho. A cada  
entrevista, ouvi  
uma nova história.  
Em todas,  
invariavelmente,  
notei a presença  
de dois conceitos:  
empatia e amor.*

### **A ALMA VIVA DE SIQUEIRA**

Desde muito novo, identifico quão indispensável é desvelar o universo que me cerca. No meu caso, a literatura e a história são os maiores instrumentos reveladores da realidade. Por meio delas, construo e desconstruo conceitos, certezas, pensamentos, alterando e aperfeiçoando o modo como enxergo a vida e a minha posição no mundo. O ofício que escolhi é efeito dessa percepção. Ao abordar um assunto, preciso primeiro imergir em seu conteúdo, analisá-lo para, em seguida, construir uma narrativa. O extrato é a aquisição de “partículas de ouro acumuladas na minha prata”.

Para escrever a biografia de Belmiro Siqueira, tive de investigar sua trajetória. Analisei documentos, conferi feitos oficiais e conquistas profissionais, chegando à conclusão de que o brilhantismo intelectual atribuído ao personagem é justo e suas ações foram muito relevantes para o aperfeiçoamento do Estado e da Administração brasileira. Apesar de admirável, o resultado era esperado. Mas nenhum expoente público é apenas aquilo que produz oficialmente; é, antes de tudo, um ser humano, entidade complexa a lidar eterna e concomitantemente com razão e emoção.

A fim de conferir completude e originalidade à obra – assumindo que biografar é codificar a identidade do biografado a partir de conteúdos materiais e imateriais, racionais e emocionais –, mergulhei na intimidade do ubaense, esperançoso de colher, vezes por meio do subjetivo, a humanidade por trás do nome estampado no Prêmio do CFA há 30 anos. Conversei com filhos, sobrinhos, netas, alunos, amigos de infância e colegas de trabalho. A cada entrevista, ouvi uma nova história. Em todas, invariavelmente, notei a presença de dois conceitos: empatia e amor.

Belmiro se revelou uma pessoa atípica na capacidade de ler e compreender o outro. Para além dos níveis que garantem o convívio em sociedade, a percepção belmiriana se mostra capaz de projetar-se em distintos seres e expõe a bondade como instrumento de evolução pessoal e social. É essa a qualidade essencial de Siqueira, alimentada substancialmente por preceitos cristãos como “oferecer a outra face” e “amar ao próximo como a si mesmo”. Justificadamente, tais atributos impuseram-se como a alma deste livro, ainda viva naqueles que doaram suas memórias para materializar a obra.

*O cerne de "Belmiro Siqueira – Amor e Administração" permeou meu cotidiano ao longo do último ano. Por meio da história do ubaense, meditei inúmeras vezes acerca de minhas ações, minha relação com o outro e como reajo diante de adversidades. Obviamente, não adquiri o pacote de clareza que pude grafar; entretanto, a oportunidade de refletir já se configura um lucro intangível.*

Extrapolando o status de insumo profissional, o cerne de “Belmiro Siqueira – Amor e Administração” permeou meu cotidiano ao longo do último ano. Por meio da história do ubaense, meditei inúmeras vezes acerca de minhas ações, minha relação com o outro e como reajo diante de adversidades. Obviamente, não adquiri o pacote de clareza que pude grafar; entretanto, a oportunidade de refletir já se configura um lucro intangível.

Os textos que você vai conferir a seguir não obedecem nenhuma ordem lógica na disposição de seus conteúdos. São alguns fatos curiosos, revelados exclusivamente por entrevistados, capazes de ilustrar com ainda mais clareza o ser humano que foi e a ideia que se tornou Belmiro Siqueira.

---

### O BOM SENSO RESOLVE

Embora não haja exatidão de data, o caso ocorreu entre 1954 e 1956. Siqueira havia organizado um concurso para assistente administrativo da prefeitura do Distrito Federal. O cargo era de relativa importância e reuniu centenas de candidatos concorrentes. No dia seguinte ao da realização do concurso, surgiu a informação de que muitas respostas da prova haviam sido vendidas. Formou-se um escândalo e a história foi parar nos jornais. Sem encontrar o culpado e ciente da sua posição de diretor, Belmiro assume a responsabilidade pela fraude e decide pedir demissão do cargo. Para ele, não era plausível que uma falha tão grave não tivesse resposta.

Graças ao bom senso e às investigações instauradas, o quadro logo se reverteu e o servidor ubaense não precisou devolver o posto. Pouco tempo após o escândalo, provou-se que as questões foram vazadas por um funcionário da prefeitura. Foi o contínuo que, tendo acesso ao mimeógrafo, furtou algumas provas e vendeu. Depois de identificado o responsável, Belmiro pode poupar a si mesmo. Não fosse o desvelar da verdade, ele tomaria para si a responsabilidade sem ao menos aguardar esclarecimentos. Para ele, se seu sacrifício significasse apaziguar os ânimos e manter imaculada a credibilidade do trabalho, assim o faria.

Já no final da década de 1970, Belmiro foi o articulador do retorno dos professores do Estado do Rio de Janeiro ao trabalho. A classe promovia uma dura greve que não apresentava intenção de cessar. A intervenção do ubaense acabou desmobilizando os grevistas, que aceitaram retomar as atividades. O feito circulou o país, pousando nos ouvidos do recém-empossado secretário de Educação de Sergipe, Antônio Carlos Valadares.

*Para ele, se seu sacrifício significasse apaziguar os ânimos e manter imaculada a credibilidade do trabalho, assim o faria.*

*Diálogo sedutor e apaziguador é o que Belmiro empunhava nos momentos mais quentes dos debates. Respeitoso, muitas vezes dobrava um antagonista com afabilidade e um discurso próximo, quase informal, muitas vezes começando pela expressão "meu nego".*

Quem conta a história é o administrador Francisco de Jesus, à época funcionário da Fundação Escola de Serviço Público (FESP), no Rio de Janeiro. Certo dia, a secretária lhe transfere a ligação de uma autoridade do Nordeste do país. Achou estranho que lhe procurassem e pediu que a moça checasse se o telefonema não seria para Belmiro. Não era. Queriam realmente falar com ele. Ao atender, escutou: “aqui é Antônio Valadares, falando de Sergipe”. Compreendeu de imediato que desejavam a ajuda de Siqueira para resolver querela semelhante a que desenrolara no Rio. O jovem Francisco devia ser a ponte entre as duas autoridades.

O funcionário da FESP reportou o fato a Belmiro assim que o encontrou e recebeu orientação de marcar uma reunião com Valadares. No dia agendado, o sergipano se apresentou e, a portas fechadas, escutou atentamente o que Siqueira dizia. Apesar de não sabermos o conteúdo da conversa, é fato que o secretário do Governo de Sergipe voltou para o seu estado com argumentos suficientes para por fim à greve na base do diálogo.

Diálogo sedutor e apaziguador é o que Belmiro empunhava nos momentos mais quentes dos debates. Respeitoso, muitas vezes dobrava um antagonista com afabilidade e um discurso próximo, quase informal, muitas vezes começando pela expressão “meu nego”. Por isso, era querido e reverenciado pelos colegas de Conselho. De acordo com eles, “quando a coisa começava a ferver, o professor Belmiro, com toda a calma e mansidão que tinha, resolvia o problema sem elevar o tom de voz”.

**OS IRMÃOS JACOB**

Na década de 1960, quando o governo de Jânio Quadros – cujo símbolo de campanha era uma vassoura – fez a faxina no funcionalismo público, Nacipe Jacob ficou desempregado. Era servidor concursado na Previdência Social e foi sumariamente exonerado. Sem saída, razoavelmente acanhado, foi ao Rio de Janeiro buscar ajuda do velho amigo Belmiro. No cargo mais alto do DASP, o ubaense facilmente remediou a situação.

O depoimento de Nacipe a respeito da sua amizade de infância com Siqueira é especialmente emocionado quando chega a esse assunto. Com 84 anos de idade, Jacob não escondeu o sentimento: “Belmiro não foi só um amigo; foi mais que um pai para mim. Essa casa, a educação dos meus filhos, minha vida como é, tudo isso devo a ele. O trabalho na Previdência foi o meu primeiro cargo público, conseguido por meio de concurso. Com ele sustentei minha família até o dia em que fui para a Receita Federal, onde me aposentei. Quando fui demitido não sabia o que fazer. Belmiro me devolveu o emprego, incluindo todo o tempo de serviço descontado com a exoneração. Mesmo assim, ele nunca me pediu nada em troca. Sou um homem de sorte, tive um bom amigo na vida”.

Eduardo, irmão de Nacipe, também se viu às voltas com a administração de Quadros. Igualmente servindo à Previdência, não foi exonerado, mas sofreu com o enxugamento do órgão. Seu volume de trabalho praticamente dobrou ao ser obrigado a assumir funções de outras competências, com o agravante da redução da carga horária – de período integral para meio período, pelo menos em teoria –, o que minguou sua remuneração. Portanto, na prática passou a trabalhar mais do que antes e receber menos.

*Belmiro não foi só um amigo; foi mais que um pai para mim. Essa casa, a educação dos meus filhos, minha vida como é, tudo isso devo a ele.*

*Quando podia ir à feira aos domingos, intrigava até mesmo seus filhos. Passava de banca em banca comprando os refugos. Frutas, verduras, legumes e hortaliças condenadas eram o foco principal.*

Depois de procurar os superiores a fim de reverter a reorganização injusta e não ter sua reivindicação atendida, Eduardo Jacob decidiu recorrer ao amigo na capital fluminense. No prédio do DASP, pediu à secretária que o anunciasse, já adiantando o motivo da visita. Belmiro o atendeu de imediato, adiando ligeiramente outros compromissos. Ao ouvir o caso, o diretor “daspiano” se mostrou verdadeiramente chateado com a injustiça promovida pelo órgão do Estado. De acordo com Jacob, Siqueira imediatamente fez uma ligação, na qual disse: “ele é servidor de tempo integral, façam o favor de devolvê-lo à sua função com a remuneração cabida e restitua todo o atrasado”. No dia seguinte, o Boletim de Serviço da Previdência publicava a decisão.

O que fez para os amigos, Siqueira teria feito por qualquer outro que lhe pedisse. Nos dois casos mencionados, apesar de pujante, o altruísmo foi deslocado para segundo plano. Diante da arbitrariedade enfrentada por quem lhe pediu ajuda, Belmiro se valeu primordialmente da confiança no regime do mérito e do sólido senso de justiça que possuía.

### **DEIXA QUE EU COMPRO**

Era nos intervalos da inquieta vida profissional que, aos olhos de quem não o conhecia, Belmiro causava espanto. Quando podia ir à feira aos domingos, intrigava até mesmo seus filhos. Passava de banca em banca comprando os refugos. Frutas, verduras, legumes e hortaliças condenadas eram o foco principal. Comprava tudo. A quantidade ultrapassava muitas vezes a capacidade de consumo em sua casa, ao que os filhos indagavam: “pai, a gente não vai conseguir comer tudo isso”. Siqueira achava graça e respondia: “não faz mal, distribuímos e, se mesmo assim sobrar, alimentamos os animais. Se ficar aí, apodrece e ninguém compra”.

---

*Ele adorava dirigir e, por isso, sempre recusou carros oficiais. Ia para o DASP com o próprio veículo, desfrutando a prática da direção. Ia devagar, muito devagar, curtindo o trajeto.*

Outra prática recorrente do ubaense se dava nos semáforos cariocas. Ele adorava dirigir e, por isso, sempre recusou carros oficiais. Ia para o DASP com o próprio veículo, desfrutando a prática da direção. Ia devagar, muito devagar, curtindo o trajeto. Quando encontrava um sinal vermelho, preparava a carteira para o caso de aparecer alguém vendendo doce ou outra coisa. Em vez de comprar uma unidade, levava toda a mercadoria do ambulante. Depois distribuía entre os alunos, colegas ou as crianças em casa. Era o jeito que encontrava de ajudar quem estivesse no caminho.

### **UM DIA SE CANSARÃO DE FURTAR**

Do seu jeito, o ubaense também acreditou que podia influenciar quem seguia por um caminho tortuoso na sociedade. Pagava o mal com o bem, certo de que subverteria o negativo se persistisse. Essa convicção talvez tenha sido a que mais incomodou quem o amava, por não perceberem que a inércia ou reação amorosa a uma investida espúria não representava comodismo ou submissão; inverso ao julgado pela aparência, era um duro movimento de luta pelo aperfeiçoamento humano, abstermo do uso da força.

Habitualmente, Belmiro ia ao trabalho com meio de condução próprio. Estacionava o automóvel na rua, em frente ao prédio em que trabalhava, e só retornava ao final do expediente. Certa vez, quando ia embora, notou que o veículo fora violado e o aparelho de som furtado. Calmo, seguiu para sua casa. Reparou o carro, repôs o rádio e voltou à rotina sem alterá-la em um milímetro.

*Pagava o mal com o bem, certo de que subverteria o negativo se persistisse.*

*Essa convicção talvez tenha sido a que mais incomodou quem o amava, por não perceberem que a inércia ou a reação amorosa a uma investida espúria não representava comodismo ou submissão; inverso ao julgado pela aparência, era um duro movimento de luta pelo aperfeiçoamento humano, abstermo do uso da força.*

Na semana seguinte, encontrou o carro arrombado e sem o toca-fitas novamente. Refez os mesmos reparos e continuou a vida como se não houvesse sofrido mal algum. Outra vez foi furtado. Em casa, a esposa e os filhos pediam que ele tomasse providência, formalizasse queixa na polícia e abdicasse de continuar indo trabalhar com veículo próprio ou, pelo menos, estacionasse em local mais seguro. Sem o menor sinal de desconforto, Siqueira respondia: “um dia, ele [o bandido] cansa”. Estava certo: depois de repetirem o furto algumas vezes, pararam subitamente.

Belmiro também foi afanado em outras ocasiões e de outras formas, mas nunca reagiu se valendo da força. Um dos seus sobrinhos tinha o costume de trapacear usando seu nome para pedir empréstimo a conhecidos, falsificar assinaturas, “pintar o diabo”. De repente, alguém ia cobrar a Belmiro “aquele dinheiro que o senhor pediu para seu sobrinho pegar”. O ubaense não apenas pagava, como se desculpava pelo atraso, e não tratava diretamente o mal feito com o rapaz. A escolha educacional que fazia era delegar responsabilidades ao trapaceiro, lhe concedendo tratamento amoroso e acolhedor.

Os filhos do ubaense também se irritavam com a postura do pai nessa situação. Achavam ultrajante que o primo vigarista não fosse repreendido da forma que merecia e ainda continuasse sendo ajudado. Siqueira fazia uma leitura diferente do fato: ao sobrinho, faltava amor e orientação. Esses eram os motivos dos desvios do rapaz e, para ajudá-lo a se tornar uma pessoa melhor, era preciso suprir tais carências. Sob esse prisma, qualquer movimento de repreensão ou embate poderia ser contraproducente, já que o constrangimento ocasionado pela transparência dos fatos possibilitaria um afastamento entre os entes.

Belmiro amava esse sobrinho e fazia tudo por ele. Quando o rapaz foi assassinado durante um evento de briga de galos, em Alcântara, São Gonçalo, o ubaense sentiu muito, como relatam seus filhos. Mesmo com a saudade e o pesar, o modo como Siqueira agiu com esse familiar satisfazia sua consciência. Usou o amor, abrindo mão da convencional repreensão, estimulando e deixando sempre a porta aberta para o movimento de mudança do outro. O jovem partiu gozando do amparo do tio que, vez em quando, afanava.

### **AMOR PELOS ANIMAIS**

Os bichos também se beneficiavam do amor de Belmiro Siqueira. Sua casa chegou a ter: cinco cachorros; um papagaio; um casal de caburé (pássaro parecido com coruja); vários outros pássaros; e muitos cágados. Além disso, o ubaense cuidava de sempre ter um generoso saco de milho no carro para alimentar os pombos que via pela rua e, por um tempo, no fim da vida, colocava fruta para um gambá que vivia nos arredores da casa – Cassandra fala que, depois da morte do pai, o bicho ainda voltou algumas vezes para buscar a “janta”. Belmiro protegeu até a um rato, no pátio de casa, afastando os cães que acuavam o roedor, permitindo-lhe a fuga.

Houve uma época em que Eby proibiu o marido de colocar mais cágados em casa, porque já tinham mais de 12; “estava demais”. Para manter o controle, ela pintou os cascos, enumerando cada um. Belmiro não entrou em conflito, apenas consentiu. Parecia que tudo tinha se resolvido, até notarem que os números estavam se repetindo. Era a expressão mais cômica da personalidade moleque do ubaense, então desmascarado em meio às gargalhadas da família frente à situação.

*Houve uma época em que Eby proibiu o marido de colocar mais cães em casa, porque já tinham mais de 12; "estava demais". Para manter o controle, ela pintou os cascos, enumerando cada um. Belmiro não entrou em conflito, apenas consentiu.*

Sério era o amor que ele tinha pela vida, em todas as suas formas. Um dia, passando de carro com a neta Vanessa, mantendo a baixíssima velocidade costumeira, viu o para-brisa ser atingido por uma borboleta, que ficou presa no limpador. Começava uma leve chuva e a visibilidade diminuía pouco a pouco. “Vovô, tira a água do vidro”, disse a garota. “Não posso, vai matar o bichinho”, Belmiro respondeu. Assim que achou um lugar seguro às margens da pista, parou o carro e, com cuidado, liberou o inseto para seguir voando.

“Aquilo ficou gravado na minha memória com muita força. Eu era criança e não entendia o que significava. Hoje compreendo como o meu avô era um homem diferente, puro amor por tudo e todos. Não gostava nem que matássemos insetos”, refletiu Vanessa durante nossa entrevista. Ainda muito nova quando Belmiro faleceu, a expressão da neta está firmada numa vivência infantil, pura e verdadeira, decifrada à luz da maturidade.

### **UM VOVÔ DE CONTO DE FADAS**

Andréa Siqueira é a neta mais velha de Belmiro. Ao descrever o avô, em síntese, o coloca como “um personagem de conto de fadas”. Faz isso por identificar nele um jeito particular de enxergar a vida e transmitir sua visão aos outros. Novamente, o amor está

no centro; só que, neste caso, plenamente apoiado no lirismo do ubaense, na sua arte de usar o romantismo para apresentar a vida sem seus espinhos.

A pequena Andréa, com cerca de 6 anos de idade, queria muito ter um pônei. Resolveu pedir ao avô. Usando a razão, Siqueira tentou fazer a neta desistir da ideia afirmando que não haveria lugar onde guardar o animal. Muito inventiva, a menina logo encontrou uma solução: “deixo na garagem do prédio, dou um jeito”. “Então está bem”, concordou o avô, enquanto arquitetava de que maneira procederia.

Um não definitivo encerraria o assunto, mas Belmiro achou interessante seguir um caminho diferente e embarcou na viagem da neta. Começaram uma odisséia ficcional em busca do pônei e, a cada domingo (dia que Andréa encontrava o avô) era um novo episódio. Primeiro, deveriam escolher qual seria a melhor mãe para parir aquele filhote. Debatiam e o ubaense se encarregava de “cuidar de tudo”. Nessa aventura seguiram por bastante tempo.

A cada episódio, um novo arranjo. A menina passava a semana aguardando a evolução da história, ansiosa para saber o que aconteceria ao seu pônei. Em determinado domingo, a notícia era que o pequeno animal estava em uma carreta a caminho do Rio de Janeiro quando o veículo virou na estrada. “O que aconteceu, vovô? Ele morreu?”, perguntou a garotinha. “Não, minha filha. Na verdade foi bom pra ele, o bichinho saiu correndo pelo pasto, feliz da vida. Acho que não queria viver na cidade. Vamos procurar outro pônei”, Belmiro encerrava uma aventura e logo começava outra.

Andréa não sabe ao certo quanto tempo durou aquele conto, mas lembra que depois de muito explorarem a história do pônei, um dia teve a confirmação de que seu

*Andréa Siqueira é a neta mais velha de Belmiro. Ao descrever o avô, em síntese, o coloca como "um personagem de conto de fadas".*

*Enquanto o filho estava verdadeiramente descontente com a situação e irado com o humorista, chegou a hora de Belmiro subir ao palco. Não precisou completar o primeiro minuto para se ouvir gargalhadas na plateia.*

desejo não seria atendido. Não fez diferença, a menina havia se entretido tanto naquela fantasia que a vontade de ter o animal em casa se dissipou. Já adulta, ela guarda essa como uma das melhores lembranças de Belmiro: um vovô de conto de fadas.

#### **UM PIADISTA NA SHELL**

Em 1977, na Fundação Escola do Serviço Público do Rio de Janeiro, a Shell promoveu um evento no Rio de Janeiro, organizado por Wagner Siqueira, para falar a respeito de burocracia. O primeiro a falar seria o presidente da sucursal brasileira da empresa, Evair. Em seguida, um comico famoso à época amainaria o clima sisudo da conferência, contando piadas sobre o tema. Belmiro foi convidado para proferir a última palestra, na qual abordaria o assunto na esfera pública.

Wagner abriu o evento dando as diretrizes aos participantes, expondo como seria. Evair, então, fez uma palestra abordando a burocracia e como ela também estava presente em uma multinacional de ponta como a Shell. Na hora do comico se apresentar, ele descumpre o acordo feito na ocasião do contrato. Conta duas piadas sobre o tema e usa todo o tempo disponível para promover seu show em cartaz no Teatro Manchete. O jovem Siqueira fica constrangido diante dos presentes: “eu não havia combinado nada daquilo, era para ele fazer graça usando o tema do encontro. Ele nem sequer tinha estudado o assunto, claro que não”, disse em entrevista.

Enquanto o filho estava verdadeiramente descontente com a situação e irado com o humorista, chegou a hora de Belmiro subir ao palco. Não precisou completar o primeiro minuto para se ouvir gargalhadas na platéia. Siqueira conhecia muito bem o seu herdeiro e não precisou de uma palavra para entender o que deveria fazer. Era um piadista nato e usou cerca de 40 minutos do seu tempo para contar piadas com a temática proposta. O clima foi dos melhores e tanto o público quanto a empresa ficaram satisfeitos com o resultado do evento. Até o próprio Wagner, que já guardava uma boa bronca na garganta, se tranqüilizou e desistiu de aplicar a dura preparada para o descumpridor de acordos.

### **BATER O CARRO TEM UM LADO BOM**

Recém-habilitada, Becky passou a usar o carro de Wagner sempre que precisava, geralmente para ir ao colégio onde dava aula. O combinado entre irmãos funcionava bem: era só abastecer e estava tudo certo. Entretanto, acidentes são imprevisíveis e podem acontecer a qualquer momento.

Wagner havia acabado de se casar e estava em lua de mel com Vera, sua primeira esposa, quando a irmã decidiu dar uma voltinha de carro. Dessa vez não ia ao trabalho, estava apenas passeando e aproveitando para treinar sua habilidade como motorista. Becky segurou o volante com firmeza e se manteve atenta ao trânsito; mesmo assim, não pôde evitar o inesperado. A inexperiência não a poupou da batida, uma colisão leve que acabou levando-a quase ao desespero.

*"Isso é experiência, faz parte do seu aprendizado. Além do mais, se a gente não batesse o carro, o que seria do mecânico e do lanterneiro? Não teriam trabalho. A gente bate para dar emprego ao próximo"*

A jovem Siqueira estava apavorada, principalmente, com a possível reação do irmão quando soubesse do ocorrido. Confusa e com medo da bronca que poderia tomar, deu um jeito de ligar para Jonny e pedir socorro. Porém, quem apareceu na cena do acidente não foi o irmão mais velho; foi seu pai. Apavorada, Becky pensou: “o papai vai brigar comigo”. Muito bem-humorado, Belmiro chegou sorrindo e dizendo: “minha filha, parabéns”.

Sem entender o que o pai queria dizer, Becky o questiona atribulada: “O que é isso, papai?”. “Isso é experiência, faz parte do seu aprendizado. Além do mais, se a gente não batesse o carro, o que seria do mecânico e do lanterneiro? Não teriam trabalho. A gente bate para dar emprego ao próximo”, disse o ubaense, a fim de tranquilizar a filha.

Era esse, de fato, o tipo de pensamento que Belmiro nutria. Até uma desagradável colisão de trânsito pode ser vista de forma positiva. Sua capacidade de ver o lado bom da vida se apresentava de maneira simples e, em muitas ocasiões, de forma simplória. Apesar de parecer, não era um contraste à complexa capacidade cognitiva do otimista Siqueira, mas sim o instrumento de completude que tornou capaz o seu destaque como ser humano.

### **TÃO OU MAIS JOVEM QUE OS FILHOS**

A vida corrida dava a Belmiro momentos curtos ao lado dos filhos, mas a qualidade desse contato era inversamente proporcional à sua quantidade. Ele fazia questão de aproveitar os mínimos instantes para se manter presente na vida da prole. Por mais

*Ele fazia questão de aproveitar os mínimos instantes para se manter presente na vida da prole. Por mais tarde que chegasse em casa, não deixava de passar na cama de cada um para dar um beijo e desejar boa noite.*

tarde que chegasse em casa, não deixava de passar na cama de cada um para dar um beijo e desejar boa noite. Cassandra, que viveu sempre com o pai, afirma que ele seguiu esse costume até morrer: “eu já era casada e ele não deixava de me dar o beijo de boa noite”. Os domingos eram também dedicados ao fortalecimento desse contato paternal, que se estendia aos sobrinhos, principalmente os filhos de Joãozinho, por meio de passeios pela capital carioca.

Por ter uma forma de pensar a vida muito diferenciada em relação a seus contemporâneos, Siqueira acabou construindo uma relação de confiança extremamente forte com os jovens. O apoio ao casamento da sobrinha Elizabeth é um exemplo. Quando a moça decidiu casar, os pais não a apoiaram e nem participaram do casamento, como forma de protesto. Foi no tio Belmiro que Beth encontrou suporte para seguir etapa tão importante da vida. Mesmo ciente da posição do irmão, o ubaense deu sua benção à união, conduziu a noiva na Igreja, ao lado de sua esposa Eby, e caiu nas graças do noivo, que se tornou um grande admirador daquele tio postiço.

Aos filhos, frente à esposa, Belmiro era visto igualmente mais compreensivo. Eby não permitia que Cassandra frequentasse os bailinhos cariocas, então a garota acabava mentindo para burlar a ordem da mãe: dizia que ia à igreja e ganhava o mundo. Já o pai sabia de toda a armação e acabava apoiando: “vá viver, minha filha. Você é jovem”. O grau de desprendimento de Siqueira em relação a valores obsoletos era tão grande que chegou a perguntar à filha, instantes antes do casamento, se ela queria desistir da união: “ainda dá tempo”. Mesmo em tom de brincadeira, ele falava sério, garante a herdeira.

O ubaense cuidava de ser simples e objetivo em seus ensinamentos. Um deles, por mais irrisório que pareça, foi agarrado com muita força por Becky: “Ele dizia que a gente não pode ficar com a cabeça parada. Se não tivesse com o que ocupar, falava que deveríamos pegar uma caixa de botões, jogar todos no chão, catá-los e depois repetir o movimento quantas vezes fosse necessário. Há uns quatro anos, eu dei essa dica a uma amiga da minha filha que está morando no exterior e me dizia que estava muito sozinha. Na semana seguinte, ela me disse que a dica funcionou muito, claro que no sentido figurado, de se manter ocupada”.

*Aos filhos, frente à esposa, Belmiro era visto igualmente mais compreensivo. E by não permitia que Cassandra frequentasse os bailinhos cariocas, então a garota acabava mentindo para burlar a ordem da mãe: dizia que ia à igreja e ganhava o mundo. Já o pai sabia de toda a armação e acabava apoiando: "vá viver, minha filha. Você é jovem".*

Em dado momento, Belmiro contrariou o próprio filho Jonny quando deu um presente à neta Andréa. A adolescente, então com 15 anos, queria muito o livro "O Relatório Hite", uma pesquisa recém-lançada a respeito do prazer sexual feminino. Sabendo que ninguém mais poderia atendê-la, a garota foi direto ao avô. O velho nem questionou; avaliou que aquela fonte de informação era legítima e interessante e, mesmo sabendo estar contra a vontade do filho, atendeu o desejo da neta.

Na função de pai, assim como em tudo mais em sua vida, Belmiro conseguia unir sabedoria e experiência a uma juventude constante, à revelia do avançar da idade. Conseguia ser mais liberal que os próprios filhos em muitas ocasiões. Compreendia o momento dos mais novos, os ensinava e apoiava ao mesmo tempo, conseguindo contrariar os de sua geração sem necessariamente confrontá-los. Expressando-se pela linguagem do amor, terminava por não encontrar resistência oriunda de outro tipo de sentimento.

### **O ETERNO MENINO DE UBÁ**

Dos mais altos postos da República, Belmiro nutria uma simplicidade interiorana que o fazia destoar do comportamento formal e litúrgico da maioria dos ambientes que frequentou.

---

*Dos mais altos postos da República, Belmiro nutria uma simplicidade interiorana que o fazia destoar do comportamento formal e litúrgico da maioria dos ambientes que frequentou.*

Mesmo assim, apresentava um contraponto a essa estampa: a paixão por carros. Chegou a ter quatro ou cinco automóveis diferentes na garagem, todos automáticos, por hobby. Vivia atento às novidades automobilísticas e contava com os conselhos do irmão Joãozinho na hora de adquirir novo exemplar.

A dissonância se encerra aí. Na vida prática, Belmiro poderia ser facilmente taxado como deselegante por quem não o conhecia. Variava pouco o vestuário, dando preferência a ternos claros (a maioria brancos) e confortáveis em detrimento dos mais alinhados. A gravata, como já mencionado, jamais foi usada sem a folga que julgava suficiente ao seu conforto. Segundo os próprios filhos, “se vestia mal, às vezes parecia até um bicheiro”.

Em uma ocasião, o “apeço” que tinha por andar bem vestido fez o ubaense ficar de cueca em plena igreja. Ele integrava o coral gospel do templo e era dia de apresentação. Nessa época, havia perdido um pouco de peso e, conseqüentemente, contou com uma leve redução da circunferência abdominal. Entre um hino e outro, ao tentar entoar uma nota mais aguda, murchou a barriga. As calças, que já estavam folgadas, imediatamente foram ao chão. Sua reação foi pedir desculpa sem deixar de fazer uma piada e rir de sua desventura. Eby não achou aquilo nada engraçado e encheu o guarda-roupa do marido de suspensórios após o ocorrido.

A esposa de Belmiro era dura e muito séria. Por vezes, se irritava com o jeitão informal do marido. Em casa, o ubaense gostava de circular apenas usando cueca, à revelia de quem ali estivesse. Tomava banho na cobertura e descia só de toalha. Como em um ritual, era sempre a mesma ladainha: “Uma hora essa toalha vai cair”, repetia Eby enfurecida. Ele nem ligava, continuava com suas manias de menino de interior.

Nos raros momentos de diversão fora da rotina cotidiana, Belmiro Siqueira tinha o refinado gosto popular brasileiro. Às sextas-feiras possíveis, não dispensava uma reunião com os colegas no restaurante Pronto, no bairro do Leblon. Ali ele se tornava o cantor de músicas italianas e seguia noite adentro com sua cantoria. Aos domingos, gostava de ir ao cinema com Eby para ver filmes de faroeste e à noite comiam pizza em um botequim, geralmente acompanhados dos filhos.

Siqueira também adotou o trato próximo e informal a qualquer pessoa de seu convívio pessoal ou profissional. Não exigia ser tratado por título, embora certamente tenha gostado muito de ser chamado de professor por quase todos. Como se relacionava com um número incalculável de pessoas, tinha dificuldade em memorizar tantos nomes. Para isso, adotou uma tática que contemplaria o carinho e o respeito ao mesmo tempo em que eliminaria a impessoalidade, sem necessariamente nominar o interlocutor: decidiu chamar a todos de “meu nego” ou “minha nega”.

Sua simplicidade subverteu a ordem pedagógica fomentadora do abismo entre mestre e aluno. Professor Belmiro não dava aula em tablados, não comungava da cultura de manter-se em nível elevado em relação à classe. As aulas funcionavam olho no olho, por meio do ensino democrático que dava voz a cada participante, estendendo a formação do conhecimento para além do espaço físico das escolas. Ficou conhecido como “orelhão da Estácio” justamente por isso, por dar liberdade aos seus instruídos de o procurarem, por meio de telefonemas, em sua própria residência.

*A esposa de Belmiro era dura e muito séria. Por vezes, se irritava com o jeito informal do marido. Em casa, o ubaense gostava de circular apenas usando cueca, à revelia de quem ali estivesse.*

---

*Ele não sabia ser diferente. Na qualidade de ministro, presidente, diretor ou professor, deixou sua marca na história do Brasil e da Administração. Como ser humano, doou-se em abstrato. Nos dois casos, foi o tempo inteiro o menino de Ubá.*

Além disso, Siqueira gozava do dom do humor e da alma lírica. Suas aulas eram ansiosamente esperadas pelos estudantes porque a atmosfera acadêmica ganhava unicidade nessas ocasiões. O professor envolvia a todos mesclando o conteúdo programático a histórias, muitas vezes cômicas, oriundas de experiências pessoais e plenamente palpáveis para aqueles que ouviam. O guru da Administração brasileira lecionava usando a realidade como instrumento.

Verdadeira era a fome do ubaense. Belmiro tinha o estranho hábito de distribuir comida pelos bolsos de suas vestimentas. Barrinhas de cereais, frutas, biscoito, tudo cabia nos compartimentos das calças e do paletó. Sem cerimônia, o ilustre ministro sentava-se à beira do tablado ou de uma calçada qualquer, sacava o alimento que viesse à mão e tratava de acabar com o vazio no estômago.

O que se percebe é que Belmiro Siqueira tinha ciência e segurança de quem essencialmente era e viveu blindado da vaidade demasiadamente sedutora aos que desfrutavam do poder. Ser alguém acessível e de costumes simples era, portanto, um modo sábio de seguir sua moral, de manter a beleza no olhar e não condicioná-la ao que mirava. Ele não sabia ser diferente. Na qualidade de ministro, presidente, diretor ou professor, deixou sua marca na história do Brasil e da Administração. Como ser humano, doou-se em abstrato. Nos dois casos, foi o tempo inteiro o menino de Ubá.





